UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS - DCG

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGEO

THALITA NATÁLIA CAVALCANTI

A (RE)PRODUÇÃO SOCIOESPACIAL E AS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA "VIDA DE BAIRRO" NOS BAIRROS DA MADALENA E ZUMBI, RECIFE – PE

RECIFE

2020

THALITA NATÁLIA CAVALCANTI

A (RE)PRODUÇÃO SOCIOESPACIAL E AS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA "VIDA DE BAIRRO" NOS BAIRROS DA MADALENA E ZUMBI, RECIFE – PE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Geografia.

Área de concentração: Regionalização e Análise Regional

Orientador: Prof. Dr. Alcindo José de Sá
Coorientador: Prof. Dr. Adauto Gomes Barbosa

RECIFE
2020

Catalogação na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

C376r Cavalcanti, Thalita Natália.
A (re)produção socioespacial e as implicações no processo de ressignificação da "vida de bairro" nos bairros da Madalena e Zumbi, Recife – PE / Thalita Natália Cavalcanti. – 2020.
139 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Alcindo José de Sá.
Coorientador: Prof. Dr. Adauto Gomes Barbosa.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2020.
Inclui referência e apêndices.

1. Geografia. 2. Crescimento urbano – Recife (PE). 3. Bairros. 4. Vida comunitária. I. Sá, Alcindo José de (Orientador). II. Barbosa, Adauto Gomes (Coorientador). III. Título.

910 CDD (22. ed.) (BCFCH2021-138)

THALITA NATÁLIA CAVALCANTI

A (RE)PRODUÇÃO SOCIOESPACIAL E AS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA "VIDA DE BAIRRO" NOS BAIRROS DA MADALENA E ZUMBI, RECIFE – PE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Geografia.

Aprovada em: 24/11/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcindo José de Sá (Orientador – Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª Drª Norma Lacerda Gonçalves (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Otávio Augusto Alves dos Santos (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ao meu bairro, o meu lugar.

AGRADECIMENTOS

Ser grata e reconhecer aqueles que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional é um privilégio. Ouso parafrasear um trecho das escrituras sagradas que diz: “é melhor que sejamos dois, porque se um cair o outro levanta.” (Eclesiastes 4:9-10). Por isso, me alegro ao recordar que durante o percurso, tantas vezes as pessoas que aqui serão mencionadas representando também muitas outras, foram suporte e impulso que me levantando nos dias mais difíceis.

A construção dessa pesquisa foi permeada por muitos altos e baixos, momentos de introspecção, autoanálise e muitas lágrimas, mas também de muita satisfação, desenvolvimento intelectual e êxito. Estando sozinha, essa não só teria sido uma tarefa excessivamente desgastante, como dificilmente eu a teria concluído. Certamente me exponho a possibilidade de ser tomada pelo esquecimento ao assumir a difícil tarefa de nomear aqueles que encararam comigo esse desafio. Mas, ainda assim me arriscarei nessa missão, certa de que serei perdoada caso a minha memória venha a falhar.

Inicialmente registro a minha gratidão a Deus, o autor da minha fé, que me propicia o dom da vida, dá sustento e propósito a minha existência. Também sou muito grata aos meus familiares que estiveram comigo auxiliando como lhes foi possível. A minha mãe, **Quitéria Domingos**, pela dedicação diária. Ao meu pai, **Severino Cavalcanti Lima** *(in memoriam)*, meu eterno professor. Aos meus irmãos **Thalisson Cavalcanti** e **Leandro da Silva**, pelo suporte de sempre. As minhas cunhadas-irmãs, **Thalita Brás** e **Marta Morais**, tão necessárias em tantos momentos.

Também quero expressar minha gratidão as minhas amigas **Cláudia Costa** e **Joanna Mota**, por todo o apoio e fiel amizade. Aos meus amigos **Dandhara Ribeiro, Lennon Lucena, Beatriz Vasconcelos, Jhan Milly e Naiara Lopes** pelos momentos marcantes. Ao meu amigo, **Igor Bitú**, pelos incontáveis momentos de ajuda direta na pesquisa e as tantas funções que ele abraçou nessa etapa da minha vida. As boas energias do meu amigo **Jayme Pires**, além de todo cuidado e carinho. As queridas amigas **Rosangela Vieira** e **Suzanny Vasconcelos,** por compartilhar tantos momentos inesquecíveis. A **Solange Farias Cabral** por todo carinho e acompanhamento psicológico. Agradeço também aos meus amigos **Viviane Santos** e **Fábio Gomes** pelo privilégio de caminharmos juntos na profissão e na vida. Em nome de **Emanuel Vieira** também quero agradecer a **Igreja Rio** e a **Fonte de Jovens**, por todas as orações e pensamentos positivos.

Minha gratidão ao Professor **Alcindo José de Sá**, por aceitar me orientar e por toda a ajuda na captação de recursos para a pesquisa que foram fundamentais para a conclusão da

mesma. O meu agradecimento ao meu coorientador, Professor **Adauto Gomes**, que se dispôs a me ajudar com tanto carinho e atenção compartilhando seus conhecimentos e incontáveis vezes o seu ombro amigo. Agradeço também a **Twane Xavier** e **Alexandra Luna** por toda assistência na produção dos mapas. Da mesma maneira, sou grata a todo o corpo docente do PPGeo, especialmente aos professores **Jan Bitoun** e **Tânia Bacelar**. Como também aos professores **Otávio Santos** e **Norma Lacerda** pelas indispensáveis considerações na banca de qualificação e do mesmo modo a todos os membros da banca da defesa. Minha gratidão a Coordenação e a Secretaria do PPGeo, em nome de **Eduardo Veras**, sempre tão solícito e atencioso. Bem como a **FACEPE** por viabilizar recursos para o desenvolvimento da pesquisa.

Ainda nesse ensejo, quero agradecer aos **moradores do bairro do Zumbi e do bairro da Madalena** que trouxeram através de seus relatos, resultados preciosos para esta dissertação. Assim também sou grata aos **moradores do Sítio do Berardo** de forma especial em nome de **Angelo Felipe** e **Thays Silva**, dos quais sou uma admiradora, por todo o trabalho desenvolvido nessa comunidade, além de todo o carinho e disponibilidade todas as vezes em que os solicitei.

Por fim, agradeço também aos **meus educandos**, aqueles que já passaram por mim e aos que ainda passarão. Tal como disse Mandela: “A educação é a maior arma mais poderosa para mudar o mundo.” Obrigada por me concederem o privilégio de ensinar e aprender como uma via de mão dupla, instigando o desejo de tornar-me a cada dia uma professora melhor. A todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a conclusão dessa etapa acadêmica, minha eterna gratidão.

RESUMO

As transformações provenientes do modelo de vida moderno nas cidades têm causado diversas mudanças no espaço vivido que podem ser observadas não apenas na paisagem urbana, mas também no conteúdo das relações. Refletir acerca dessa problemática na escala de bairro, possibilitou a percepção de pequenas e grandes mudanças no cotidiano através de diferentes ordenações do tempo. Diante disso, esta dissertação propôs analisar as permanências e transformações na sociabilidade urbana, contemplando como recorte empírico os bairros da Madalena e Zumbi, situados na Zona Oeste da cidade de Recife- PE. Considerou-se as mudanças nos hábitos e costumes do cotidiano dos moradores, atentando para o que permanece e o que tem se dissolvido em função da dinâmica contemporânea da cidade do Recife. Para tal, realizou-se a caracterização da formação socioespacial da Madalena e de Zumbi em sua relação com a Comunidade do Berardo, que abrange partes dos dois bairros, assim como a dinâmica urbana do entorno. A produção do espaço sob a ótica do espaço vivido foi colocada em discussão contemplando as distintas noções de bairro, procedendo então com a análise das permanências e transformações na vida de bairro e suas implicações no processo de ressignificação dos fragmentos socioespaciais estudados. Sob o viés metodológico realizou-se uma abordagem qualitativa com caráter exploratório e explicativo. Como instrumentos de pesquisa foram realizados levantamento bibliográfico, trabalhos de campo para identificação de aspectos da sociabilidade *in loco*, registro fotográfico, aplicação de entrevistas semiestruturadas, levantamento de dados pela plataforma SIDRA do IBGE, tabulação e análise dos dados. Com o olhar crítico lançado entre o elo da perspectiva conceitual e o objeto empírico, foi possível identificar como a paisagem dos bairros e as relações de vizinhança têm sido alterados. Na primeira perspectiva, nota-se o avanço da verticalização do bairro da Madalena, que assim como outros bairros do entorno apresenta alto interesse do mercado imobiliário. Fenômeno esse não observado na mesma proporção em Zumbi, possivelmente pela sua condição de bairro popular. Ainda assim, o bairro de Zumbi sofre modificações em suas formas por meio de iniciativas dos moradores que constroem mais pavimentos em suas casas, muitas vezes sem a devida supervisão técnica. Em outra concepção, os hábitos e atividades rotineiras, como o uso da rua para a realização de festas comemorativas, as brincadeiras de criança, as conversas na calçada do fim da tarde, entre outros, que têm se dissipado e muito disso se deve ao acesso à tecnologia e ao constante medo da crescente violência urbana. Ainda assim, esses costumes parecem persistir principalmente nas áreas mais carentes, onde os moradores na ausência ou precariedade dos equipamentos de lazer, acabam promovendo encontros e outros tipos de atividades coletivas na rua e em espaços improvisados. Um exemplo disso é o canal fluvial que corta a comunidade do Sítio do Berardo que acabou por também adquirir essa função. De todo modo, essa não parece ser uma realidade restrita aos recortes estudados, provavelmente ocorrendo também em outros tantos bairros da cidade do Recife ou mesmo de outras grandes cidades brasileiras.

Palavras-chave: espaço vivido; bairro; sociabilidade urbana; cotidiano; vida de bairro.

ABSTRACT

The changes resulting from the modern model of life in cities have caused several changes in the lived space that can be observed not only in the urban landscape, but also in the content of relationships. The fact of Reflecting on this problem at the neighbourhood scale, made the perception of small and large changes in daily life through different time orderings. In view of this, this dissertation proposed to analyse the permanence and transformations in urban sociability, contemplating the districts of Madalena and Zumbi, located in the West Zone of the city of Recife-PE as an empirical outline. Changes in the daily habits and customs of the residents were considered, focusing on what remains and what has dissolved due to the contemporary dynamics of the city of Recife. For this, the characterization of the socio-spatial formation of Madalena and Zumbi was carried out in their relationship with the Berardo Community, which covers parts of the two neighbourhoods, as well as the urban dynamics of the surroundings. The production of space from the perspective of lived space was put into consideration, contemplating the different notions of the neighbourhood, proceeding then with the analysis of permanence and transformations in the life of the neighbourhood and its implications in the process of reframing the studied socio-spatial fragments. Under a methodological analyse, a qualitative approach with an exploratory and explanatory perspective was carried out. Bibliographic surveys, fieldwork to identify aspects of sociability in loco, photographic record, application of semi-structured interviews, survey of data on IBGE and SIDRA platform, tabulation and data analysis were used as research instruments. From a critical view between the link of the conceptual perspective and the empirical object, it was possible to identify how the landscape of the neighbourhoods and the neighbourhood relations have been altered. In the first perspective, the verticalization of the Madalena neighbourhood is advancing, which, like other neighbourhoods in the surrounding area, has high interest in the real estate market. This phenomenon was not observed in the same proportion in Zumbi, possibly due to its condition as a popular neighbourhood. Even so, the Zumbi neighbourhood undergoes changes in its forms through initiatives by residents who build more floors in their homes, often without proper technical supervision. In another conception, routine habits and activities, such as the use of the street to hold celebratory parties, children's games, conversations on the sidewalk in the late afternoon, among others, which have dissipated and much of this is due to access technology and the constant fear of growing urban violence. Additionally, these customs seem to persist mainly in the most deprived areas, where residents in the absence or precariousness of leisure equipment, end up promoting meetings and other types of collective activities on the street and in improvised spaces. An example of this is the river channel that cuts through the community of Sítio do Berardo that ended up also acquiring this function. However, this does not seem to be a reality restricted to the studied sections, probably also occurring in many other neighbourhoods in the city of Recife or even in other large Brazilian cities.

Keywords: lived space; neighbourhood; urban sociability; daily; neighbourhood life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de localização dos fragmentos socioespaciais de Zumbi, Madalena e da ZEIS Sítio do Berardo..... 19
Figura 2 - COMPAZ Governador Miguel Arraes..... 24
Figura 3 - Museu da Abolição situado na Madalena..... 33
Figura 4 - Região Metropolitana do Recife e Regiões Político-Administrativas..... 35
Figura 5 - Processo de verticalização na Av. Visconde de Albuquerque, Madalena..... 36
Figura 6 - Processo de verticalização na Rua Real da Torre, Madalena..... 36
Figura 7- Processo de verticalização acentuado na Av. Beira Rio, Madalena..... 37
Figura 8 - Processo de verticalização acentuado na margem direita do Rio Capibaribe na Av. Beira Rio, Madalena..... 37
Figura 9 - Alguns casarões com a fachada preservada na Rua Benfica, Madalena..... 38
Figura 10 - Casa com arquitetura mais antiga na Rua Visconde de Albuquerque, Madalena. 38
Figura 11 - Colégio de Formação Integral na Av. Caxangá, Madalena..... 39
Figura 12 - Escola de Referência do Ensino Médio Joaquim Távora na Rua Real da Torre, Madalena..... 39
Figura 13 - Policlínica Lessa de Andrade na Rua Estrada dos Remédios Fonte, Madalena... 39
Figura 14 - Localização de três farmácias no cruzamento da Av. Visconde de Albuquerque com a Rua José Osório, Madalena..... 39
Figura 15 - Praça do Berardo na Rua João Crescêncio, Madalena..... 40
Figura 16 - Praça Eça de Queiroz na Rua Desembargador Luis Salazar, Madalena..... 40
Figura 17 - Fachada do Mercado da Madalena na Rua Real da Torre..... 41
Figura 18 - Tradicional Feira de Passarinhos no Mercado da Madalena..... 41
Figura 19 - Capela Santa Terezinha na Rua Abraão Alliz, Zumbi..... 43
Figura 20 - Escola da rede particular Aventuras do Pinóquio na Rua Padre Dias Martins, Zumbi..... 43
Figura 21 - Escola da rede particular Lápis na mão, na Rua Frei Teófilo de Virgoletta, Zumbi..... 43
Figura 22 - Centro Eulâmpio Cordeiro de Recuperação Humana na Rua Rondônia, Zumbi.. 44
Figura 23 - Praça Esperança na Rua Caratinga, Zumbi..... 45
Figura 24 - Praça Esperança na Rua Caratinga, Zumbi..... 45
Figura 25 - Quitanda na esquina Av. Caxangá com a Rua Caratinga, Zumbi..... 45
Figura 26 - Mercadinho Barateiro na Rua Caratinga, Zumbi..... 45
Figura 27 - Mercadinho do Povo na Rua Frei Teófilo de Virgoletta, Zumbi..... 46
Figura 28 - Loja São Felix na Rua Caratinga, Zumbi..... 46
Figura 29 - Calçadas largas na Rua Dr. Carlos Alves, Zumbi..... 46
Figura 30 - Via asfaltada na Rua Fidelis Moliterno, Zumbi..... 46
Figura 31 - Construção de mais pavimentos na Rua Caratinga, Zumbi..... 47

Figura 32 - Ausência de calçadas apropriadas ao passeio público na Rua Abdias de Oliveira, Zumbi..... 47
Figura 33 - Textifício Santa Maria em 1966..... 49
Figura 34 - Terreno do Textifício Santa Maria..... 50
Figura 35 - Terreno do Textifício Santa Maria tomado pelo mato..... 50
Figura 36 - Mapa de localização da ZEIS Sítio do Berardo e equipamentos urbanos..... 53
Figura 37 - Via com canal fluvial do Sítio do Berardo, Madalena..... 54
Figura 38 - Via com canal fluvial do Sítio do Berardo, Madalena..... 54
Figura 39 - Bomboniere do Berardo na Rua Antônio de Sá, Madalena..... 54
Figura 40 - Alguns estabelecimentos comerciais à direita da foto na Rua Antônio de Sá, Madalena..... 55
Figura 41 - Protesto na Av. Caxangá pela liberação da praça..... 56
Figura 42 - Praça Arthur Carneiro da Cunha na Madalena com acesso liberado aos moradores..... 56
Figura 43 - Mapa de uso e ocupação do solo no bairro da Madalena..... 59
Figura 44 - Pontos de comércio/serviço na avenida Caxangá no trecho do bairro da Madalena..... 60
Figura 45 - Imóvel de uso misto na ZEIS Sítio do Cardoso..... 61
Figura 46 - Imóvel de uso misto na ZEIS Sítio do Cardoso..... 61
Figura 47 - Imóvel de uso misto na ZEIS Sítio do Cardoso..... 61
Figura 48 - Imóvel de uso misto na ZEIS Sítio do Cardoso..... 61
Figura 49 - Diferentes perspectivas da ZEIS Mangueira da Torre..... 62
Figura 50 - Mapa de uso e ocupação do solo no bairro da Madalena..... 65
Figura 51 - Área comercial na Rua Gomes Taborda no limite entre os bairros do Zumbi e Prado..... 66
Figura 52 - Edifício empresarial na Av. Caxangá, Madalena..... 66
Figura 53 - Vila General Buarque Lira na Rua Abdias de Oliveira, Zumbi..... 68
Figura 54 - Corredor de casas na Rua Caratinga, Madalena..... 68
Figura 55 - Autoconstruções de mais pavimentos na Rua Guapé, Zumbi..... 68
Figura 56 - Entulho de lixo na Rua Fidelis Moliterno, Zumbi..... 70
Figura 57 - Entulho de lixo na Rua Caratinga, Madalena..... 70
Figura 58 - Projeto de conscientização no Sítio do Berardo, Madalena..... 70
Figura 59 - Projeto de conscientização no Sítio do Berardo, Madalena..... 70
Figura 60 - Uso das margens do canal para realização de festividade no Sítio do Berardo..... 71
Figura 61 - Uso da margem do canal como lugar de encontro..... 71
Figura 62 - Protesto dos moradores na Av. Caxangá pedindo a liberação do COMPAZ Miguel Arraes..... 72
Figura 63 - Protesto dos moradores na Av. Caxangá pedindo a liberação do COMPAZ Miguel Arraes..... 72

Figura 64 - Registro dos líderes sociais na ida à Brasília para entrega de dossiê sobre atraso nas obras do COMPAZ Miguel Arraes..... 73
Figura 65 - Faixa de protesto produzida em protesto ao atraso das obras..... 73
Figura 66 - Imagem aérea da Zona Norte do Recife compreendendo parte dos bairros de Parnamirim, Casa Amarela e Casa Forte em 2020..... 94
Figura 67 - Imagem de um casario antigo no bairro de Casa Amarela..... 95
Figura 68 - Trecho da Rua Real da Torre na Madalena em 2011..... 96
Figura 69 - Trecho da Rua Real da Torre na Madalena em 2020..... 96
Figura 70 - Visão de trecho da Av. Beira Rio a partir da Ponte Cabugá em 2012..... 97
Figura 71 - Visão de trecho da Av. Beira Rio a partir da Ponte Cabugá em 2020..... 97
Figura 72 - Anúncio de venda de imóvel na Rua Fidélis Moliterno no bairro do Zumbi..... 101
Figura 73 - Anúncio de venda de imóvel na Avenida Beira Rio no bairro da Madalena..... 102
Figura 74 - Reportagem sobre a valorização do preço do solo do Recife..... 103
Figura 75 - Mapa de localização das ZEIS do Recife..... 107
Figura 76 - Ausência de calçadas no Sítio do Berardo, Madalena..... 112
Figura 77 - Ausência de calçadas no Sítio do Berardo, Madalena..... 112
Figura 78 - MC Donald's localizada no bairro da Madalena..... 114
Figura 79 - Supermercado Bompreço localizado no bairro da Madalena..... 114
Figura 80 - Praça Esperança no bairro do Zumbi..... 116
Figura 81 - Feira do empreendedor realizada na Praça Esperança, Zumbi..... 117
Figura 82 - Uso das margens do canal do Sítio do Berardo para o encontro em diferentes trechos..... 118
Figura 83 - Muro de condomínio na Madalena..... 119
Figura 84 - Muro de condomínio na Madalena..... 119
Figura 85 - Feira da Sulanca no Sítio do Berardo..... 120
Figura 86 - Feira da Sulanca no Sítio do Berardo..... 120
Figura 87 - Palco instalado para festividade no Sítio do Berardo..... 121
Figura 88 - Banner produzido para o Projeto Brincando na Rua no Sítio do Berardo..... 122
Figura 89 - Urna produzida para receber contribuições para a festividade das crianças no Sítio do Berardo..... 125

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tipo de domicílio no município de Recife e no bairro da Madalena em 2000/2010.. 63

Tabela 2 - Situação do domicílio no município de Recife e no bairro da Madalena em 2000/2010..... 64

Tabela 3 - Tipo de domicílio no município de Recife e no bairro de Zumbi em 2000/2010..... 67

Tabela 4 - Situação do domicílio no município de Recife e no bairro de Zumbi em 2000/2010..... 69

Tabela 5 - Situação dos serviços públicos básicos no Recife, Madalena e Zumbi em 2000 e 2010..... 70

Tabela 6 - Área construída por bairro e número de pavimentos – 1982..... 92

Tabela 7 - Área construída por bairro e número de pavimentos – 2000..... 92

Tabela 8 - Área construída por bairro e número de pavimentos – 2014..... 93

Tabela 9 - Classificação de imóveis quanto ao tipo, área e valores, localizados nos bairros Madalena, Zumbi Parnamirim, Poço da Panela, Espinheiro, Casa Forte, Apipucos e Aflitos em 2020..... 98

Tabela 10 - Dados socioeconômicos das ZEIS Mangueira da Torre, Sítio do Cardoso e Sítio do Berardo..... 108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ZEIS	Zona Especial de Interesse Social
RPA	Região Político Administrativa
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ZHIS	Zonas Habitacionais de Interesse Social
PREZEIS	Plano de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social
IVV	Indicadores de Velocidade de Vendas
BNH	Banco Nacional da Habitação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1	**APRESENTAÇÃO**	15
2	**INTRODUÇÃO**	16
3	**CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**	29
3.1	Um breve olhar sobre a formação de Recife, Zumbi e Madalena	29
3.2	Do Textifício Santa Maria à formação da Comunidade Sítio do Berardo	47
3.3	As Formas de ocupação na Madalena e Zumbi	57
4	**PRODUÇÃO ESPACIAL E TRANSFORMAÇÕES NO COTIDIANO DOS BAIRROS**	76
4.1	O bairro sob a ótica do espaço vivido	84
4.2	A Lei dos 12 Bairros e seus impactos sobre a Madalena	90
4.3	Enquanto isso, As Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS	104
4.4	O cotidiano e os modos de uso	109
5	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	127
	REFERÊNCIAS	131
	APENDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM MORADORES	134
	APENDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM COMERCIANTES	135
	APENDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EMPREENDEDOR SOCIAL/ LÍDER SOCIAL	136
	APENDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM DIREÇÃO COMPAZ	137
	APENDICE E – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM	138

1 APRESENTAÇÃO

O crescimento da cidade do Recife se deu a partir de diferentes contextos e dimensões, sendo possivelmente o maior deles a implantação das fábricas. A cidade composta inicialmente por engenhos e sítios, passou a receber muitos trabalhadores que se instalavam ao redor dessas fábricas reformulando o espaço do entorno. Esse acelerado processo fez com que muitas áreas crescessem de forma espontânea, refletindo na organização atual de muitos dos 94 bairros que compõem a capital recifense. Nessa mesma conjuntura, estão inseridos os bairros da Madalena e Zumbi, provenientes de um engenho e um sítio respectivamente. A consolidação desses espaços enquanto bairros se deu acompanhada da construção de muitos hábitos e costumes que se mantiveram no cotidiano dos moradores ao longo dos anos.

O estilo de vida moderno proveniente das grandes cidades tem sido responsável por promover muitas alterações no cotidiano dos moradores da cidade do Recife. Desse modo, é realizada uma análise considerando os referidos bairros da Madalena e Zumbi, atentando para as transformações provenientes desse processo e como isso tem ressignificado a vida de bairro nesses espaços.

Diante dessa exposição, o capítulo introdutório abrange a contextualização do recorte empírico, assim a como a perspectiva teórico-metodológica. Vinculado a isso também são apresentados a problemática, a pergunta central, o objetivo geral e específicos além dos os procedimentos metodológicos utilizados.

O capítulo 3 propõe uma breve explanação da formação inicial da cidade do Recife e dos bairros do Zumbi e da Madalena. São apresentados os equipamentos urbanos, os limites oficiais estabelecidos pela Prefeitura do Recife e o processo de formação da comunidade Sítio do Berardo a partir do Textifício Santa Maria, popularmente conhecido pelos moradores como Fábrica de Estopas do Zumbi. Também foi realizada uma análise acerca das formas de ocupação nos referidos bairros.

O capítulo 4 é onde se concentra a maior parte do aporte teórico da pesquisa, contemplando a análise do espaço urbano sob a ótica de Lefebvre, os agentes produtores do espaço e as diferentes concepções de bairro. A segunda parte abrange o processo de implementação da Lei dos 12 bairros e das Zonas Especiais de interesse Social – ZEIS. Também nesse capítulo está inclusa a análise das permanências e transformações urbanas nos bairros da Madalena e Zumbi, que foram percebidas através dos modos de uso e das mudanças no cotidiano dos moradores, contemplando como esses processos implicam na ressignificação da “vida de bairro” nesses referidos recortes.

2 INTRODUÇÃO

Até chegar ao contexto atual em que figura como metrópole, a cidade do Recife passou por diversas transformações socioespaciais intensificadas pelo processo de urbanização. O adensamento populacional atribuído ao crescimento acelerado, proporcionou muitas alterações na configuração da cidade. Além disso, também promoveu o surgimento e a consolidação de alguns espaços que posteriormente viriam a se tornar bairros, pelo menos sob a ótica do poder público. Em função dessa dinâmica, os bairros podem ser vistos como importantes elementos na compreensão do espaço urbano, não só por compor o arranjo socioespacial da cidade, mas pela construção histórica e o conteúdo simbólico que os permeiam.

Localizada no Estado de Pernambuco, a cidade do Recife é uma das capitais costeiras do Nordeste brasileiro margeada pelo Oceano Atlântico. Segundo a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2020), o Recife possui uma população de 1.653.461 habitantes distribuídos em um território de 218,435 km. Possui a terceira região metropolitana mais densamente habitada, estando atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro. Sendo assim, a cidade do Recife está contextualizada como uma metrópole regional, periférica e desigual, tal como abordam Souza e Bitoun (2015) ao se referirem aos contrastes e à diversidade brasileira como justificativa para o surgimento de diferentes padrões de metrópoles e ao analisarem o papel do Recife na rede urbana nacional.

Ainda que a análise do bairro leve a escala local e por consequência seja necessário pensar sua ligação com a totalidade, é no plano do cotidiano que a vida imediata acontece e ganha sentido, sobretudo pelo seu lastro histórico. Por isso, ainda que se trate da vida imediata, o espaço vivido, ou a vida de bairro neste caso, resulta do processo histórico-social e o espaço sob tal análise é encarado como uma dimensão da sociedade que o produziu, segundo o olhar de Lefebvre (2000).

Além disso, embora a metrópole não possa ser explicada unicamente pelo bairro, é por meio dele que as permanências e transformações no espaço urbano podem ser pensadas através da leitura da "vida de bairro", tal como sugere Carlos (2001), sobretudo em uma sociedade em que a cidade e seu espaço são concebidos como mercadoria de forma hegemônica.

Se na metrópole o movimento se dá em torno do valor de troca, "Tudo tem preço. Tudo se compra e tudo se vende e tempo é dinheiro" (SEABRA, 2011, p. 71), é nos bairros que o valor de uso ganha dimensão. No entanto, é no plano do vivido é que se percebe o quanto essa afirmação pode soar radical. Ainda que a lógica de mercado aponte para um sistema que tende a colocar preço em tudo, por trás desse processo existe a relação de pertencimento do indivíduo para com o objeto, que apenas reforça como determinadas coisas não podem

ter seu valor reduzido a cifras.

Por outro lado, até que ponto o bairro ajuda a explicar o cotidiano nas grandes cidades ou não, eis uma inquietação. Uma vez que, embora exista uma delimitação do poder público que resulta na cartografia oficial da divisão de bairros, isso nem sempre condiz com o cotidiano, isto é, o contexto real da vida urbana. Diante disso, analisar as práticas cotidianas a partir da lógica do espaço vivido, seja por meio dos hábitos comuns aos moradores ou pelas relações de pertencimento com o bairro, construídas historicamente, se coloca como contribuição importante para se compreender a dinâmica urbana contemporânea.

É importante esclarecer que embora se fale da condição de metrópole, a pesquisa trata da cidade do Recife e não propriamente de toda a Região Metropolitana, mesmo que alguns processos se manifestem de diferentes formas atingindo de alguma maneira as outras cidades vizinhas. Sendo assim, ao falar do Recife como uma metrópole o objetivo é exemplificar o cenário de uma grande cidade e os processos urbanos que são típicos de uma cidade de tal dimensão e influência.

Considerando tais aspectos, essa pesquisa analisa a (re)produção do espaço urbano na metrópole do Recife, e traz à baila reflexões acerca das transformações socioespaciais nos bairros da Madalena e de Zumbi sob a dimensão do espaço vivido e do cotidiano. Para tanto, tem por base as relações de vizinhança e a formação desses espaços através das práticas cotidianas dos moradores, buscando entender até que ponto essas práticas se mantêm e o que tem mudado ao longo do tempo como decorrência da dinâmica da vida urbana contemporânea dessa metrópole. A pesquisa também faz uma breve discussão sobre a dinâmica imobiliária, particularmente do bairro da Madalena, onde tal processo foi impulsionado indiretamente pela aprovação da Lei dos 12 Bairros para bairros vizinhos situados na margem esquerda do Rio Capibaribe.

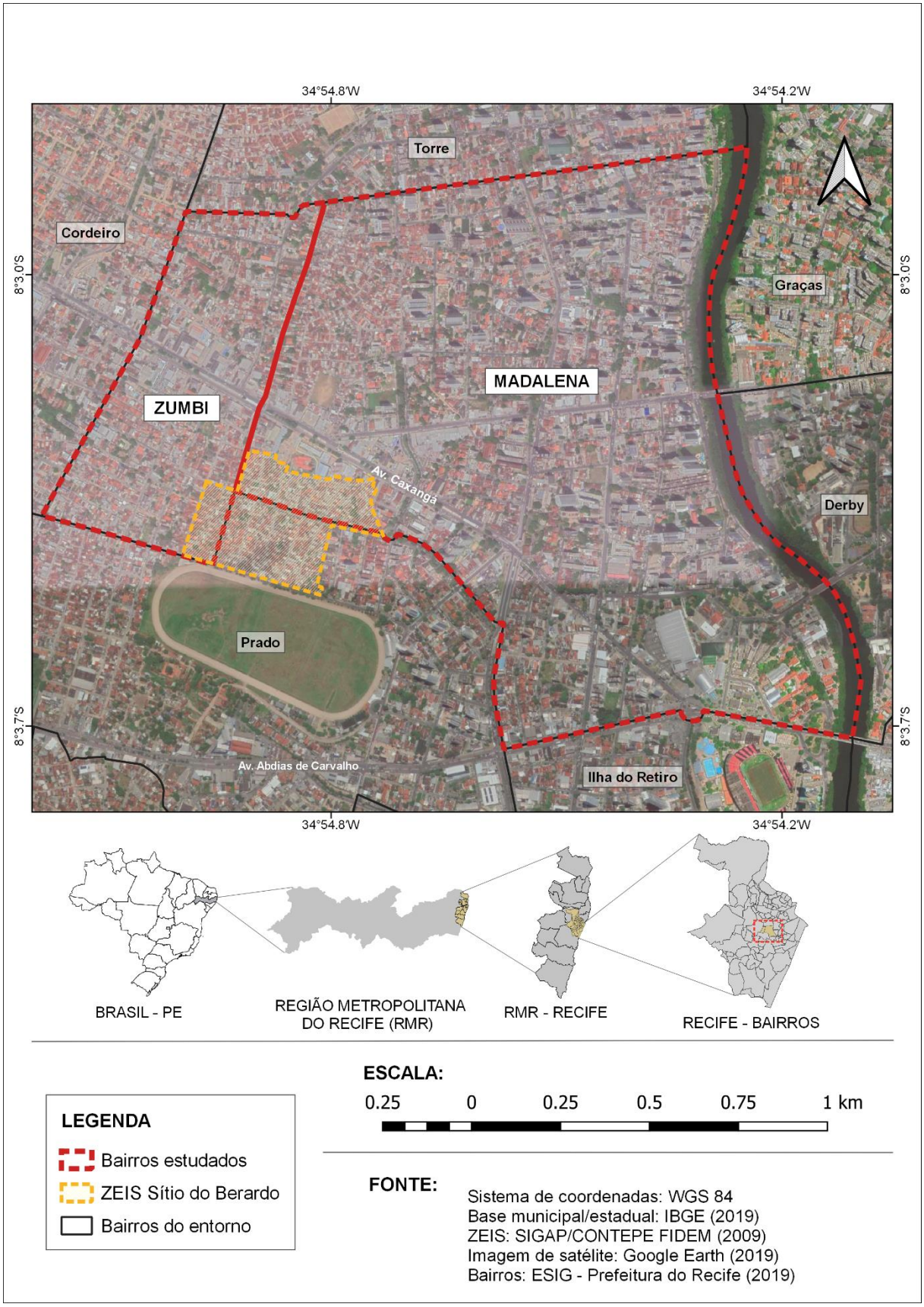
Cabe ressaltar que a concepção defendida neste trabalho remete ao bairro enquanto espaço de vivência, tomando como base a construção de uma identidade ligada a uma determinada parcela do espaço e não a um mero recorte administrativo que estabelece limites territoriais oficiais, mas que muitas vezes não condiz com aquilo que é concebido pelos moradores através dos hábitos, das práticas e da memória que foi construída ao longo do tempo. Ainda assim, considera-se aqui a divisão oficial dos bairros pelo fato de não haver outra cartografia social que, metodologicamente, favorecesse a análise. Por essa razão, em função da proposta de reflexão em torno dos conceitos de bairro, questiona-se inclusive até que ponto realmente existem certos bairros na cidade do Recife para além da delimitação oficial.

Não se despreza com isso a importância do recorte político-administrativo utilizado pela Prefeitura que serve, por exemplo, para estabelecer parâmetros para calcular o IPTU e

para a atuação das concessionárias de serviços públicos, além de outras funções atinentes a essa delimitação oficial. Mas, ainda que as formas de apropriação e os modos de uso na metrópole sejam afetados pela liquidez proveniente do mundo moderno, são nos bairros em seu sentido socioantropológico que as relações de sociabilidade acontecem. Neste caso, o conteúdo da “vida de bairro” está muito atrelado ao contexto das cidades de grande porte, particularmente as metrópoles, tal como é o caso do Recife. Ainda que as cidades médias tenham cada vez mais certos problemas e processos espaciais que se assemelham aos das metrópoles, ainda assim os conteúdos da vida urbana são muito distintos e é para a conjuntura da metrópole que esta pesquisa está voltada.

De acordo com a definição oficial estabelecida pelo Decreto Municipal nº 14.452 de 1988 e que teve seus limites ratificados em 1997 por meio da Lei Municipal nº 16.293/97, a cidade do Recife está dividida em 6 Regiões Político-Administrativas (RPAs), as quais são constituídas por 94 bairros. Nesse composto estão inseridos os recortes socioespaciais de Zumbi e Madalena, contemplados como recorte empírico dessa pesquisa, os quais, somados a outros 10 fragmentos socioespaciais (Cordeiro, Torre, Ilha do Retiro, Prado, Várzea, Iputinga, Caxangá, Torrões, Engenho do Meio e Cidade Universitária), constituem a RPA 4 na zona oeste da cidade do Recife. A figura 1, a seguir, tem como objetivo situar o leitor quanto à localização dos bairros da Madalena e Zumbi, possibilitando a análise de seus limites oficiais, assim como a identificação dos bairros do seu entorno.

Figura 1 - Mapa de localização dos bairros de Zumbi, Madalena e da ZEIS Sítio do Berardo



Elaborado por: Twane Xavier.

Apesar de a pesquisa abranger 2 bairros distintos, cabe esclarecer que esse estudo não se trata de uma análise comparativa. Desse modo, em nenhum momento tem-se o intuito de procurar semelhanças e divergências entre as duas áreas no que diz respeito às formas e práticas cotidianas, ainda que em algum momento elas possam apresentar confluências, sobretudo pela proximidade. Na verdade, foram selecionados dois bairros distintos a fim de ter como base diferentes realidades da cidade do Recife.

No bairro da Madalena é possível observar a função residencial, as atividades terciárias e suas contradições atreladas à crescente verticalização e valorização, enquanto no Zumbi, percebem-se a carência de infraestrutura e o predomínio de população de baixo poder aquisitivo. Nesse intermédio, há ainda a presença das Zonas Especiais de Interesse Social - ZEIS e outros fragmentos socioespaciais pobres que ocorrem na área como um todo.

Embora não esteja diretamente delineada enquanto recorte dessa pesquisa, é fundamental trazer à luz que na cidade do Recife existem áreas que são marcadas pela presença de diversos assentamentos populacionais de baixa renda que em alguns casos surgiram espontaneamente e em outros foram consolidados ou propostos pelo poder público. O bairro da Madalena abrange 3 (três) diferentes ZEIS: Mangueira da Torre, Sítio do Cardoso e Sítio do Berardo (parte), enquanto Zumbi abrange parte da ZEIS Sítio do Berardo. Diante desse fator locacional, considerando que a ZEIS Sítio do Berardo alcança os dois bairros estudados, é natural que tal recorte apareça com mais ênfase nesse trabalho, ainda que não se desconsidere a presença das demais ZEIS.

A ZEIS Sítio do Berardo é composta não apenas pelos dois bairros estudados, mas também pelo bairro do Prado, que não foi inserido neste trabalho como área de estudo em função das dificuldades e limitações que a extensão desses 3 recortes traria, pois se trata de uma dissertação de mestrado onde o tempo se torna um fator condicionante.

Ainda assim, por mais que a ZEIS Sítio do Berardo e o bairro do Prado não protagonizem essa pesquisa, se tratando de um estudo que remete ao espaço urbano apresentado sob a ótica do capitalismo, que é fragmentado, mas ao mesmo tempo articulado. É inevitável que ao estudar os processos que envolvem os recortes socioespaciais de Zumbi e Madalena, intrinsicamente, apareçam elementos que remetem ao bairro do Prado e mais frequentemente a ZEIS Sítio do Berardo. Pois mesmo que a proposta dessa pesquisa demande seus maiores esforços em torno das reflexões sobre o conceito de bairro, não há como ignorar a presença de uma ZEIS que liga os dois bairros como um dos elementos a serem analisados na sociabilidade urbana.

A respeito do bairro da Madalena, sua área abrange um total de 183 hectares e uma população residente de 23.082 habitantes distribuídos em 7.604 domicílios. Possui a taxa de alfabetização de 95,9% entre a população com idade igual ou maior que 10 anos (IBGE, 2010). É circundando pelos bairros da Torre, Graças, Derby, Ilha do Retiro, Prado e Zumbi, abrangendo também as ZEIS Sítio do Berardo (parte), Mangueira da Torre e Sítio do Cardoso.

Nesse bairro, as formas de apropriação do espaço e o poder aquisitivo dos seus moradores revelam uma realidade muito heterogênea, evidenciada principalmente pelos diferentes tipos de habitação, que vão desde os grandes edifícios até as residências mais populares resultantes da autoconstrução. Um traço marcante nessa parcela da cidade é o intenso processo de verticalização que parece não avançar apenas nas áreas de ZEIS, onde há um conjunto de normas que acabam dificultando o avanço da especulação imobiliária, pois o regimento considera que não podem ser construídos mais de 3 (três) pavimentos nessas zonas.

Em relação ao ordenamento urbanístico, o bairro da Madalena também revela diferenças visíveis. Em determinadas áreas as ruas são largas e apresentam um padrão urbanístico típico de um espaço que seguiu mesmo que minimamente as leis urbanas impostas pelo poder público, seja no processo de loteamento ou na construção das casas e edifícios. Por se tratar de uma área onde a dinâmica econômica é intensa, além de estar relativamente próxima ao centro da cidade e a outros fragmentos socioespaciais que também sofrem influência dessa centralidade, a fiscalização em torno das leis urbanas parece funcionar de forma mais efetiva. Por outro lado, nas áreas mais carentes os traçados das ruas indicam que o avanço desses espaços se deu de forma espontânea e sem obedecer a um padrão, sobretudo nas áreas de ZEIS.

Os equipamentos urbanos na Madalena estão presentes em diversos segmentos, sejam eles públicos ou privados, atendendo não só a população que reside nesse espaço, mas também à população dos bairros no entorno. Dispõe de praças, posto de saúde, hospitais, bancos, supermercados, escolas, faculdades, museus, clubes, além de estabelecimentos comerciais dos mais variados tipos, que vão desde o mercadinho e a mercearia até as grandes redes de supermercado. Por todo esse contexto, a Madalena parece revelar um espaço urbano extremamente diverso, desigual e fragmentado. Afinal, quantas Madalenas podem existir dentro do fragmento socioespacial da Madalena? É mais um dos questionamentos que surgem ao longo desta pesquisa.

No que se refere ao bairro de Zumbi, totaliza uma área de 41 hectares distribuídos em 44 ruas, um recorte pequeno quando comparado aos fragmentos do seu entorno, ou seja,

Prado, Madalena, Cordeiro e Torre. Possui uma população 6.033 habitantes para 1.957 domicílios e a taxa de alfabetização de 94,8% entre a população igual ou maior de 10 anos. Curiosamente não apresenta grandes avanços do setor imobiliário na área fora da ZEIS, mesmo ocupando uma localização privilegiada, sendo relativamente próximo ao centro da cidade e cortado pela Avenida Caxangá, uma importante via de comércio, serviços e transportes. Essa condição promove inquietações em torno de quais aspectos de Zumbi poderiam explicar o fato de ele não parecer tão atrativo ao mercado imobiliário como os bairros do seu entorno que apresentam intenso processo de verticalização. Tais indagações são importantes para compreender como se dão as relações nesses espaços e se elas justificam a existência de um bairro.

Sob o aspecto do ordenamento urbanístico o bairro de Zumbi também mostra variações. Algumas ruas são relativamente largas e asfaltadas, enquanto outras são tortuosas, sem saída, compostas por becos e pela presença de muitas moradias autoconstruídas que não dispõem de calçadas apropriadas para o passeio público. É importante ressaltar que o fato de Zumbi ser cortado ao meio pela Avenida Caxangá sugere um “divisor de águas” entre as duas partes, podendo ser um fator complicador no desenvolvimento das relações de vizinhança e sociabilidade entre as partes.

A respeito dos equipamentos urbanos, se por um lado bairro de Zumbi resguarda um pouco do comércio de bairro, por outro há uma grande carência quanto aos equipamentos públicos de saúde, educação e lazer. No geral, os moradores de Zumbi acabam fazendo uso de equipamentos localizados nos bairros do seu entorno (principalmente na Madalena) e esse pode ser também um fator influenciador na forma como os moradores desse recorte concebem esses espaços e entendem esses limites. Pois, diferentemente de outros fragmentos recifenses, Zumbi para além dos seus moradores muitas vezes nem é percebido como um bairro, mesmo com seus limites oficiais estabelecidos pela Prefeitura. De tal modo que muitas vezes acaba sendo compreendido como parte dos bairros maiores do seu entorno, contrariando mais uma vez a delimitação oficial.

Abrangendo partes dos fragmentos socioespaciais da Madalena e Zumbi está a ZEIS Sítio do Berardo. Sabe-se que o processo de urbanização no Brasil foi historicamente marcado pela desigualdade e a forte presença de assentamentos precários como soluções habitacionais de moradia popular para atender a população de baixa renda. Nesse contexto, poucas foram as propostas apresentadas pelo poder público, restringindo-se a medidas paliativas ou a erradicação desses espaços. Por essa razão, o processo até a regulamentação das ZEIS se revela muito conflituoso, seja para com o Poder Público ou para os moradores nas relações de vizinhança, uma vez que na ótica do mercado imobiliário

e das áreas consideradas mais nobres, esses assentamentos estimulam a desvalorização dos bairros adjacentes e dificultam, por exemplo, o avanço do processo de verticalização.

Diante disso, as ZEIS representam um importante marco para a regulamentação de áreas populares, mas a presença da ZEIS por si só não é o que afugenta os agentes do mercado imobiliário. Atrelado a isso, é preciso considerar a melhor infraestrutura urbana de bairros como a Madalena e outros do entorno, assim como as externalidades urbanas positivas que incluem, por exemplo, a proximidade com a frente d'água do Rio Capibaribe e importantes vias comerciais que influenciam na valorização do preço do solo. Um fator relevante é também a renda dos domicílios que apresenta uma média de R$ 5.521,52 (IBGE, 2010)[1].O bairro de Zumbi, embora esteja localizado ao lado e até conte com alguns desses elementos, possui predominantemente uma população de baixa renda com rendimento nominal médio mensal dos domicílios de R$ 2.188,40 (IBGE, 2010), distribuída em pequenos imóveis e assentamentos precários constituídos pelas ZEIS e que podem ajudar a entender o menor interesse do mercado por essa localização.

Embora esteja situada entre os limites de três distintos bairros, a ZEIS Sítio do Berardo parece possuir uma dinâmica própria. A princípio chama a atenção o fato de os moradores se reconhecerem enquanto moradores desse fragmento ao qual eles popularmente chamam de "Beraldo". No âmbito do vivido, a definição oficial de bairros parece só importar aos fins meramente normativos, a exemplo do recebimento de correspondências.

Diante dessas primeiras impressões, compreender de que forma os moradores lidam com essas divisões oficialmente traçadas, é um fator importante que deve auxiliar nas reflexões em torno dos bairros estudados. Outra indagação que pode surgir ao longo da pesquisa em torno dessa ZEIS, atrelada as reflexões acerca dos conceitos de bairro, é se em algum momento os moradores do Sítio do Berardo adquiriram uma identidade com esse espaço a ponto de legitimá-lo enquanto um bairro dentro dessa leitura do espaço vivido.

A infraestrutura da ZEIS Sítio do Berardo reflete tipicamente a realidade de uma área popular que teve um rápido crescimento impulsionado pela implantação das fábricas no processo de urbanização do Recife. A ocupação e expansão desse recorte estiveram diretamente ligadas ao Textifício Santa Maria. Foi a sombra da Fábrica de Estopas do Zumbi, tal como ficou popularmente conhecido o Textifício Santa Maria, que foram instaladas as primeiras residências ainda de forma muito precária.

A leitura da paisagem atual da comunidade do Berardo revela nos dias de hoje algumas marcas desse processo, seja pela presença de ruas estreitas e becos traçados de

[1]Elaboração: Secretaria de Controle e Desenvolvimento Urbano e Obras. Diretoria de Informações/Assessoria Técnica. Disponível em: www2.recife.pe.gov.br/servico/madalena?op=NTI4Mg== Acesso: jun/2020.

forma cada vez mais espontânea à medida que se aproximam do terreno da fábrica, ou mesmo pela memória dos moradores em relação à fábrica que hoje tem seu terreno destinado a um – Centro Comunitário da Paz - COMPAZ (Figura 2).

Figura 2 - COMPAZ Governador Miguel Arraes

Fonte: Googlemaps, mar/2020[2].

Diante da complexidade envolvendo a cartografia oficial dos bairros de Zumbi e Madalena não há como não questionar os critérios utilizados pela Prefeitura para a delimitação dos bairros que na maioria das vezes não dialogam com a percepção dos moradores. Ainda mais num contexto em que espaço urbano se apresenta cada vez mais fragmentado e dotado de particularidades que acabam passando despercebidas pelos instrumentos urbanos e seus procedimentos meramente normativos. Além disso, há uma necessidade imediata por entender o comportamento dos moradores desses bairros em meio a esses limites oficiais e se eles correspondem aquilo que é concebido por eles.

Sob a ótica da Geografia, analisar esses recortes é importante por se tratar de fragmentos socioespaciais cuja conformação revela formas de apropriação muito desiguais e o processo de verticalização que ocorre de forma expressiva no bairro da Madalena, por

[2]Disponível em: https://www.google.com.br/maps/@-8.0540992,-34.9142501,3a,75y,221.67h,90t/data=!3m7!1e1!3m5!1sDzR27yucrPkNnWqxuC4Knw!2e0!6s%2F%2Fgeo2.ggpht.com%2Fcbk%3Fpanoid%3DDzR27yucrPkNnWqxuC4Knw%26output%3Dthumbnail%26cb_client%3Dmaps_sv.tactile.gps%26thumb%3D2%26w%3D203%26h%3D100%26yaw%3D221.38535%26pitch%3D0%26thumbfov%3D100!7i16384!8i8192 Acesso em maio/2020 às 08h06m.

algum motivo não avançou por Zumbi, ainda que seu entorno também esteja inserido nesse contexto. Sob o aspecto da localização, mesmo ambos os recortes estando localizados um ao lado do outro quase como uma extensão, o bairro da Madalena se apresenta como um espaço importante na dinâmica urbana da cidade, enquanto Zumbi é pouco percebido para além dos seus moradores. Todos esses fatores fazem desses espaços composições relevantes para as reflexões acerca dos conceitos de bairro sob a ótica do espaço vivido.

É importante ressaltar que a escolha desse recorte empírico não é fruto do acaso. Há uma forte ligação da autora com a área de estudo, considerando que é moradora de Zumbi há 21 anos, o que além de despertar o desejo de entender a realidade em questão, poderia até certo ponto facilitar o desenvolvimento da pesquisa. A busca por respostas surgiu durante a graduação e foi viabilizada através do trabalho monográfico que apresentou como recorte empírico o bairro de Zumbi. Os desdobramentos da pesquisa apontaram resultados inquietantes acerca de um caminho que envolviam não só uma aproximação entre Zumbi e seu entorno, mas também com a ZEIS Sítio do Berardo. Em função do curto espaço de tempo e das limitações inerentes a um trabalho de conclusão de curso, algumas lacunas não puderam ser devidamente esclarecidas, instigando o interesse por aprofundar os estudos sobre os bairros.

A justificativa deste trabalho sob o viés acadêmico está pautada em uma análise crítico-reflexiva apoiada na dimensão de bairro enquanto espaço vivido, tal como aborda Lefebvre (2000), tomando como base a produção do espaço, considerando tanto em sua dimensão material quanto imaterial", a forma como ele compreende esse espaço e os aspectos que foram construídos ao longo dos anos. Trata-se literalmente da experiência do viver o espaço na prática e no cotidiano. É o espaço socialmente produzido, ligado aos seus habitantes através da construção das relações de identidade e pertencimento, assim como as de repúdio. São essencialmente os moradores e os modos de vida construídos nessa conjuntura que na maioria das vezes não são considerados no processo de divisão oficial dos bairros, além de serem excluídos em grande parte da tomada de decisões que afetam diretamente a dinâmica local. Tudo isso sem perder de vista o papel dos agentes capitalistas da produção espacial. Sendo assim, essa pesquisa poderá contribuir com os estudos sobre bairro e espaço vivido que busquem elucidar problemática semelhante na própria cidade do Recife e sua região metropolitana, ou até mesmo em outras cidades brasileiras.

Diante do exposto até aqui, reforça-se que a perspectiva teórico-metodológica adotada nesta pesquisa remete à análise da (re)produção do espaço urbano na metrópole na dimensão do espaço vivido apoiada nos autores Lefebvre (2000), Carlos (1996) e Seabra (2004) e a análise de bairro a partir da perspectiva simbólica apresentada por Souza (2013) que melhor possibilita, na escala do bairro e com base nesse conceito-chave, a compreensão

da vida urbana, considerando todos os elementos constituidores da vida de bairro, buscando como a história social dos moradores pode servir de instrumento para a real definição dos limites do bairro, com base no conteúdo simbólico apoiado nos laços de pertencimento que conferem identidade ao lugar enquanto espaço produzido pelo homem (CARLOS 1996; 2001). E a leitura do cotidiano na perspectiva de Mayol na Invenção do cotidiano (CERTEAL, GIARD e MAYOL, 1996).

À luz dessa abordagem teórico-conceitual, considera-se que a realidade urbana, mesmo de espaços marcados por certas permanências socioespaciais, também sofre os efeitos da vida moderna e das novas práticas sociais associadas ao acesso à tecnologia, as quais contribuem diretamente para, senão a desconstrução, ao menos para a ressignificação das relações de vizinhança. Sendo assim, busca-se dar visibilidade ao que permanece como tradicional, mas também ao que há de novo no conteúdo da vida de bairro dos fragmentos socioespaciais da Madalena e Zumbi.

Diante disso, a discussão atrelada à problemática da pesquisa nos parágrafos acima, levaram à seguinte pergunta central: *"Em que medida a (re)produção do espaço urbano no contexto da cidade do Recife tem ressignificado a vida de bairro nos fragmentos socioespaciais da Madalena e Zumbi?"* Esse questionamento é um elemento norteador para os encaminhamentos desse trabalho como um todo, ainda que como toda pesquisa acadêmica, é possível que haja muitos pontos da realidade prática desse recorte socioespacial a serem aprofundados.

A pesquisa tem como objetivo geral a*nalisar a (re)produção do espaço dos bairros da Madalena e Zumbi em Recife-PE, considerando as transformações socioespaciais e a dimensão do espaço vivido*. Compreende-se nesse caso que, no contexto da vida moderna, as relações de vizinhança e os hábitos comuns a "vida de bairro" têm se dissipado ao longo do tempo, promovendo alterações no cotidiano dos moradores. Em certos casos, essas mudanças são ainda mais presentes diante de transformações ocorridas na esteira do processo de valorização imobiliária. Para o alcance do objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- *Caracterizar a formação histórica e a dinâmica atual referente ao uso e ocupação do solo dos bairros da Madalena e Zumbi.*
- *Discutir sobre a abordagem da produção do espaço e os subsídios conceituais para a compreensão de bairro*.
- *Analisar as transformações socioespaciais na Madalena e em Zumbi com base no processo de expansão imobiliária e nas mudanças no cotidiano da vida de bairro.*

No que se refere à metodologia, adota-se uma abordagem qualitativa com caráter exploratório e explicativo, envolvendo a realidade socioespacial sob a perspectiva do lugar como categoria de análise geográfica e do espaço vivido no fragmento socioespacial colocado como objeto empírico. Os dados quantitativos servirão como base para a análise qualitativa, tal como aborda Chizzotti (2010) quando trata dos multimétodos utilizados a partir da análise qualitativa na investigação dos fenômenos locais, buscando significados visíveis.

Para o efetivo desenvolvimento desta pesquisa, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos:

I. Levantamento bibliográfico visando aprofundar a compreensão conceitual das noções que constituem as categorias de análise deste trabalho. A abordagem do conceito de lugar baseado em Carlos (1996; 2001) em função do atual processo de globalização que tende a causar homogeneização das práticas sociais, dissipando e diluindo os tradicionais hábitos da “vida de bairro”; a concepção de espaço vivido tratada por Lefebvre (2000), Seabra (2004) e Carlos (1996) como espaço de vivência atrelado às relações de vizinhança, identidade e pertencimento que são fundamentais na forma como o homem percebe o mundo e consequentemente os lugares; a análise de bairro denominada por Souza (2013) abordada sob três perspectivas conceituais: composicional; interacional e simbólica, tendo essa pesquisa contemplado a simbólica. Sendo assim, é também pertinente analisar como se dão as relações de vizinhanças nos fragmentos socioespaciais de Madalena e Zumbi, se há ainda muitos moradores antigos, como eles expressam sua memória frente a esse espaço, para, com base nisso, constatar ou não elementos baseados no espaço vivido que possibilitem ou não falar desses fragmentos como bairros do Recife, no sentido simbólico, tal como discute o referido autor; o cotidiano no sentido de apropriação a partir de Carlos (2001) apoiada em Lefebvre, tendo em vista que é no dia a dia dos moradores observando seus hábitos que as práticas podem ser percebidas e que é no âmbito do espaço vivido que esses territórios adquirem sentido e se tornam lugares de práticas do cotidiano.

II. Realização de um pré-campo para a caracterização prévia da área de estudo, identificando os equipamentos urbanísticos importantes no recorte empírico da pesquisa. Além disso, foram realizados trabalhos de campo para identificação *in loco* das práticas cotidianas, das relações de vizinhança atentando para as transformações socioespaciais e identificação dos equipamentos urbanos que aparecem como símbolos na história e no cotidiano dos moradores. Essa etapa foi de certo modo facilitada devido ao fato de a autora residir no fragmento socioespacial de Zumbi. De modo que diante dessa constante presença no recorte estudando, não se tem a pretensão de quantificar às idas a campo,

fazendo-as quantas vezes forem necessárias e observando sempre esses aspectos a partir do ir e vir diariamente.

III. Registro fotográfico dos aspectos da sociabilidade urbana no bairro (ruas, praças, mercadinhos, igrejas, casas mais antigas, etc.). A percepção e análise da paisagem são importantes ferramentas de estudo, pois, a ciência geográfica está ligada a múltiplas linguagens em diferentes dimensões. Desse modo, o registro fotográfico permitiu não apenas a comparação com outras imagens em um dado momento histórico, mas também uma compressão mais detalhada do objeto de estudo.

IV. Realização de entrevistas semiestruturadas com agentes estratégicos para a pesquisa, tais como: antigos de moradores, comerciantes, representantes comunitários, líderes de denominações religiosas que exerçam algum papel social importante na comunidade, entre outros. Sobre isso, considera-se importante trazer à tona a concepção de Chizzotti (2000) de que a utilização das entrevistas elucida aspectos que muitas vezes não são observados no objeto empírico. Nessa etapa foi utilizada a abordagem de Minayo (2009) que consiste numa combinação de perguntas abertas e semiabertas. Nesse tipo de entrevista não houve a pretensão de desenvolver um roteiro fechado, mas deixado relativamente livre pelo entrevistador, direcionando a temática com base no assunto e considerando que o entrevistado pudesse trazer à luz outros assuntos importantes em sua fala que a princípio poderiam não estar no roteiro inicial, mas que de alguma maneira auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa. Em função da epidemia de covid-19 e em respeito ao distanciamento social, algumas entrevistas foram aplicadas via plataforma googleforms, e-mail ou mensagens de texto e áudio, conforme solicitado pelos entrevistados.

V. Levantamento de dados dos censos demográficos na plataforma SIDRA do IBGE e sites de anúncio imobiliário.

VI. Tabulação, interpretação e análise os dados através de quadros conceituais que possibilitaram a organização sistemática das informações.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Este capítulo contempla a caracterização dos bairros da Madalena e Zumbi, traçando um breve histórico e orientando quanto a sua formação, localização, equipamentos urbanos e os limites oficiais estabelecidos pela Prefeitura. Também é apresentada a conjuntura que relaciona o Textifício Santa Maria a formação da comunidade do Berardo. Tal análise é fundamental para a compreensão da configuração atual desses espaços, como se desenvolveram as relações de sociabilidade urbana e quais transformações são decorrentes desses processos.

Antes de adentrar a análise dos bairros especificamente, foi realizada uma explanação inicial a respeito da cidade do Recife. Pois, embora haja a delimitação do recorte estudado, analisando a totalidade percebe-se que os bairros não foram formados de maneira desconectada do restante da cidade e por isso não devem ser estudados de forma isolada. No caso de Madalena, Zumbi e Sítio do Berardo, essas ligações não podem simplesmente ser ignoradas, uma vez que despertam apontamentos desde o processo de formação desses espaços.

3.1 Um breve olhar sobre a formação de Recife, Zumbi e Madalena

A configuração da cidade do Recife e dos seus bairros passou por muitas mudanças até chegar ao contexto atual. Múltiplos fatores corroboraram com essas transformações que permanecem modificando o espaço urbano como um todo, desde as suas formas até as relações sociais que nele se desenvolvem. Por isso, conhecer esses processos e realizar um panorama geral é fundamental para essa pesquisa.

Cabe esclarecer que não é o objetivo deste trabalho detalhar cada evento histórico que permeou a construção e a expansão do Recife, mas promover reflexões em torno daqueles que foram importantes e exerceram alguma influência na forma de apropriação dos espaços, principalmente os que estão ligados aos recortes socioespaciais de Madalena e Zumbi. Desse modo, trata-se de uma análise pautada muito mais na interpretação que na descrição.

O território brasileiro de modo geral é marcado por muitos contrastes. A cidade do Recife, tal como descreve Souza e Bitoun (2015), constitui uma metrópole incompleta, periférica e historicamente desigual. Por isso, o crescimento da cidade não se deu de forma organizada e homogênea, ao contrário, foram reveladas muitas diferenças sociais nos mais distintos segmentos. Nessa perspectiva, os dois bairros em análise, ainda que, na escala

intraurbana, em certa medida expressam tais características assumidas pelo Recife no contexto da rede urbana brasileira.

Nessa conjuntura, a construção da cidade foi permeada por tramas e tensões que se tornaram cada vez mais evidentes à medida em que o homem se deixava levar pelos fascínios do acúmulo. Decifrar esses emblemas continua sendo uma tarefa árdua e complexa, sobretudo por não se restringir apenas as formas concretas, mas também a uma construção subjetiva que envolve histórias, sentimentos, memórias, símbolos, sonhos e desejos. Mesmo diante de todos esses desafios, apresenta-se ainda que de forma sucinta um breve histórico que auxilia na compreensão desses aspectos, tomando como base perspectivas físicas e humanas da cidade do Recife.

Considerando a análise geográfica, o fator locacional de uma cidade é primordial para a compreensão das muitas ligações que influenciaram no seu crescimento. Além disso, a localização, quando favorável, também pode ser muito estratégica. Nessa circunstância, em muitos casos a condição natural é fundamental para o assentamento da cidade e se tratando do Recife, sua origem está ligada a uma grande barreira rochosa formada por arenito a qual dá-se o nome arrecifes que posteriormente viria a inspirar o nome da cidade.

Outra particularidade do Recife é a presença dos seus rios cortando grande parte do território. Embora esses rios não sejam utilizados para o transporte de pessoas em função das dificuldades ligadas à sua navegabilidade. Ainda assim são marcantes na paisagem da cidade, fazendo com que as pessoas popularmente a descrevam como a Veneza brasileira. Sobre isso, Castro relata:

> (...) ilhas, penínsulas, mangues, alagados e pauis. Foi nesses bancos de solo ainda mal consolidado – mistura ainda incerta de terra e água – que cresceu a cidade do Recife, chamada de cidade anfíbia, com Amsterdã e Veneza, porque assenta as massas de sua construção quase dentro da água, aparecendo numa perspectiva aérea, com seus diferentes bairros flutuando esquecido à flor das águas (2015, p.30).

Assim, os rios também se tornaram protagonistas da história, tanto pelas ocupações que adentravam os seus limites, como pelas outras áreas que não eram propícias a esse fim e foram adaptadas por meio de aterros. Tal fato explica o grande quadro de enchentes e alagamentos recorrentes na cidade e tão presente no cotidiano dos moradores da cidade. Na concepção de Lima (2012) esses ambientes aquáticos foram abrigo para a população pobres durante o processo de formação e expansão do Recife, logo, fica evidente que a problemática da habitação não é uma complicação recente.

A referida autora também afirma que as áreas aquáticas do Recife, drenadas, canalizadas ou aterradas subsistiram e hoje ocupam residualmente 20,00 km² do total da área

de 214,92 km² da cidade, sendo que 50,00 km² são de planície e 144,92 km² de morros. Essa realidade expõe a importância dos muitos canais fluviais do Recife, sobretudo nos períodos de chuva, uma vez que o crescimento da cidade se deu diante dessas condições.

A princípio esses elementos parecem estar atrelados apenas aos aspectos físicos da cidade, mas também são capazes de revelar o simbolismo que une e ao mesmo tempo segrega, não só pela função viária destinada aos rios e a ocupação das suas margens, mas também pela ligação velho e do novo, do centro ao subúrbio, dos bairros ricos e pobres, protagonizando a segregação econômica, social e cultural tão características neste centro urbano. Com isso, as relações dialéticas que estão presentes no crescimento do Recife se tornam cada vez mais evidentes ao avançar desse trabalho.

A origem da cidade do Recife está atrelada à condição portuária e seu crescimento inicial está atrelado ao porto. Tal realidade contraria o que normalmente acontece, quando o porto é construído a serviço de uma cidade já edificada. Esse foi um dos primeiros fatores que levaram ao crescimento da cidade, já que a relação do porto com a indústria açucareira se mostrou muito lucrativa e influenciou diretamente na direção que a cidade tomou.

No século XVII a população do Recife era de cerca de 100 mil habitantes (ALVES, 2009). Nesse mesmo período histórico, embora não seja o foco deste trabalho, é importante relatar que as construções religiosas aparecem de forma relevante no processo de urbanização, pois, muitas igrejas católicas foram edificadas e passaram a compor a paisagem recifense. Além de influenciar nas formas da cidade, a Igreja também atuou como um notável agente na contribuição da configuração do espaço, participando de forma direta ou indireta durante todo o processo de expansão do Recife.

No século XIX, o Recife abrigava além 16 engenhos de açúcar também responsáveis pela direção que a cidade tomava, tendo em vista que se tratava de centros autônomos de grande atividade econômica. Outro elemento apresentado por Alves (2009), foi a Abolição da Escravatura em 1888 que intensificou a saída do campo a cidade em busca de melhores condições. Apesar da produção açucareira e a implantação de usinas, existiam grandes dificuldades na cidade, então muitos passaram a ocupar as áreas de mangue em locais impróprios para a moradia sobrevivendo da pesca de crustáceos.

O ramo têxtil também foi atuante na estruturação urbana da cidade, através do processo de industrialização. Muitos bairros foram formados e transformados por meio da instalação de fábricas, como é o caso da Boa Vista, Santo Amaro, Cordeiro, Várzea, Torre e Macaxeira (LIMA, 2012, p. 51). Nesta condição, a realidade apontava para uma crescente economia cafeeira e a queda na produção do açúcar, movendo a economia para o centro Sul.

Considerando este cenário, o cultivo do algodão foi intensificado dando início à

implantação de algumas fábricas em áreas que correspondiam a antigos engenhos, como a Fábrica de Fiação e Tecidos Madalena, localizada nas terras do antigo Engenho Madalena. Assim, a estruturação das fábricas no Recife marcou a metade do século XIX e trouxe muitas alterações a dinâmica da cidade e na reprodução do espaço, tendo em vista que daí surgiram muitas vilas operárias que posteriormente se tornariam bairros.

Apesar da expansão do Recife devido ao crescimento fabril, esse processo não esteve atrelado a melhorias na infraestrutura urban. Na verdade, os problemas urbanos já existentes foram ainda mais agravados. Uma grande parcela populacional proveniente do campo foi atraída por essa nova dinâmica econômica vislumbrando os empregos gerados pela fábrica. Essa população trabalhadora e de baixo poder aquisitivo se deslocava fugindo das condições precárias e da falta de acesso à terra no campo. Para essas pessoas restou a ocupação de áreas menos valorizadas na cidade, em condições na maioria das vezes insalubres. Esse processo de êxodo rural é evocado por Castro ao relatar o que impulsionava tal deslocamento:

> Vocês já viram que não foi por ambição que a gente abandonou a terra do sertão. Não foi em busca de riqueza. Foi em busca de vida. Foi para salvar a vida dos meus que desci para a costa. Vínhamos em busca de vida, mas o que a gente topava a cada instante era com a morte e não com a vida. Era tanta morte de retirante que a impressão que a gente tinha era que eles vinham mesmo acompanhando o seu próprio enterro. Eram uns mortos caminhando até a sua própria cova (2003, p. 80)

Sobre o acelerado crescimento da população no Recife, talvez a questão mais deficitária tenha sido a demanda por moradia. Sobre isso, Lima (2012) analisou as plantas de 1932 e 1943 atentando para a intensificação na ocupação nas áreas de mangue e de morro, sobretudo a instalação de moradias populares. Dessa maneira, compreende-se que o problema habitacional do Recife está carregado de uma herança histórica que se estende até os dias atuais refletindo sérios problemas.

As condições para a instalação de fábricas no Recife eram muito favoráveis. Mesmo que não houvesse uma estrutura urbana adequada para tal crescimento, a população continuava a se deslocar para a cidade e as fábricas impulsionavam a urbanização em seu entorno. Em relação ao recorte socioespacial dessa pesquisa, embora o surgimento da Madalena e Zumbi não se deva propriamente a uma fábrica, o seu crescimento está atrelado ao Textifício Santa Maria que impulsionou também a ocupação da Comunidade do Berardo, a qual será aprofundada no próximo tópico desse mesmo capítulo.

Algumas obras públicas foram importantes nesse período, mas para esse trabalho é fundamental destacar o governo de Francisco do Rêgo Barros, também conhecido como Conde da Boa Vista (1834 - 1844). O crescimento do Recife no sentido oeste foi viabilizado por esse governo ao implantar a Avenida Caxangá, ligando o bairro da Madalena ao subúrbio.

Embora a Avenida Caxangá não seja o objeto de estudo principal dessa pesquisa, é necessário considerá-la não só pela sua função como um corredor de transportes fundamental para a cidade e pelo seu papel comercial, mas também pelo papel divisor que assume dificultando as relações de vizinhança entre os dois lados do bairro de Zumbi cortado por ela.

Conforme aborda Costa (2015), as terras que correspondem ao bairro da Madalena originalmente pertenciam a Jerônimo de Albuquerque. Uma área maior teria sido fruto de uma doação de seu cunhado Duarte Coelho, limitando-se as terras de Marcos André que hoje correspondem ao bairro da Torre. Posteriormente essas mesmas terras teriam sido divididas e repassadas aos filhos de Jerônimo, que consequentemente venderam as partes que lhe foram destinadas. Uma dessas partes foi vendida a Pedro Afonso Duro, esposo de Dona Madalena Gonçalves. A área foi destinada a construção de um engenho de açúcar movido por animais e daí iniciou-se o Engenho Madalena que viria a dar nome ao bairro. Atualmente o sobrado onde era a casa grande do engenho Madalena e que deu origem ao bairro, é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, onde abriga o museu da Abolição que é um centro de referência cultural afro-brasileira (figura 3).

Figura 3 - Museu da Abolição situado na Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

Em relação ao recorte socioespacial de Zumbi, Cavalcanti (2014) relata que a área era um sítio pertencente a Constâncio Maranhão, que foi arrendado em 1920 pelo Major Pessoa,

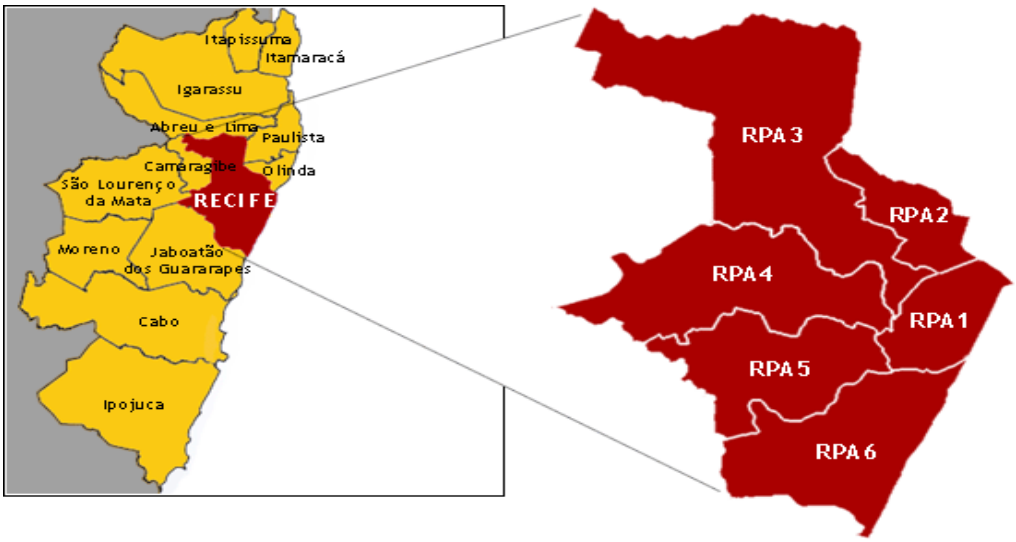
passando a se chamar Sítio do Major. Após o seu falecimento um novo proprietário tomou posse do local, mas diante de muitos rumores sobre possíveis assombrações do antigo dono que apareciam frequentemente na área, a localização passou a se chamar Zumbi. O termo se manteve não só no dialeto dos moradores, mas posteriormente veio a ser oficializado como o nome do bairro constando nos registros da Prefeitura do Recife.

O referido autor também revela que esse novo proprietário do sítio seria Dona Suzana, que na memória dos antigos moradores é um nome conhecido. Por esse motivo, é possível que seu nome apareça em alguns relatos ao longo desse trabalho. Além disso, Dona Suzana também dá nome a uma pequena praça situada em Zumbi, pelo menos por parte de seus moradores, ainda que em registros oficiais conste como Praça Esperança. Vale salientar que tal equipamento de lazer é um dos poucos disponíveis no local. Cavalcanti (2014) também afirma que “a área era de lama e a maioria dos casebres de taipa, cobertos de capim, com chão de barro batido. Não existia abastecimento d’água, nem energia elétrica e a ocupação do solo se deu de forma livre e desordenada” (2014, p. 204).

A ocupação espontânea do Recife está presente na formação de muitos bairros da cidade e o resultado desse processo pode ser observado nos dias de hoje. No caso da Madalena e de Zumbi, tais aspectos podem ser notados principalmente nas áreas consideradas mais carentes, onde é ainda muito visível a falta de padrão urbanístico. Nesses espaços existem muitas ruas estreitas e tortuosas que revelam essa formação socioespacial espontânea, via de regra, à margem do controle urbano e, em certos casos, de qualquer planejamento urbano. Outro fator que indica a falta de aplicação das leis urbanísticas é a falta de calçadas em muitas residências onde os moradores acabam construindo além dos limites estabelecidos, a fim de obter maior aproveitamento do terreno.

Diante desses esclarecimentos a respeito da formação histórica da cidade do Recife e dos bairros da Madalena e de Zumbi. É preciso ressaltar que embora muitos aspectos deste trabalho apresentem críticas a noção de bairro adotada pelo poder público, mais uma vez é reconhecida a necessidade da divisão política administrativa para a organização e gestão dos espaços da cidade. A Lei Municipal nº 16 293, de 22 de janeiro de 1997, a cidade do Recife se divide em seis Regiões Político-Administrativas – RPAs, tal como mostra a figura 4 a seguir:

Figura 4 - Região Metropolitana do Recife e Regiões Político-Administrativas do Recife



Fonte: Prefeitura do Recife.[3]

Considerando essa divisão onde os 94 bairros do Recife estão distribuídos nas 6 RPAs, os referidos fragmentos socioespaciais de Madalena e Zumbi estão inseridos na RPA 4, que conforme já apresentado, é composta por mais 10 bairros situados na zona oeste do Recife. O bairro da Madalena faz limite com os bairros da Torre, Graças, Derby, Ilha do Retiro, Prado, Zumbi e Cordeiro, enquanto o bairro de Zumbi faz limites com os bairros da Torre, Madalena, Prado e Cordeiro.

Para situar o leitor quanto a realidade socioespacial desses dois bairros, os parágrafos seguintes apresentam alguns dados e fotografias com o intuito de demonstrar, no plano da paisagem urbana, transformações e por vezes algumas permanências nesses bairros. Conforme apresentado na figura 1, anteriormente exposta, os dois bairros possuem dimensões muito distintas no que diz respeito a área de ocupação, sendo a Madalena muito maior que o Zumbi. Essa condição faz com que o bairro da Madalena tenha mais conteúdo a ser apresentado quanto aos seus equipamentos urbanos, o que não faz de Zumbi menos importante para essa pesquisa, já que mais uma vez não se trata de uma análise comparativa, mas da possibilidade de compreender as distintas conjunturas da dinâmica urbana e da sociabilidade em diferentes recortes da cidade do Recife.

O bairro da Madalena possui um território de 183 hectares e uma população de 23.082 habitantes (IBGE 2010). Entre os censos do IBGE de 2000 e 2010 a população apresentou uma taxa geométrica de crescimento anual de 1,55%. A Madalena chama atenção pelo seu adensamento populacional, já que se trata de um bairro onde o preço do solo é valorizado pelo mercado imobiliário e dificilmente se encontram terrenos vazios disponíveis para a

[3]Disponível em: www2.recife.pe.gov.br/. Acesso: 15/06/2019 às 15h23m.

construção. As figuras 5 e 6 mostram um pouco dessa realidade na Avenida Visconde de Albuquerque e na Rua Real da Torre, onde é possível observar a presença de muitos edifícios.

Figura 5 - Processo de verticalização na Av. Visconde de Albuquerque, Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti, jul/2019.

Figura 6 - Processo de verticalização na Rua Real da Torre, Madalena

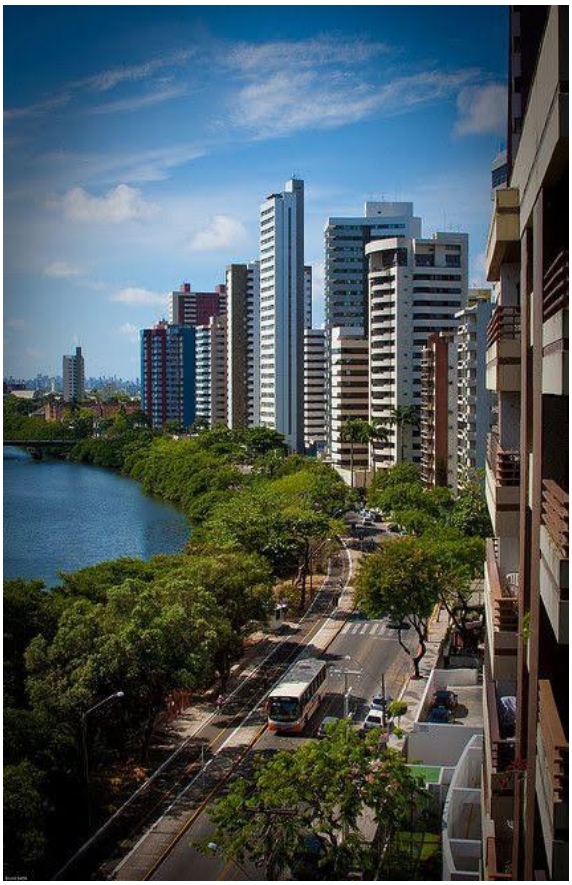
Fonte: Thalita Cavalcanti, jul/2019.

O processo de verticalização se intensifica principalmente nas aproximações com os bairros da Torre, Graças e Derby. Uma das vias onde o preço do solo é mais alto no bairro da Madalena é na Avenida Beira Rio, às margens do Rio Capibaribe. Nessa via quase não existem casas, já que o mercado imobiliário já atuou intensamente na construção dos edifícios de alto padrão. As figuras 7 e 8 fornecem a visão de um dos edifícios dessa avenida, anunciados em um site de venda de imóveis. As imagens registradas de um dos edifícios da via proporcionam uma visão privilegiada, evidenciando o processo de verticalização. Além da presença de muitos prédios, também é possível perceber a arborização da via como uma externalidade urbana positiva na valorização do solo.

Figura 7 - Processo de verticalização acentuado na Av. Beira Rio, Madalena

Fonte: VIVAREAL, 2019.[4]

Figura 8 - Processo de verticalização acentuado na margem direita do Rio Capibaribe na Av. Beira Rio, Madalena



Fonte: VIVAREAL, 2019.[5]

Apesar da presença de muitos edifícios no bairro da Madalena, ainda é possível identificar ruas onde a forma predominante de moradia são casas, e isso não é uma exclusividade das áreas mais carentes. As figuras 9 e 10 mostram como em algumas partes do bairro ainda há a preservação do antigo, mesmo que de forma discreta em relação ao que a modernidade traz de novo.

[4]Disponível em: www.vivareal.com.br/venda/pernambuco/recife/bairros/madalena/avenida-beira-rio/apartamento_residencial/?__vt=lpp:a&utm_referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com.br%2. Acesso: 01/06/2019 às 00h30m.

[5]Disponível em**:** www.vivareal.com.br/venda/pernambuco/recife/bairros/madalena/avenida-beira-rio/apartamento_residencial/?__vt=lpp:a&utm_referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com.br%2. Acesso em 01/06/2019 às 00h31m.

Figura 9 - Alguns casarões com a fachada preservada na Rua Benfica, Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti, Jul/2019.

Figura 10 - Casa com arquitetura mais antiga na Rua Visconde de Albuquerque, Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti, Jul/2019.

Por outro lado, assim como existem áreas onde o solo é valorizado e é possível observar traços de um processo de urbanização mais organizado, em outras as autoconstruções aparecem na paisagem de forma marcante, sobretudo nas áreas de ZEIS. Sendo a Madalena uma área muito extensa e com muitos elementos a serem estudados, entre as três (3) ZEIS existentes no bairro, elegeu-se a ZEIS Sítio do Berardo, em função do conteúdo que envolve esse recorte e a importante relação histórica com o Textifício Santa Maria. Sendo assim, optou-se por destinar um item específico para essa discussão a qual será apresentado mais adiante, ainda nesse capítulo.

Quanto aos equipamentos urbanos disponíveis na Madalena, observa-se que há uma grande variedade no fluxo de comércios e serviços. Esses setores acabam servindo também aos moradores dos bairros do entorno, principalmente no que se refere aos equipamentos públicos de lazer, saúde e educação, já que alguns bairros e até mesmo as ZEIS do entorno apresentam carência em algumas dessas áreas.

Em relação aos equipamentos de educação, o bairro da Madalena possui diferentes escolas, creches e até centros universitários públicos e privados. Também estão inseridas nesse bairro, escolas particulares voltadas para uma clientela de classe média, tais como o Colégio de Formação Integral - CFI (Figura 11), Colégio GGE, Colégio Equipe, Colégio Ideia, entre outros. Uma escola pública de referência (Figura 12) que também atende os moradores da Madalena e do entorno, além de dois centros universitários da Universidade de Pernambuco, a Escola Politécnica de Pernambuco e a Faculdade de Ciências da Administração de Pernambuco. Além disso, o bairro também possui o Centro de Formações de Professores intitulado Paulo Freire.

Figura 11 - Colégio de Formação Integral na Av. Caxangá, Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

Figura 12- Escola de Referência do Ensino Médio Joaquim Távora na Rua Real da Torre, Madalena

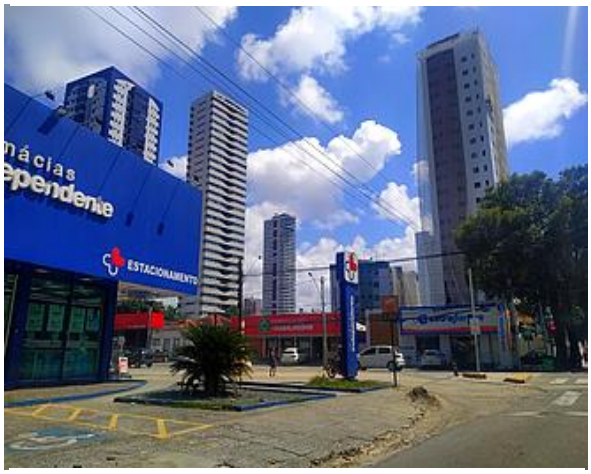
Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

No que diz respeito aos equipamentos de saúde, o bairro da Madalena não conta com hospitais públicos, mas possui muitos centros médicos e clínicas particulares de diferentes especialidades. Um exemplo disso é a Policlínica Lessa de Andrade (Figura 13) que fornece serviço público gratuito para os moradores da Madalena e bairros adjacentes. O bairro também possui muitas farmácias, como se observa na figura 14 a seguir.

Figura 13 - Policlínica Lessa de Andrade na Rua Estrada dos Remédios, Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

Figura 14 - Localização de três farmácias no cruzamento da Av. Visconde de Albuquerque com a Rua José Osório, Madalena



Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

Sobre os equipamentos de lazer, existem algumas pequenas praças no bairro da Madalena como a Praça do Berardo (Figura 15) e Praça Eça de Queiroz (Figura 16). Os moradores também fazem uso do espaço da Avenida Beira Rio, que conta com área de corrida e aparelhos de ginástica para a prática de atividade física. Atualmente foi entregue pela

Prefeitura um equipamento público de lazer na Avenida Caxangá, mas em função da sua estreia ligação com a ZEIS Sítio do Berardo, optou-se por discutir sobre esse equipamento no capítulo 4, quando os estudos sobre a referida ZEIS serão aprofundados.

Figura 15 - Praça do Berardo na Rua João Crescêncio, Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

Figura 16 - Praça Eça de Queiroz na Rua Desembargador Luis Salazar, Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

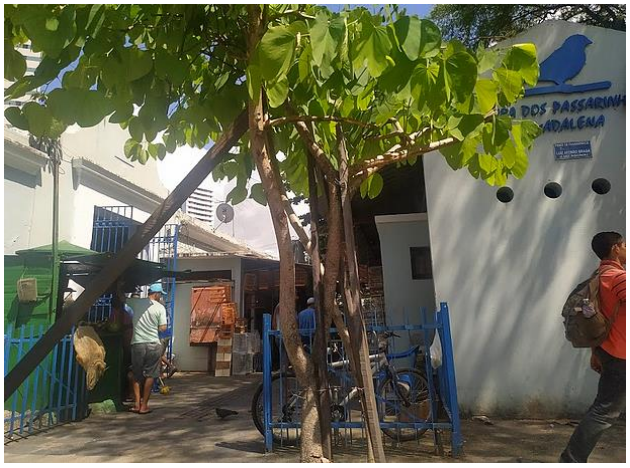
É importante destacar que a Madalena é também um bairro que possui uma grande infraestrutura de serviços e comércio, compreendendo variadas redes de supermercados, padarias, academias, igrejas, lojas de diferentes segmentos, entre outros. Diante disso, o bairro como um todo parece resguardar poucos indícios do comércio de bairro que é identificado pela presença de mercadinhos e outros tipos de estabelecimentos locais.

No entanto, um importante e tradicional local preservado e em atividade é o Mercado da Madalena, que oferece experiências que vão desde a venda de inúmeros artigos, até a gastronomia nordestina. As figuras 17 e 18 revelam um pouco da fachada do mercado, que embora já tenha passado por algumas reformas, ainda preserva alguns traços passados, assim como os antigos hábitos.

Figura 17 - Fachada do Mercado da Madalena na Rua Real da Torre

Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

Figura 18 - Tradicional Feira de Passarinhos no Mercado da Madalena



Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

De acordo com a Prefeitura do Recife, o Mercado da Madalena foi inaugurado no ano de 1925[6] e ocupa um importante papel na história do bairro. A área correspondia a um aglomerado de feirante que vendiam os seus produtos sem que houvesse interferência da prefeitura e ficou muito conhecido por oferecer uma culinária regional. Além disso, ao anoitecer também atraia muitos boêmios que procuravam diversão. Atualmente o mercado ainda serve a esses fins e conta também com uma popular feira de passarinhos, onde podem ser encontradas muitas espécies de aves e também de outros animais. Possivelmente esse é um dos poucos resquícios da “vida de bairro” na Madalena.

Atualmente o bairro da Madalena se apresenta de forma muito fragmentada e com realidades sociais bastantes distintas, seja porque seu território abrange áreas consideradas nobres, onde o mercado imobiliário atua apresentando um intenso processo de urbanização, ou pelas áreas consideradas carentes e que foram denominadas como ZEIS pelo poder público. Atrelado a esses fatores ainda existem as áreas de intenso fluxo comércio e serviços.

Diante dessas características e da dimensão territorial da Madalena, sugere-se que esse recorte, mesmo sendo muito conhecido não tenha seus limites bem definidos no imaginário popular. Além disso, a diversidade de serviços e tipos de moradia ficarão ainda mais evidentes no tópico que corresponde a ZEIS Sítio do Berardo e que também abrange

[6]Disponível em: www2.recife.pe.gov.br/servico/mercado-da-madalena?op=MTM1. Acesso em: 14/06/2019 às 22h13m.

uma parte da Madalena. Tais diferenças sugerem que o bairro da Madalena é ainda mais fragmentado do que se apresenta nos limites oficiais. Compreender como esse espaço é fragmentado no âmbito do vivido, é um dos desafios dessa pesquisa.

Quanto ao bairro de Zumbi, trata-se de um recorte territorial muito pequeno, formado por 44 ruas que estão distribuídas em 41 hectares. A população de Zumbi de acordo com o último censo de 2010 era de 6.033 habitantes. Diferente da Madalena, o bairro de Zumbi não foi atingido intensamente pelo processo de verticalização, ainda que os bairros do seu entorno sejam marcados por uma expressiva expansão do mercado imobiliário, evidenciada pelo processo de verticalização, tal como se observa na Madalena, Prado e Torre.

De forma distinta desses e de outros bairros recifenses, Zumbi, para além dos seus moradores, muitas vezes nem é percebido como um bairro. Habitualmente ele acaba sendo confundido como parte dos bairros maiores do seu entorno, mesmo com a sua localização privilegiada, próximo ao centro da cidade e de importantes vias de transportes como a Av. Caxangá e a Av. Gomes Taborda, popularmente conhecida como Rua da Lama.

Os equipamentos públicos de Zumbi apresentam muita carência e limitações no que se refere a educação, segurança, saúde e lazer. Em diversos âmbitos o bairro não conta com o mínimo suporte daquilo que é basilar para o desenvolvimento humano, fazendo com que os moradores façam uso de equipamentos alocados em bairros vizinhos. Essa carência tanto se deve a pouca representação de um pequeno recorte da cidade, quanto a falta de atenção do poder público.

Em termos de equipamento de educação, o bairro de Zumbi não conta com nenhuma escola pública dentro daquilo que é delimitado como recorte oficial. Existia apenas uma pequena escola municipal que funcionava em uma capela oferecendo o ensino fundamental II, mas que por motivos desconhecidos deixou de oferecer esse serviço e atualmente permanece apenas como capela (Figura 19). Em Zumbi também estão situadas algumas escolas particulares (Figuras 20 e 21) que oferecem educação infantil e ensino fundamental I e II, mas, apenas (1) uma também oferece o ensino médio. Sendo assim, as escolas públicas e creches que atendem aos moradores de Zumbi estão situadas nos bairros do Cordeiro, Prado e Madalena, sendo nesse último caso aquelas que estão inclusas na ZEIS Sítio do Berardo.

Figura 19 - Capela Santa Terezinha na Rua Abraão Alliz, Zumbi

Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

Figura 20 - Escola da rede particular Aventuras do Pinóquio na Rua Padre Dias Martins, Zumbi

Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

Figura 21 - Escola da rede particular Lápis na mão, na Rua Frei Teófilo de Virgoletta, Zumbi

Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

A figura 22 a seguir retrata um importante centro de saúde mental que fornece serviços de recuperação para dependentes químicos. Mas, o que chama a atenção para essa instituição é que mesmo localizada em uma área onde oficialmente a prefeitura delimita como Zumbi, ela se intitula como um centro do Cordeiro. Essa característica é muito frequente no recorte socioespacial de Zumbi, já que é comum ver estabelecimentos e instituições como igrejas, sugerindo em suas fachadas o pertencimento a outro bairro, mesmo estando dentro dos limites de Zumbi. Tal indício pode estar ligado ao fato de Zumbi ser pouco conhecido para além de seus moradores, tornando os bairros adjacentes como pontos de referência mais fáceis de encontrar.

Figura 22 - Centro Eulâmpio Cordeiro de Recuperação Humana na Rua Rondônia, Zumbi

Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

Em relação aos equipamentos de saúde, não há nenhuma oferta local aos moradores desse recorte. Os atendimentos não emergenciais são prestados pela Policlínica Lessa de Andrade situada no bairro da Madalena, enquanto os emergenciais são encaminhados a Unidade de Pronto Atendimento - UPA de Torrões e da Caxangá ou mesmo para o Hospital Getúlio Vargas no Cordeiro. Em relação à segurança pública também não há nenhuma delegacia ou posto fixo da Polícia Militar. As denúncias podem ser realizadas na delegacia do Cordeiro e a segurança do bairro é realizada pela patrulha do bairro que faz uso de uma viatura, mas de acordo com os moradores também não é vista com muita frequência.

Outro setor também deficiente em Zumbi é o lazer, pois o bairro conta apenas com uma pequena praça que, embora oficialmente tenha o nome de Praça Esperança, é carinhosamente chamada por seus moradores de Pracinha do Zumbi. Atualmente a praça passou por alguns serviços de manutenção melhorando as suas condições de uso, tais como se observa nas figuras 23 e 24. Um fator relevante é que a praça possui diferentes modos de uso durante os dias da semana que serão analisados no decorrer dessa pesquisa no capítulo 5.

Figura 23 - Praça Esperança na Rua Caratinga, Zumbi

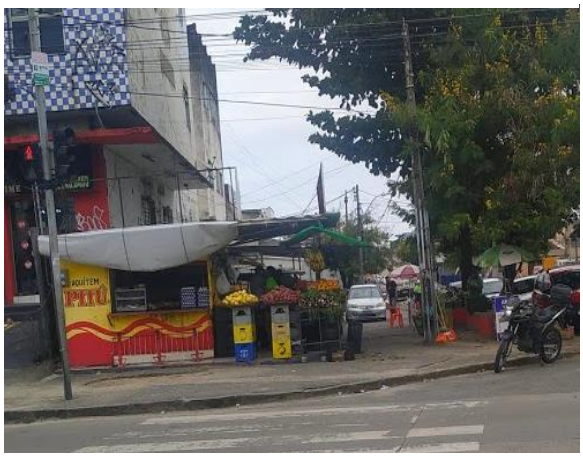
Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

Figura 24 - Praça Esperança na Rua Caratinga, Zumbi

Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

Uma característica ainda presente em Zumbi é o comércio de bairro, tanto nos mercadinhos, quitandas, como também nos serviços de beleza, gráficas, lojas de roupas e sapatos, entre outros. Não existem grandes redes de lojas e supermercados na área, mas isso não significa que a dinâmica do comércio de bairro não tenha mudado. No capítulo 4 também serão apresentadas algumas mudanças na relação dos moradores com os comerciantes locais. No que diz respeito à estrutura de comércio e serviços em Zumbi, é possível contabilizá-los por se tratar de um pequeno recorte. Sendo assim, são três (3) padarias, três (3) mercadinhos, além de salões de beleza e pequenas lojas de cosméticos, roupas, sapatos, entre outros. As figuras 25, 26, 27 e 28 retratam alguns desses estabelecimentos.

Figura 25 - Quitanda na esquina Av. Caxangá com a Rua Caratinga, Zumbi



Fonte: Thalita Cavalcanti jun/2019.

Figura 26 - Mercadinho Barateiro na Rua Caratinga, Zumbi

Fonte: Thalita Cavalcanti jun/2019.

Figura 27 - Mercadinho do Povo na Rua Frei Teófilo de Virgoletta, Zumbi

Fonte: Thalita Cavalcanti jun/2019.

Figura 28 - Loja São Felix na Rua Caratinga, Zumbi

Fonte: Thalita Cavalcanti jun/2019.

Além dos equipamentos urbanos de Zumbi, o traçado das ruas diz muito sobre o processo de ocupação do bairro. No caso de Zumbi, observa-se que algumas ruas onde o poder aquisitivo dos moradores é maior, há um certo ordenamento, mesmo que não obedeça a todos os parâmetros e leis urbanas, conforme se observa nas figuras 29 e 30. Tais características podem ser observadas principalmente pela ausência das calçadas e pelos tipos de edificações que parecem ter sido mais bem planejadas. Em outras áreas mais pobres as ruas são estreitas e os moradores além de não respeitarem os limites das calçadas, constroem casas sem nenhum tipo de acompanhamento de profissionais da área civil, desconsiderando os padrões urbanísticos e de segurança, tal como revelam as figuras 31 e 32.

Figura 29 - Calçadas largas na Rua Dr. Carlos Alves, Zumbi

Fonte: Thalita Cavalcanti jun/2019.

Figura 30 - Via asfaltada na Rua Fidelis Moliterno, Zumbi

Fonte: Thalita Cavalcanti jun/2019.

Figura 31 – Construção de mais pavimentos na Rua Caratinga, Zumbi.

Fonte: Thalita Cavalcanti jun/2019.

Figura 32 - Ausência de calçadas apropriadas ao passeio público na Rua Abdias de Oliveira, Zumbi

Fonte: Thalita Cavalcanti jun/2019.

As informações aqui expostas possibilitam a compreensão de alguns elementos acerca da realidade dos bairros da Madalena e Zumbi. Por isso, o objetivo do item a seguir é retratar alguns aspectos da ZEIS Sitio do Berardo. Essa abordagem permite analisar a relação dessa comunidade com os bairros estudados, fazendo uso de informações acerca da sua história e realidade socioespacial nos dias atuais.

3.2 Do Textifício Santa Maria à formação da Comunidade Sítio do Berardo

Conforme apresentado no tópico anterior, o Sítio do Berardo é uma ZEIS que abrange partes dos territórios dos bairros da Madalena, Zumbi e Prado. Esse pequeno fragmento exerce uma ligação entre esses recortes, mas também figura com uma identidade bem definida e uma dinâmica própria.

A delimitação das ZEIS na cidade do Recife representa um importante marco, sobretudo por ser um instrumento que refere tanto a regulação quanto ao controle de ocupação do solo. Esses parcelamentos são capazes de inibir os efeitos causados pelo mercado imobiliário reduzindo os impactos que atingem diretamente as famílias de baixa renda. Mas, antes de tratar especificamente das funções atreladas às ZEIS, cabe esclarecer a origem do Sítio do Berardo, sua relação com o Textifício Santa Maria e a formação da comunidade até chegar a sua configuração atual.

Conforme aborda Castro (1948), no processo de formação e expansão da cidade do Recife, muitos bairros são provenientes de áreas que antes haviam sido ocupadas pela cana-de-açúcar pertencentes aos antigos engenhos. Por outro lado, a expansão de muitos espaços

esteve atrelada a atividades comerciais como as antigas fábricas, responsáveis por grandes mudanças na dinâmica econômica. As fábricas não só impulsionaram o crescimento populacional induzido pela chegada de moradores da zona rural, movidos pelas promessas de uma renda fixa e uma certa estabilidade que atendesse as suas necessidades básicas, como também propiciou uma nova categoria de trabalhadores, os proletariados.

Assim as fábricas desempenharam um papel fundamental no processo de industrialização da cidade do Recife e consequentemente no aumento da demanda por moradia. Entre as mudanças provenientes da implantação das fábricas, talvez a mais significativa para esse trabalho seja o modo como elas ditavam o cotidiano dos trabalhadores. Por muito tempo foram os apitos das fábricas que marcaram não só os horários do expediente, mas também anunciavam o despertar e o adormecer dos dias para aqueles que moravam no entorno.

Mas se por um lado a economia açucareira abriu muitos caminhos para o ramo têxtil por conta das importantes estradas já construídas e que possibilitavam não só a chegada da matéria-prima como também o escoamento da produção, por outro, não havia infraestrutura apropriada para a quantidade de trabalhadores que chegavam do interior. Diante dessa realidade a ocupação dos espaços por parte desses trabalhadores se deu de forma muito espontânea e irregular.

As áreas que hoje correspondem ao Sítio do Berardo e a Zumbi faziam parte do Engenho Madalena. De acordo com Bezerra (2019, p.33), o último dono das terras desse engenho teria sido o Dr. Filipe Colaço. Diante do seu falecimento em 1894 a propriedade teria sido dividida e vendida pelos herdeiros. Assim, vários sítios foram originados, entre eles os Sítios do Berardo e do Zumbi. A parte que corresponde a Zumbi, conforme já relatado, pertencia a Constâncio Maranhão e foi arrendado em 1920 pelo Major Pessoa. A área equivalente ao Sítio do Berardo foi comprada por Manuel Monteiro e posteriormente arrendada ao Sr. Oscar Berardo, que segundo Cavalcanti (2007, p.185) estabeleceu no local uma vacaria.

As primeiras residências do Sítio do Berardo foram instaladas em um ambiente de muita precariedade. Segundo Bezerra (2009, p.33), o cenário era de um terreno baixo e alagado onde surgiram os primeiros poucos e dispersos mocambos construídos com palha, madeira e pau-a-pique, de forma dispersa, sem água e energia elétrica. Essas viriam a ser as primeiras casas da Comunidade do Berardo.

A relação histórica da Comunidade do Sítio do Berardo e dos recortes socioespaciais de Madalena e Zumbi está estreitamente ligada ao Textifício Santa Maria. Embora não haja muitos dados e documentos disponíveis que permitam uma explanação mais aprofundada

acerca dessa fábrica, Bezerra (2009) fornece algumas informações que permitem compreender sua influência no processo de urbanização e essas particularidades atreladas aos recortes mencionados.

O Textifício Santa Maria foi inaugurado entre 1920 e 1930, período em que houve um grande aumento das fábricas no Recife, sobretudo no ramo têxtil. Sobre a implantação dessa Fábrica Bezerra afirma: “Precisamente no dia 06 de julho de 1923, Antônio de Medeiros Carneiro, comprou o referido terreno e não tardou muito para fundar a fábrica de sacarias nos primeiros meses do ano de 1929, não se sabendo ao certo dia e mês.” (2009, p 47) Esses dados teriam sido coletados por meio da carteira de trabalho e previdência social de um dos trabalhadores ao qual o referido autor teve acesso.

Depoimentos colhidos por Bezerra também apresentam indícios do fechamento da fábrica quando ele relata: “Em 09 de julho de 1941, o terreno da fábrica foi repassado a Arthur de Medeiros Carneiro. O Textifício Santa Maria, também conhecido popularmente por Fábrica de Estopa do Zumbi funcionou por 49 anos quando fechou suas portas em 13 de novembro de 1978, por problemas financeiros decorrentes da queda nas vendas (2009, p.47), as figuras 33, 34 e 35 mostram a fábrica em 1966 e mais recentemente o terreno sem utilização.

Figura 33 - Textifício Santa Maria em 1966

Legenda	
Parte do bairro da Madalena	
Parte do bairro do Zumbi	
Parte do bairro do Pado	
Área do Textifício Santa Maria	

Fonte: Prefeitura do Recife (Adaptação da legenda: Thalita Cavalcanti)

Figura 34 - Terreno do Textifício Santa Maria

Fonte: Angelo Felipe. fev/2015.

Figura 35 - Terreno do Textifício Santa Maria tomado pelo mato

Fonte: Angelo Felipe. mar/2016.

Cabe enfatizar que tomando como base os limites oficiais atuais, a área em que foi instalado o Textifício Santa Maria corresponde ao bairro da Madalena. Diante disso, o que levou o Textifício Santa Maria a ser chamado popularmente como Fábrica de Estopas do Zumbi, uma vez que não estava localizado em seu território? A resposta para esse questionamento está no processo de implantação da Fábrica. O Sítio do Zumbi era uma área já consolidada com algumas casas já edificadas e a presença da Praça Esperança que a princípio era chamada de Largo de Dona Suzana. Desse modo, era comum que a fábrica fosse associada a uma área já edificada e conhecida que ao Sítio do Berardo que cresceu só após a sua chegada.

A respeito do efetivo loteamento do Sítio do Berardo, Bezerra também afirma que só ocorreu no final da década de 50 “como consta na Planta Baixa do loteamento aprovado em 05 de agosto de 1957, pela petição nº 10557/57, aprovados como lotes populares para residências. Sob a administração e propriedade da Imobiliária Internacional, as pessoas proprietárias das casas, mas nunca do terreno, estavam submetidos ao pagamento de foro e a restrições quanto ao uso e ocupação do solo.” (2009, p. 34). Havia também um conjunto de normas para a ocupação desses espaços:

> 1.) Não poderá reconstruir a casa nem vender sem o consentimento do proprietário do terreno;
> 2.) É expressamente proibida a criação de porcos;
> 3.) É proibido fazer obra de alvenaria; os quartos construídos nos fundos das casas e alugados pagarão mensalidade por quarto;
> 4.) Qualquer importância paga sem o recibo, não tem valor.

A ausência de fiscalização levava ao não cumprimento dessas normas, pois, nessa mesma época tornou-se comum a construção de um (1) ou mais quartos nos fundos das casas principais com banheiros compartilhados e que eram destinados ao aluguel. Mas embora os proprietários tivessem interesse na ocupação de suas terras para posterior valorização, essas normas ainda que não fiscalizadas, asseguravam que as terras seriam devolvidas, tendo em vista que as pessoas que as ocupavam eram estranhas e na maioria das vezes provenientes da zona rural.

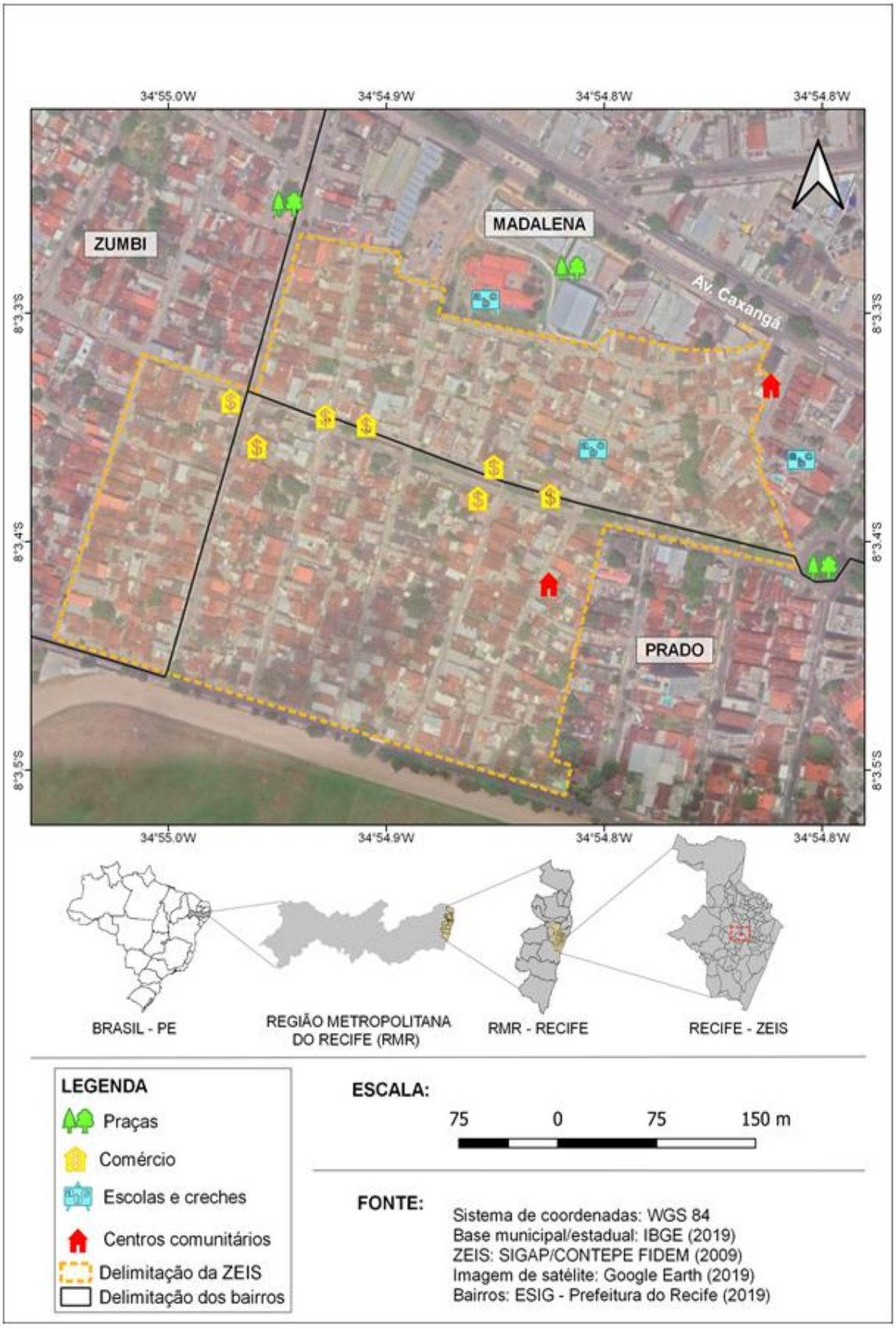
Além dos trabalhadores provenientes do interior, moradores dos sítios vizinhos que eram atraídos pelas ofertas de emprego também se instalaram no entorno da Fábrica de Estopas do Zumbi. A pouca disponibilidade do transporte público e a relativa distância com o local de trabalho justificavam essa mudança, já que assim economizavam tempo e dinheiro.

O resultado desse processo impulsionado pelo crescimento da indústria e a demanda por moradia foi a ocupação espontânea que permanece nos dias de hoje. Tais elementos são identificados na paisagem, como a presença de becos, ruas estreitas e de traçado irregular, além da ausência de calçadas que revelam como muitos espaços do Recife se constituíram

sem obedecer a um planejamento urbano, evidenciando o crescimento espontâneo, como se constata em Zumbi.

Diante dessas informações a respeito da origem do Sítio do Berardo e do Textifício Santa Maria, é natural que a essa altura do trabalho haja o questionamento sobre a real necessidade do estudo desse recorte que não é o principal da pesquisa. Conforme já esclarecido, o Sítio do Berardo atualmente é uma comunidade conhecida popularmente como Berardo e caracterizada como uma Zona Especial de Interesse Social – ZEIS. Portanto, não se trata de mais um bairro, pelo menos sob a ótica do poder público e seus limites oficiais, mas de uma comunidade que abrange parte dos bairros da Madalena, Prado e Zumbi. A figura 36 a seguir representa a área que corresponde atualmente a ZEIS Sítio do Berardo e seus principais equipamentos urbanos.

Figura 36 - Mapa de localização da ZEIS Sítio do Berardo e equipamentos urbanos



Elaborado por: Twane Xavier.

A comunidade foi caracterizada como ZEIS através da Lei Municipal nº 16.176/96, abrange uma área de 13,5 ha, relevo plano e população de 7.800 pessoas, além de compreender um extenso canal fluvial (Figuras 37 e 38) que abrange uma área significativa. No capítulo 4 se constata que a função desse canal se deve apenas as razões ligadas ao saneamento, mas também por se tratar de um símbolo importante na definição dos limites territoriais para os moradores do Berardo.

Figura 37 - Via com canal fluvial do Sítio do Berardo, Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti jun/2019.

Figura 38 - Via com canal fluvial do Sítio do Berardo, Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti jun/2019.

Em relação aos equipamentos públicos, o Sítio do Berardo apresenta insuficiências em diversas áreas, sendo essa uma realidade típica das comunidades recifenses. Mas, a comunidade é organizada e articulada em relação a reivindicação de melhorias voltadas aos serviços de lazer, saúde, educação. A existência de uma instituição local, intitulada Casa da Comunidade do Berardo promove atividades culturais e educativas aos moradores, como também protagoniza diretamente a luta pelo direito à cidade e a defesa dos interesses da comunidade.

Sobre o fluxo comercial, não há nenhuma grande rede de supermercados, mas uma análise prévia levou a constatação de que a maioria dos estabelecimentos comerciais são de origem local e os donos são moradores da comunidade. Dessa maneira, ainda se observam muitas características que naturalmente estão se dissipando em função da vida moderna na metrópole, mas que ainda se mantém na “vida de bairro” da comunidade do Berardo, como é chamada pelos moradores. As figuras 39 e 40 a seguir mostra alguns dos comércios locais da comunidade.

Figura 39 - Bomboniere do Berardo na Rua Antônio de Sá, Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti jun/2019.

Figura 40 - Alguns estabelecimentos comerciais à direita da foto na Rua Antônio de Sá, Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti jun/2019.

A respeito da demanda por saúde, os moradores do Sítio do Berardo, assim como os de Zumbi, são encaminhados a Policlínica Lessa de Andrade e dispõem de um agente comunitário de saúde que procede com a marcação das consultas no referido posto de saúde. No campo da educação a comunidade dispõe de uma (1) escola municipal que atende ao ensino fundamental, um (1) Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI e uma (1) creche. Já os estudantes do ensino médio são inseridos nas escolas dos bairros adjacentes.

Na área do lazer, durante muitos anos o Sítio do Berardo apenas dispôs da Pracinha do Berardo, que já foi apresentada no item 3.1. Por muitos anos a Comunidade travou uma luta popular com a Prefeitura do Recife para que o terreno correspondente a Fábrica de Estopas do Zumbi fosse utilizado para a construção de uma praça que atenderia a comunidade e os moradores do entorno, não só pela necessidade de um espaço público de lazer de qualidade, mas pela relação da comunidade com a fábrica que ainda é muito presente na memória afetiva dos moradores. Após incontáveis protestos realizados pela comunidade (Figura 41), a Prefeitura do Recife construiu e entregou a Praça Industrial Arthur Carneiro da Cunha (Figura 42) em homenagem à antiga Fábrica de Estopas. Alguns meses depois esse espaço foi ampliado e entregue a população como o COMPAZ Governador Miguel Arraes.

Figura 41 - Protesto na Av. Caxangá pela liberação da praça

Fonte: Diogo Franco/TV Asa Branca, 03/jun/2019.

Figura 42 - Praça Arthur Carneiro da Cunha na Madalena com acesso liberado aos moradores

Fonte: Thalita Cavalcanti, jul/2019.

Até a entrega da praça, houve um longo e exaustivo processo de reivindicação e luta dos moradores do Berardo. Tal processo indica que muitas questões da sociabilidade urbana podem ser explicadas a partir dessa relação da comunidade com a Fábrica. Considerando que esse capítulo é destinado à caracterização da área de estudo, as discussões a respeito da articulação dos moradores até a entrega desse equipamento público e do seu uso, serão devidamente aprofundados no capítulo 4.

A partir dessa contextualização socioespacial da área de estudo, compreende-se que uma das características do espaço urbano sob a ótica do capitalismo é que ele está ao mesmo tempo fragmentado e articulado (SANTOS, 1996, 2004), sendo essas ligações e diferenças atenuadas por meio das diferentes classes sociais e atividades econômicas. No caso da cidade do Recife, historicamente a fragmentação se iniciou desde os aspectos naturais, por meio dos rios que cortam o território e que posteriormente foram interligados por aterros e pontes (SANTOS, 2017).

No contexto atual, o estilo de vida moderno revela o processo de fragmentação da cidade também pelas formas de convivência e ocupação dos espaços. A segregação é evidenciada à medida que uma parcela da população com maior poder aquisitivo pode comprar os melhores espaços e experiências, apontando para uma realidade contraditória e desigual. De outro modo, os serviços oferecidos por um bairro revelam que embora a fragmentação seja uma realidade, esse mesmo espaço é também articulado por meio das conexões. Os serviços oferecidos não são isolados a população local, ao contrário disso são

capazes de promover o fluxo de pessoas, mercadorias, informações e capital que circulam em diferentes fragmentos da cidade.

Na cidade do Recife as práticas de planejamento urbano direcionadas pelas diferentes gestões ao longo dos anos, contribuíram ainda que indiretamente com o processo de fragmentação. As iniciativas postuladas quase sempre não consideram a heterogeneidade do espaço urbano, apresentando parâmetros de produção e regimentos do uso do solo flexíveis em face a atuação do capital, contribuindo assim para o crescimento desigual da cidade.

3.3 As formas de ocupação na Madalena e Zumbi

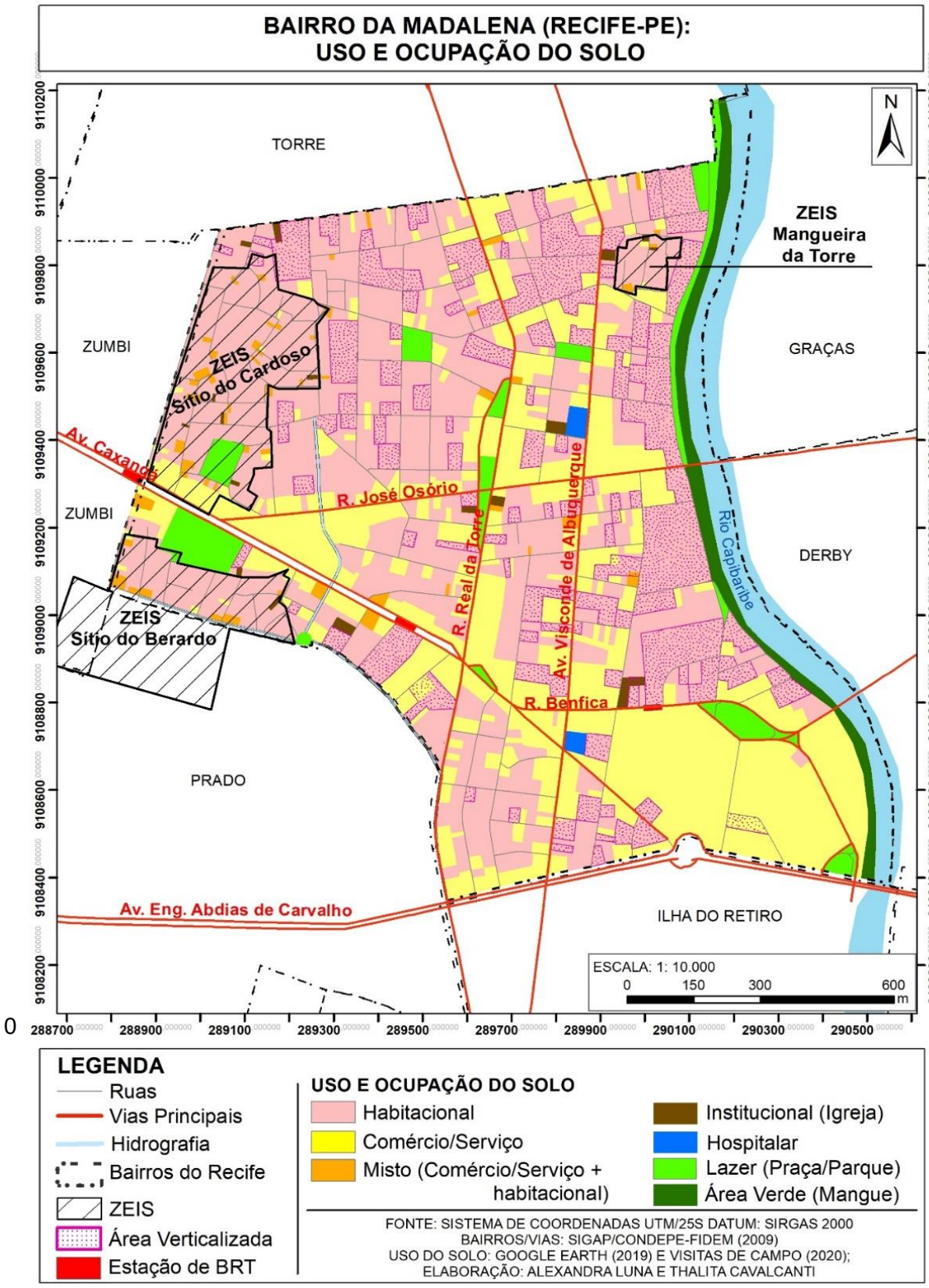
O processo de ocupação dos bairros da Madalena e Zumbi, tal como exposto, esteve diretamente ligado ao funcionamento do Textifício Santa Maria, e também por essa razão, muitas ruas e moradias surgiram de forma bastante espontânea. Apesar disso, ambos cresceram com uma função predominantemente habitacional, mesmo que atualmente o comércio seja bastante expressivo no bairro da Madalena. Também de forma muito intensa se nota no bairro da Madalena o processo de verticalização. A paisagem protagonizada por edifícios tornou-se cada vez mais comum e se não atinge a Zumbi da mesma maneira é, possivelmente, por parte do seu território está inserido na ZEIS Sítio do Berardo e também ser majoritariamente constituído por uma população mais pobre.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a análise de usos do solo foi realizada através da plataforma Google Hearth (2019) e de idas a campo (2019 e 2020), resultando na produção de dois (2) mapas que analisados ainda nesse subitem. No reconhecimento do processo de verticalização considerou-se as construções com três (3) ou mais pavimentos, enquanto na identificação de uso misto (comércio e serviço habitacional) indicou-se as residências que possuíam alguma placa sinalizando ser um ponto comercial ou identificadas através da análise em campo e dos relatos dos moradores presentes.

A figura 43 a seguir, revela informações significativas para a compreensão da configuração do bairro da Madalena. A área habitacional corresponde a 54% da ocupação, representando um pouco mais da metade do território, o comércio/serviço representam 32%, o uso misto 1,30%, institucional (igrejas) 0,30%, equipamentos de lazer (praças e parques) 4%, rede hidrográfica 4%, áreas verdes incluindo o mangue 2,50% e o 1% restante corresponde aos canteiros das vias centrais. Quanto a área verticalizada, representa 19% da ocupação. A figura 43 também contempla a delimitação das áreas de ZEIS, mas a identificação das formas de uso dessas ZEIS só foi possível através das explorações realizadas nas idas à campo, já que muitas ruas estreitas e becos não podiam ser acessados

pela plataforma Google Earth, principalmente no Sítio do Cardoso onde essas características são ainda mais presentes que nas outras duas ZEIS que compõem a Madalena.

Figura 43 – Mapa de uso e ocupação do solo no bairro da Madalena



Fonte: Google Earth (2019) e Visitas de campo (2019 e 2020).
Elaboração: Alexandra Luna e Thalita Cavalcanti.

Embora o uso residencial esteja predominante na Madalena, o uso comercial e de serviços apresentam uma ocupação expressiva em alguns trechos. Conforme observado na figura 43 esse aumento ocorre, sobretudo, nas vias principais, como é o caso do eixo que abrange a Av. Eng. Abdias de Carvalho e a Rua Benfica, uma parte considerável da Av. Visconde de Albuquerque e Rua Real da Torre, além do eixo entre a Av. José Osório e a Avenida Caxangá (Figura 44), que também é tomada por esse tipo de função em quase toda sua extensão. Isso aponta para uma incompatibilidade envolvendo as vias de alto fluxo e o uso residencial.

Figura 44 – Pontos de comércio/serviço na avenida Caxangá no trecho do bairro da Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti, ago/2019.

Tratando ainda da dimensão que envolve o comércio, chama a atenção a incidência de uso misto nas áreas de ZEIS. Verifica-se principalmente na ZEIS Sítio do Cardoso (Figuras 45, 46, 47 e 48) que essa é uma prática muito comum. Nas regiões mais pobres o uso misto do imóvel, que consiste no aproveitamento do espaço da própria moradia, surge como uma alternativa de renda principal ou complementar. Em campo é perceptível como os moradores utilizam essas áreas que são na maioria das vezes muito pequenas, para instalar quitandas, mercearias, serviços alimentícios em geral, lojinhas de bairro, entre outros. No caso do Sítio do Berardo esse tipo de ocupação é predominante na via principal do canal fluvial. Isso ocorre porque essa via tornou-se para os moradores um importante ponto de encontro e socialização, conforme veremos ainda nesse capítulo.

Figura 45 – Imóvel de uso misto na ZEIS Sítio do Cardoso

Fonte: Googlemaps, nov/2018. Acesso em set/2020.

Figura 46 – Imóvel de uso misto na ZEIS Sítio do Cardoso

Fonte: Googlemaps, nov/2018. Acesso em set/2020.

Figura 47 – Imóvel de uso misto na ZEIS Sítio do Berardo

Fonte: Googlemaps, nov/2018. Acesso em set/2020.

Figura 48 – Imóvel de uso misto na ZEIS Sítio do Berardo

Fonte: Googlemaps, nov/2018. Acesso em set/2020.

A figura 43 revelou ainda a presença de algumas áreas verdes que em sua maioria representam equipamentos públicos como praças. A maior delas corresponde a faixa que margeia o Rio Capibaribe na Avenida Beira Rio. O espaço conta com uma pista de Cooper, aparelhos de ginástica e musculação, além de alguns brinquedos infantis. Essa área atende principalmente aos moradores desse trecho, mas também recebe muitas pessoas de bairros adjacentes para a prática de corrida e caminhada. Espaços como esses são mais comuns em áreas onde o preço do solo é mais valorizado. Afinal, um dos fatores de valorização do solo é precisamente a infraestrutura dos serviços disponíveis.

Não menos importante, o processo de verticalização é um dos protagonistas no bairro da Madalena, sobretudo nas áreas mais valorizadas. Ainda na figura 43 exposta anteriormente, observa-se a que a via contemplando a margem esquerda do Rio Capibaribe já está inteiramente tomada pela construção de edifícios. Essa via é considerada uma das áreas onde o preço do solo é mais alto na cidade do Recife. Diante disso, a ZEIS Mangueira da Torre (Figura 49) como uma área carente e protegida pela regulamentação das ZEIS, parece sobreviver entre os edifícios ao seu redor.

Essa estratificação social é um cenário recorrente na cidade do Recife e na maioria dos casos a parcela pobre da população encontra nos lugares mais periféricos a oportunidade do acesso à moradia. Casos como a ZEIS Mangueira da Torre se repetem em locais como a ZEIS Brasília Teimosa no Pina e muitas outras que sobrevivem pela pressão popular e pelo amparo de leis como as que envolvem as ZEIS.

Figura 49 – Diferentes perspectivas da ZEIS Mangueira da Torre

Fonte: Googlemaps, nov/2018. Acesso em set/2020.

As tabelas 1 e 2 a seguir expõem alguns dados com relação aos tipos de domicílio e a situação dos mesmos na cidade do Recife e no bairro da Madalena em 2000 e 2010. Na

tabela 1 verifica-se a redução de mais cerca de 12% no número de casas na Madalena, diferente do número de apartamentos que cresceu aproximadamente 10%. Esses números constatam como o processo de verticalização tem se intensificado no bairro ao longo dos anos, assim como em outros bairros da cidade do Recife. Outro dado relevante se refere a redução do número de cortiços em Recife, mas de forma mais acentuada na Madalena. Nas áreas mais pobres do bairro predominantemente inseridas nas ZEIS, a presença de cortiços era muito comum. Os chamados becos ou corredores de quarto eram encontrados com muita frequência e na maioria dos casos os moradores compartilhavam o mesmo banheiro. Atualmente ainda é possível identificar na paisagem do bairro os becos compartilhados que agora são chamados de vilas, mas a prática do compartilhamento do banheiro já não é tão comum.

Tabela 1 – Tipo de domicílio no município de Recife e no bairro da Madalena em 2000/2010

Tipo de domicílio	Unidade territorial			
	Recife (%)		Madalena (%)	
	2000	2010	2000	2010
Casa	80,06	78,29	49,32	37,31
Apartamento	18,63	19,56	49,18	59,11
Cômodo de cortiço	1,31	0,57	1,50	0,11
Casa de vila ou em condomínio	-	1,57	-	3,47

Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2000 e 2010.

A tabela 2 retrata a situação dos tipos de domicílios na cidade do Recife e no bairro da Madalena. A distribuição foi realizada com as variáveis de imóveis próprios, alugados ou cedidos e os dados apontam para o crescimento no número de imóveis próprios e alugados, o que é natural, considerando também o crescimento populacional, que no caso da Madalena, de acordo com o Censo Demográfico era de 19.786 habitantes em 2000, passando para 23.089 habitantes em 2010. Também houve uma redução no número de imóveis cedidos e é importante lembrar que no contexto histórico era comum a prática de ceder imóveis e terrenos, inclusive muitos moradores não possuem título atualmente devido a essa prática, como é o caso da maioria dos moradores da ZEIS Sítio do Berardo.

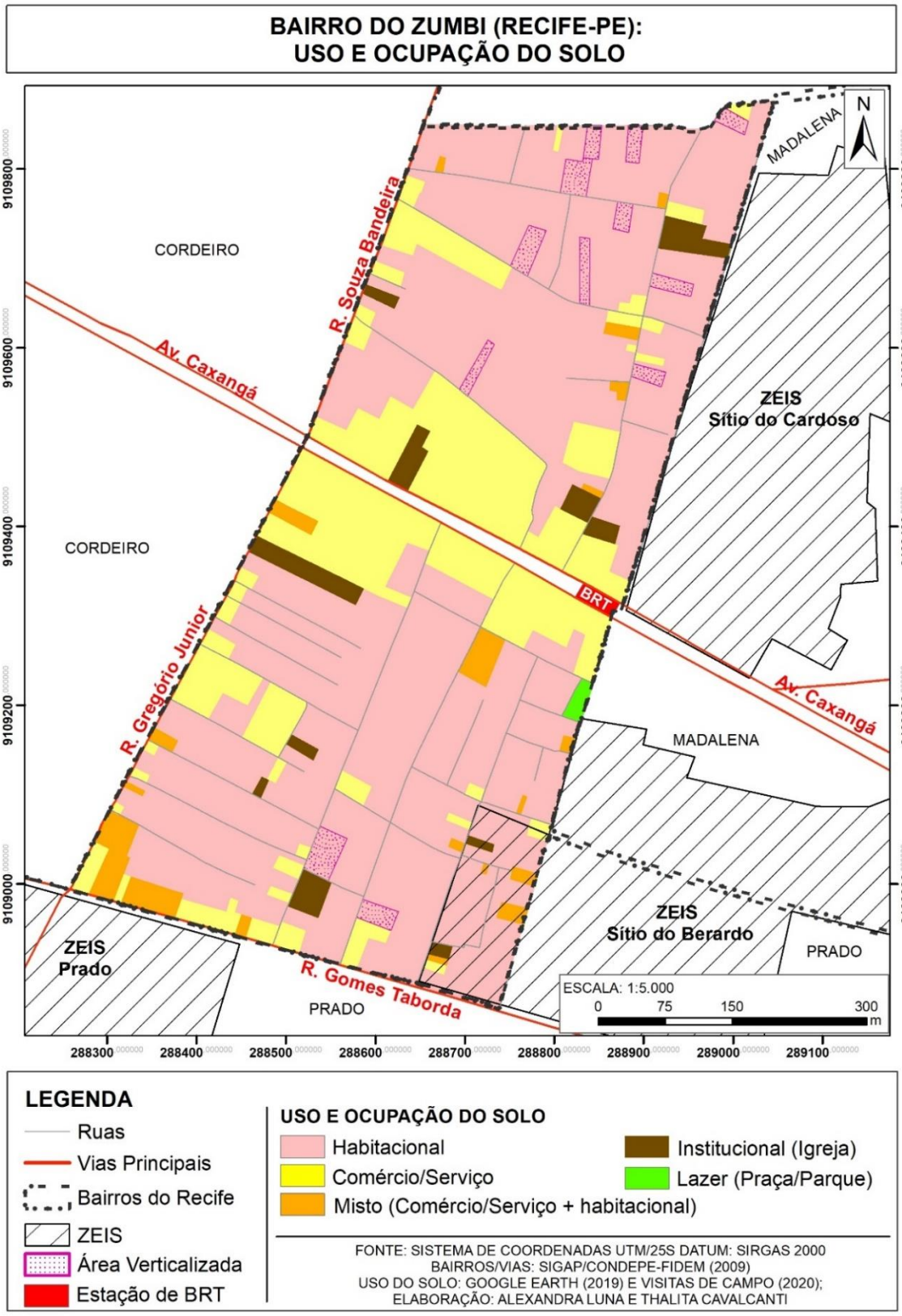
Tabela 2 – Situação do domicílio no município de Recife e no bairro da Madalena em 2000/2010

Situação do domicílio	Unidade territorial			
	Recife (%)		Madalena (%)	
	2000	2010	2000	2010
Próprio	79,07	75,34	69,67	72,01
Alugado	15,06	19,96	23,24	24,28
Cedido	4,27	4,10	4,61	3,33

Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2000 e 2010.

A análise das formas de ocupação no bairro de Zumbi foi relativamente mais simples, o que se deve ao menor recorte territorial e a familiaridade da autora com a área de estudo. A figura 50 a seguir, tem como finalidade evidenciar as formas de ocupação no referido bairro. A área habitacional corresponde a 70% da ocupação, o comércio compõe 23%, uso misto 3%, Institucional (igrejas) 3% e equipamentos de lazer (0,20%). Já a área verticalizada representa 3%. Em linhas gerais, o bairro é predominantemente habitacional com alguns pontos de concentração comercial nas vias mais movimentadas. Esse é o caso da Rua Gomes Taborda (Figura 51), Rua Gregório Júnior, Rua Souza Bandeira e Avenida Caxangá (Figura 52), que além de serem predominantemente voltadas ao comércio e serviços, são também vias intensas de fluxo de transportes. A Av. Caxangá corta o bairro de Zumbi ao meio e essa é uma característica muito importante, já que a mesma acaba funcionando como “um divisor de água” entre as duas partes do bairro. Conforme revela a figura 50 uma parte do bairro de Zumbi está inserido na ZEIS Sítio do Berardo. Embora represente uma parte pequena do território, essa ZEIS exerce uma forte influência no bairro, tal como será estudando ainda nesse capítulo.

Figura 50 – Mapa de uso e ocupação do solo no bairro da Madalena



Fonte: Google Earth (2019) e Visitas de campo (2019 e 2020).
Elaboração: Alexandra Luna e Thalita Cavalcanti.

Figura 51 – Área comercial na Rua Gomes Taborda no limite entre os bairros do Zumbi e Prado.

Fonte: Thalita Cavalcanti nov/2019.

Figura 52 – Edifício empresarial na Av. Caxangá, Madalena.

Fonte: Thalita Cavalcanti nov/2019.

De acordo com a figura 50 já exposta, o bairro de Zumbi possui algumas áreas de comércio misto. Essa é uma atividade bastante comum entre os moradores, conforme se constatou em campo. A Av. Gomes Taborda, por exemplo, conhecida popularmente pelos moradores popularmente como Rua da Lama, é uma via que funciona como um pequeno centro comercial ao qual os moradores recorrem para realizar a compra de diferentes artigos. Com isso muitos moradores aproveitam o espaço de suas casas para oferecer produtos e serviços, sendo para muitos a fonte principal de renda.

Outro ponto que chama a atenção na figura 50 é a ausência de equipamentos de lazer no bairro. Exceto pela pequena Praça Esperança, a qual também veremos os modos de uso ainda neste capítulo, não há nenhum outro espaço dessa natureza que possa ser utilizado para esse fim. Por isso é perceptível ao caminhar pelo bairro, ver que os moradores fazem uso da rua para além do passeio público, sobretudo as crianças. Jogar bola, realizar festividades em datas comemorativas, comemorar aniversários e até o banho na piscina de plástico colocada na calçada, são cenas recorrentes no bairro e alternativas que foram encontradas pelos moradores. De certo modo, tais práticas representam uma forma de permanência em face das transformações provenientes da cidade moderna, as mesmas que tendem a dissipar esses hábitos.

Quanto a verticalização, conforme retrata a figura 50, o bairro de Zumbi possui apenas 12 edifícios (considerando os que possuem a partir de 4 pavimentos) em todo o seu território. Logo, uma das inquietações dessa pesquisa são as razões pelas quais o mercado imobiliário não tem avançado no bairro de Zumbi. Por isso, algumas hipóteses foram levantadas: é possível que isso se deva ao fato de Zumbi ser pouco conhecido para além dos seus

moradores, ainda que esteja circundado por bairros onde o preço do solo é valorizado; ou talvez esteja ligado a realidade pobre e de baixa infraestrutura do bairro; ou mesmo pelo interesse do mercado imobiliário em explorar áreas mais valorizadas como Prado, Cordeiro e até mesmo a Madalena que ainda possuem muitas espaços que possibilitam a verticalização. Não é o objetivo desta pesquisa responder de forma direta a esses questionamentos, mas são indagações que podem em outro momento despertar e encaminhar outros estudos.

A tabela 3 a seguir apresenta dados a respeito dos tipos de domicílios no bairro de Zumbi em relação a cidade do Recife. Considerou-se mais uma vez as variáveis que incluem casa, apartamento, cômodo de cortiço e casa de vila ou em condomínio. Diferente da cidade do Recife o número de apartamentos reduziu em Zumbi, o que se explica através do pouco interesse do mercado imobiliário pelo bairro.

Tabela 3 – Tipo de domicílio no município de Recife e no bairro de Zumbi em 2000/2010

Tipo de domicílio	Unidade territorial			
	Recife (%)		Zumbi (%)	
	2000	2010	2000	2010
Casa	80,06	78,29	81,61	82,37
Apartamento	18,63	19,56	10,66	10,27
Cômodo de cortiço	1,31	0,57	7,73	2,50
Casa de vila ou em condomínio	-	1,57	-	4,85

Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2000 e 2010.

Por outro lado, há uma considerável redução no número de cômodos de cortiço. Assim como no bairro da Madalena, a prática dos corredores de quartos com banheiros compartilhados também era muito comum. Além de serem moradias muito pequenas, o saneamento básico era precário e haviam muitas valas de esgoto a céu aberto nesses becos. Isso significa que os dejetos eliminados nos banheiros que ficavam no fundo desses corredores, atravessavam essas valas completamente abertas na frente das casas em condições precárias. Atualmente muitos desses cortiços foram reformados, saneados, não compartilham mais do mesmo banheiro e foram nomeados como vilas (Figuras 53 e 54).

Figura 53 – Vila General Buarque Lira na Rua Abdias de Oliveira, Zumbi.

Fonte: Googlemaps, fev/2020. Acesso em set/2020.

Figura 54 – Corredor de casas na Rua Caratinga, Madalena.

Fonte: Thalita Cavalcanti set/2020.

Outro hábito que se tornou muito comum em Zumbi foi a autoconstrução de mais pavimentos e quase sempre sem o acompanhamento técnico de um profissional da área da construção civil. Ou seja, em alguns casos os moradores constroem até o terceiro pavimento no intuito de aproveitar o terreno (Figura 55). Normalmente essas moradias construídas para os filhos, parentes ou mesmo para o complemento da renda através do aluguel.

Figura 55 – Autoconstruções de mais pavimentos na Rua Guapé, Zumbi

Fonte: Thalita Cavalcanti, ago/2019.

No que se refere a situação do domicílio (Tabela 4), o levantamento foi realizado com imóveis próprios, alugados e cedidos. Tanto na cidade do Recife quanto no Zumbi, houve uma

redução no número de imóveis próprios e um aumento nos imóveis alugados. Mas, assim como no bairro da Madalena o dado de imóveis cedidos representa uma redução. Em Zumbi também há moradores que não possuem a posse das terras, principalmente na área que faz parte da ZEIS Sítio do Berardo. No dia 14 de janeiro de 2020 foi realizada uma reunião com os moradores de Zumbi e Madalena inclusos na ZEIS Sítio do Berardo para apresentação do Programa de Regularização Fundiária e Posse de Terra. Na ocasião os moradores assistiram a uma palestra ministrada pelo Secretário de Mobilidade e Controle Urbano da cidade do Recife falando sobre todo o processo técnico de delimitação e vistorias, além de esclarecer as dúvidas dos moradores presentes.

Tabela 4 – Situação do domicílio no município de Recife e no bairro de Zumbi em 2000/2010

Situação do domicílio	Unidade territorial			
	Recife (%)		Zumbi (%)	
	2000	2010	2000	2010
Próprio	79,07	75,34	59,73	58,61
Alugado	15,06	19,96	32,61	35,82
Cedido	4,27	4,10	6,11	4,96

Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2000 e 2010.

A tabela 5 a seguir apresenta dados a respeito dos principais serviços públicos básicos na cidade do Recife e nos bairros da Madalena e Zumbi. Tal levantamento foi realizado com o intuito de analisar a atuação desses serviços no âmbito da cidade e das áreas de estudo, compreendendo se houveram melhorias em termos de infraestrutura. A coleta de lixo já demonstrava índices satisfatórios, mas ainda assim muitos moradores, principalmente nas áreas mais carentes, depositam o lixo em locais inapropriados para o descarte (Figuras 56 e 57). Na contramão dessas práticas, a Casa da Comunidade do Berardo juntamente com os moradores, promovem práticas que estimulam a limpeza e a conscientização nesses espaços, tal como ilustra as figuras 58 e 59. Em relação ao abastecimento de água, ao contrário de Zumbi, houve uma redução mais expressiva na Madalena que acompanhou o aumento no uso de poços. É possível que isso se explique pelo crescimento do número de edifícios no bairro, já que muitos possuem rede própria de abastecimento fazendo uso desses poços.

Tabela 5 – Situação dos serviços públicos básicos no Recife, Madalena e Zumbi em 2000 e 2010

Variáveis	Unidade territorial					
	Recife (%)		Madalena (%)		Zumbi (%)	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Coleta de lixo	86,96	95,27	98,16	98,58	99,19	100,00
Sem esgoto sanitário	3,50	1,95	7,43	0,14	0,31	0,10
Sem energia elétrica	-	0,15	-	0,0	-	0,5
Água da rede geral COMPESA	85,76	85,68	74,11	67,85	91,96	94,33
Água de poço artesiano e outros	14,24	14,34	24,63	31,80	8,4	5,67

Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2000 e 2010.

Figura 56 – Entulho de lixo na Rua Fidelis Moliterno, Zumbi.

Fonte: Thalita Cavalcanti out/2019.

Figura 57 – Entulho de lixo na Rua Caratinga, Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti jul/2019.

Figura 58 – Projeto de conscientização no Sítio do Berardo, Madalena

Fonte: Angelo Felipe, maio/2019.

Figura 59 – Projeto de conscientização no Sítio do Berardo, Madalena

Fonte: Angelo Felipe, maio/2019.

Ainda sobre a tabela 5, um dado que sofreu variação foi a quantidade de habitantes sem esgotamento sanitário. Houve uma clara redução no Zumbi e ainda maior na Madalena. Essa informação corrobora com o que foi apresentado acerca dos corredores de quartos que antes compartilhavam o mesmo banheiro e que eram comuns em ambos os bairros. Embora o Censo Demográfico de 2000 não disponibilize dados na unidade territorial de bairro no que se refere a energia elétrica, é possível analisar que embora seja um número reduzido, 0,5% ainda não tinham energia elétrica em 2010.

Diante disso, o que se observa é que houve algumas melhorias em termos de infraestrutura básica na Madalena e no Zumbi e que alguns moradores estimulados pela representação comunitária têm atuado de forma mais participativa no cuidado com esses espaços. No entanto, o que se identificou é que esse engajamento popular na busca por melhorias ocorre justamente nas áreas mais vulneráveis socialmente. Nesse caso, em função da articulação comunitária. Durante a observação *in loco*, verificou-se também que áreas mais valorizadas da Madalena, não apresentam acúmulo de lixo nas ruas e calçadas, por exemplo, seja pelo comportamento dos moradores, ou mesmo pela ação do poder público que ocorre de forma mais efetiva nessas áreas.

Tal como relatado, ainda que em áreas mais privilegiadas da Madalena, existem alguns espaços públicos como praças, mas, o bairro de Zumbi conta apenas com a pequena Praça Esperança. A ausência de espaços públicos durante muitos anos estimulou o uso da rua pelos moradores, servindo como espaços para o encontro, as brincadeiras infantis e até as festividades. Muito embora na Madalena haja alguns espaços, nenhum desses equipamentos citados estão inseridos ou próximos ao Sítio do Berardo. Essa realidade fez com que a população dessa ZEIS se habituasse ao uso das margens do canal (Figuras 60 e 61) como lugar de encontro.

Figura 60 – Uso das margens do canal para realização de festividade no Sítio do Berardo

Fonte: Angelo Felipe, jun/2015.

Figura 61 – Uso da margem do canal como lugar de encontro

Fonte: Googlemaps, fev/2020. Acesso out/2020.

Foi nesse contexto de ausência de espaços públicos apropriados que surgiu a luta dos moradores do Sítio do Berardo para que o terreno onde estava situado o Textifício Santa Maria fosse destinado a criação de um espaço público de lazer, esportes, educação e cultura. Essa articulação organizada pelos representantes da ZEIS Sítio do Berardo e da Casa da Comunidade do Berardo em conjunto com os moradores dessa ZEIS e também da ZEIS Sítio do Cardoso durou muitos anos, entre protestos e reuniões com o poder público foi aprovada a construção da Praça Industrial Arthur Carneiro da Cunha que posteriormente foi convertido no COMPAZ Miguel Arraes, que buscaria atender não só os moradores do bairro da Madalena como também os do entorno, também houveram protesto para agilizar a entrega da obra (Figuras 62 e 63).

Figura 62 – Protesto dos moradores na Av. Caxangá pedindo a liberação do COMPAZ Miguel Arraes.

Fonte: Angelo Felipe, jun/2019.

Figura 63 – Protesto dos moradores na Av. Caxangá pedindo a liberação do COMPAZ Miguel Arraes.

Fonte: Angelo Felipe, jun/2019.

Contudo, a lentidão nas obras se estendeu por tanto tempo que a mobilização dos moradores chegou até o Palácio do Planalto em Brasília (Figuras 64 e 65). Na ocasião os líderes da Casa da Comunidade do Berardo entregaram um dossiê encaminhado ao Ministério da Cultura conforme relatado: “Fomos a Brasília e levamos o dossiê ao ministério da Cultura denunciando tudo o que estava acontecendo aqui, que a obra tinha sido abandonada e a gente fez um dossiê com todo o material que a gente tinha, audiência pública, abaixo assinado, matérias de jornal, tudo” (Entrevistado E, maio/2020).

Figura 64 – Registro dos líderes sociais na ida à Brasília para entrega de dossiê sobre atraso nas obras do COMPAZ Miguel Arraes

Fonte: Angelo Felipe, dez/2015.
(Imagem autorizada)

Figura 65 – Faixa de protesto produzida em protesto ao atraso das obras

Fonte: Angelo Felipe, dez/2015.

A participação da comunidade durante todo o processo de implantação do COMPAZ é reforçada no relato da direção do COMPAZ Miguel Arraes a seguir: “Durante todo o processo de construção do Compaz, reuniões foram realizadas com a comunidade e lideranças visando assegurar a participação popular na elaboração do projeto, bem como o sentimento de pertencimento” (Entrevistado H, jul/2020). O movimento organizado pela comunidade mostra não apenas que havia a emergência de um equipamento dessa natureza, mas também a ligação afetiva que existe dos mesmos para com o lugar.

A efetiva inauguração do COMPAZ Miguel Arraes se deu em fevereiro de 2020 com previsão de uso total das atividades a partir do mês de março do mesmo ano. A análise do uso desse espaço não só através da observação *in loco* como através dos relatos por meio de entrevistas aos moradores que fariam uso desse espaço, certamente forneceria informações importantes para essa pesquisa. No entanto, em função do contexto de pandemia pela COVID – 19, não houve tempo hábil para a observação do mesmo em funcionamento, já que o referido COMPAZ precisou ser fechado em razão do Decreto nº 48.809 de 14 de março de 2020 estabelecido pelo Governo do Estado de Pernambuco, obedecendo as normas de isolamento social que se estenderam até a conclusão desse trabalho. Ainda assim, foi possível a realização da entrevista com a gerente geral responsável pela direção do referido COMPAZ, trouxeram esclarecimentos importantes a respeito do processo de implantação desse equipamento.

Conforme relatado, a participação dos moradores ocorreu durante todo o processo de implantação, fato que também é evidenciado na exposição a seguir:

> Grande parte da história da comunidade esteve atrelada ao Textifício Santa Maria, antiga fábrica de estopas situada Avenida Caxangá. Durante anos, o empreendimento gerou empregos e movimentou a economia local. 40 anos após seu fechamento, a comunidade cobrou que o terreno onde ficava a fábrica, se tornasse um polo social, esportivo e cultural (Entrevistada H, jul/2020).

Além disso, as lideranças comunitárias estão diretamente envolvidas nas discussões internas de manutenção desse espaço: “As principais lideranças frequentam assiduamente o COMPAZ realizando atividades e utilizando os serviços, como também participam de reuniões mensais com objetivo de discutir, avaliar e propor melhorias para o equipamento”.

De acordo com a entrevistada H, o objetivo desse equipamento é prevenir a violência através de uma cultura de paz, inclusão social e fortalecimento comunitário, oferecendo o melhor para os mais pobres. A estrutura do COMPAZ conta com Biblioteca, Cineteatro, Centro de Referência em Assistência Social, Unidade de Tecnologia na Educação, Sala Google e várias atividades esportivas, como: Voleibol, Vôlei de Areia, Tênis, Futebol de Campo, Futsal, Ballet, Funcional, Zumba, Dança de Salão, Hóquei, Ginástica, Escola Esportiva, Handebol, Beach Soccer, Capoeira, Funcional Kids, Jogos Populares, Pista de Cooper e Skatepark. Sendo assim, esse equipamento é oferecido a população como um parque urbano que atende a diferentes faixas etárias por meio de diversas atividades de lazer e convivência.

Na percepção dos moradores, o equipamento foi fundamental para a melhoria da qualidade de vida, ainda mais considerando a carência de espaços com essa estrutura nas proximidades da Madalena, mas, sobretudo do Zumbi. O relato a seguir corrobora com essa definição:

> Para nós aqui moradores do bairro o COMPAZ ele é um presente. Melhorou bastante a qualidade de vida de vida das pessoas, né? Antes a gente não tinha um lugar seguro para praticar atividades físicas, as crianças não tinham um lugar seguro, tranquilo para brincar. Trouxe a cidadania, trouxe educação, né? Trouxe ação social e isso melhorou bastante a qualidade de vida das pessoas. É um presente para nós aqui do bairro ter um COMPAZ perto de casa (Entrevistada C, março/2020).

Para a entrevistada H a comunidade já tem um sentimento de pertencimento com o COMPAZ e isso tem sido avaliado de forma muito positiva. No período de funcionamento do COMPAZ antes do decreto já mencionado no texto, a percepção da entrevistada H quanto ao perfil do público que frequenta o espaço são crianças, jovens e adultos procedentes dos bairros da Madalena, Zumbi, Prado, Cordeiro, Torre e Várzea. Entre as pessoas que frequentam, é comum que apareçam indivíduos empenhados em depredar o espaço público, sobre isso ela afirma:

> A comunidade leva um tempo para entender os objetivos das Fábricas de Cidadania, mas quando isso ocorre todos entendem que o contrário de insegurança é convivência. A tão sonhada paz social é conquistada quando se oferta um conjunto de serviços públicos e cidadania para quem mais precisa (Entrevistada H).

Sendo o COMPAZ Miguel Arraes um equipamento recente, alguns moradores da Madalena (sobretudo os que se concentram na ZEIS Sítio do Berardo) e os do Zumbi, desenvolveram ao longo dos anos, atividades que consistiam em utilizar o espaço das pequenas praças já existentes, assim como da própria rua. No entanto, observa-se que algumas práticas adquiridas no contexto da modernidade e da transformação da cidade em metrópole tem alterado o cotidiano dos moradores, fazendo com que atividades costumeiras nesses bairros venham se dissipando e dando lugar a novas experiências que nem sempre envolvem o uso dos espaços públicos. Na verdade, a insegurança gerada pelo crescente aumento da violência, atrelado a outros artifícios tecnológicos tem feito com que as pessoas fiquem mais em casa, ou até mesmo frequentem lugares fechados onde se sentem mais seguras.

Sendo assim, o subitem a seguir propõe discussões a respeito das transformações que ocorreram nos últimos anos e ainda vem ocorrendo no cotidiano e na vida de bairro dos bairros da Madalena e do Zumbi. Para isso, foram relacionadas a teoria e a prática, considerando conceitos importantes dessa pesquisa, mas prezando pelo campo empírico levantado a partir da observação dos aspectos do dia a dia dos moradores, que também contribuíram para a viabilização dessa análise por meio dos seus relatos.

4 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E A SOCIABILIDADE URBANA

A análise da produção do espaço urbano e da construção da cidade é fundamental para a compreensão da sociabilidade urbana e dos aspectos da vida de bairro. Neste sentido, o presente capítulo apresenta caminhos teóricos que permitem analisar a área de estudo com maior profundidade. Serão trabalhados conceitos ligados a produção do espaço urbano e seus agentes produtores; as distintas noções de bairro compreendidas a partir do cotidiano e da sociabilidade urbana e permanências e transformações urbanas decorrente dos aspectos da vida moderna.

O processo de construção da cidade se deu entre tramas e tensões que se tornaram cada vez mais evidentes à medida em que o homem se deixava levar pelos fascínios do acúmulo. Decifrar seus emblemas é uma tarefa árdua e complexa, uma vez que o objetivo desse trabalho é tratar não apenas das formas concretas, mas de toda subjetividade envolvida nas histórias, sentimentos, memórias, símbolos, sonhos e desejos. Além disso, a modernidade é outro fator relevante nessa conjuntura, capaz de evidenciar de forma mais explícita essas contradições, considerando que a busca pelo novo se torna cada vez mais insaciável, sobretudo em um contexto que naturalmente desvaloriza o antigo e termina por esvair aquilo que remete ao passado.

É preciso reconhecer que o conceito de espaço aqui postulado, evidentemente não se refere a definição criticada por tantos geógrafos de que o espaço seria um mero vazio. Isso porque, ao trabalhar a ideia de subjetividade mencionada anteriormente, faz-se necessário uma definição de espaço capaz de abarcar as peculiaridades comuns a esse contexto e ligado a realidade social. Diante disso, a concepção defendida por Lefebvre (2000) contempla de maneira mais efetiva as demandas dessa pesquisa. Embora tenha sido pouco utilizada por volta de 1970 quando foi lançada, atualmente o pensamento de Lefebvre (2000) sobre a produção do espaço é defendido como um importante aporte teórico, não só para a Geografia, mas se estendendo a outras ciências sociais, fornecendo elementos capazes de auxiliar na compreensão de problemáticas inerentes à sociedade contemporânea.

O referido autor explicita a noção de espaço com base em três instâncias constitutivas, assim, o espaço pode ser concebido, percebido e vivido. Ao contemplar a visão de Lefebvre (2000), está-se diante de uma proposta que segundo Schmid (2012), segue um contexto único, original e independente da dialética numa versão triádica, baseada em Hegel, Marx e Nietzsche, onde o espaço é discutido em três dimensões.

Não há presunção em discorrer de forma detalhada cada uma dessas dimensões, tampouco resumir a vasta obra de Lefebvre neste texto. Ainda assim, de forma sucinta, essas dimensões serão apresentadas a seguir, a fim de oferecer um panorama geral que possibilite

a compreensão de elementos que estão atrelados ao recorte empírico da pesquisa e que podem auxiliar na elucidação da problemática proposta.

A primeira definição dessa tríade é o espaço concebido apontado por Lefebvre (2000) como as formas de representações espaciais, projetado por cientistas, planificadores, urbanistas, entre outros. Ou seja, o espaço concebido está atrelado a forma como é pensado e projetado. Assim, os atores dominantes procuram a todo custo impor a sua lógica essencialmente hierárquica de organização espacial, influenciando diretamente nas formas de apropriação, nas relações sociais e contribuindo para a perpetuação do sistema capitalista.

Diante desse cenário é importante entender o papel dos agentes produtores do espaço fundamentais nessa dinâmica, pois, são diretamente responsáveis pela reorganização espacial e consequentemente pela visão de espaço concebido. Corrêa (1989) apresenta esses agentes divididos por categorias e entre aqueles que são dominantes estão *os proprietários do meio de produção e as grandes empresas comerciais*, responsáveis por grandes modificações no espaço, pois, precisam de grandes terrenos para suas instalações com requisitos locacionais específicos e um sistema de escoamento de produção efetivo, além da força de trabalho necessária para a produção.

Na segunda categoria estão *os proprietários fundiários,* que tem como objetivo obter a maior renda por suas propriedades. Desse modo, o solo urbano é colocado como mercadoria, por sinal muito disputada, essencial para a expansão da cidade, assumindo nesse caso um valor essencialmente de troca. Para viabilizar o financiamento, estudo técnico, construção ou comercialização desses espaços, *os promotores imobiliários* são fundamentais, responsáveis por levantar e analisar estratégias considerando as externalidades urbanas positivas ou negativas.

O último entre os atores dominantes é *o Estado* assumindo um papel onde não só é responsável pelas funções administrativas, por prover infraestrutura e políticas públicas, mas em muitos casos aparece como um instrumento de controle da sociedade. Sobre isso Lefebvre afirma:

> (...) o espaço é um instrumento político intencionalmente manipulado, mesmo se a intenção se dissimula sob as aparências coerentes da figura espacial. É um modo nas mãos de “alguém”, individual ou coletivo, isto é, de um poder (por exemplo, um Estado), de uma classe dominante (a burguesia) ou de um grupo que tanto pode representar a sociedade global, quanto ter seus próprios objetivos, como os tecnocratas, por exemplo (LEFEBVRE, 1976 p.44-45).

O Estado possui uma série de instrumentos capazes de alterar o espaço, leis de controle e regulamentação do solo, direito de desapropriação e prioridade na compra de

terras, taxações de terrenos e impostos. Além disso, o estado também atua diretamente na infraestrutura por meio de investimentos, obras, desmontes, aterros, entre outros que influenciam diretamente nas externalidades positivas e negativas.

Por último o Estado também atua nos mecanismos de créditos a programas de habitação que atingem diretamente a última categoria, embora ela não faça parte dos atores dominantes, são *os grupos sociais excluídos*. Esses também são grandes modificadores do espaço urbano, pois, diante do desemprego, doenças, altos custos dos terrenos e apropriação das melhores localizações pelos agentes hegemônicos, restam a esses grupos os locais de difícil acesso, cortiços, autoconstruções ou habitacionais fornecidos pelo Estado, que na maioria das vezes não considera as necessidades locacionais dessas pessoas, distribuindo-as por moradias em áreas periféricas da cidade.

Assim, segundo Corrêa (2011), entre os velhos e novos agentes da produção do espaço urbano, há: bancos, companhias de seguros, empreiteiras, empresas ferroviárias e de bondes, fábricas têxteis, firmas comerciais e de serviços, proprietários fundiários, grupos de previdência privada, grupos sociais excluídos, ordens e congregações religiosas, dentre outros. Segundo ele,

> A ação desses agentes sociais – seja expressando tipos ideais puros ou desdobramento funcional de longa e curta duração – está inserida no processo de produção, circulação e consumo de riquezas no interior de uma sociedade que se caracteriza por social e espacialmente diferenciada (2011, p. 46).

A partir dessa análise, compreende-se que o espaço é resultado de um processo de produção e ao mesmo tempo é meio e condição da reprodução da sociedade que produziu (CARLOS, 2001). Além disso, se há uma relação intrínseca entre espaço e sociedade, tal como assevera Lefebvre (2008), a sociedade se reproduz produzindo o seu espaço. Tratando-se da lógica do capital nem sempre as intenções são claras e mesmo que o discurso de desenvolvimento esteja presente, a prática mostra o quanto ele é seletivo, sobretudo quando se fala em formas de apropriação do espaço. Mas, embora se apresentem de forma hegemônica, essas representações não são únicas nem totalitárias, já que existem outras formas de apropriação do espaço como os grupos sociais excluídos, que muitas vezes fogem dos domínios desses grandes agentes dominantes.

Retomando a tríade de Lefebvre (2000), agora que já foram realizados os devidos esclarecimentos acerca do espaço concebido e os agentes produtores, convém tratar sobre a segunda dimensão, o espaço percebido. Essa definição está ligada a prática espacial, aos sentidos do indivíduo e a materialidade, conforme o trecho a seguir:

> A prática espacial de uma sociedade secreta seu espaço; ela o põe e o supõe, numa interação dialética: ela o produz lenta e seguramente, dominando-o e dele se apropriando. Para a análise, a prática espacial de uma sociedade se descobre decifrando seu espaço (LEFEBVRE, 2000, p.65.).

A instância reconhecida por Lefebvre como espaço percebido compreende o domínio da materialidade espacial constituído pelas edificações e construções materiais que compõem o espaço geográfico, sendo elas parte inerente à acumulação, uma vez que os agentes capitalistas produtores do espaço detêm interesses e ações que abarcam essa instância espacial.

Desse modo, a forma como se percebe o espaço depende de cada sujeito, o que para Lefebvre não queria dizer que essa experiência era baseada apenas na mente, mas nas diferentes sensações possibilitadas por todos os sentidos. Sobre o percebido Seabra ainda afirma:

> Abordando as relações entre o vivido e o concebido, Lefebvre mostra-nos que o vivido, âmbito de imediatidades, não coincide com o concebido. Entre um e outro opera uma zona de "penumbra" na qual opera o percebido. O percebido corresponde a algum nível de entendimento do mundo, funda atos, relações, conceitos, valores, mensagens, verdades... O percebido do mundo está, inexoravelmente, envolto em representações, e, portanto, situa-se no movimento dialético, que nunca cessa, entre o concebido e o vivido (Seabra, 1996, p.80).

Desse modo, o espaço percebido constitui o campo das práticas espaciais e, nesse sentido, envolve propriamente a dimensão material ou o conjunto edificado do espaço, cuja percepção se dá mediante observação da sua materialidade na paisagem. Contudo, no contexto atual em que as novas técnicas que permeiam recursos virtuais do design gráfico e a simulação da realidade por meio de maquetes digitais, parece haver uma aproximação da dimensão do percebido com a do concebido. Na verdade, as distintas dimensões espaciais identificadas por Lefebvre são intrinsecamente interligadas.

A terceira dimensão é a do espaço vivido, que se trata literalmente da experiência do viver o espaço na prática e no cotidiano. É o espaço socialmente produzido, ligado aos seus habitantes através da construção das relações de identidade e pertencimento, assim como as de repúdio. Lefebvre conceitua essa dimensão da seguinte forma:

> Os espaços de representação, ou seja, o espaço vivido através das imagens e símbolos que o acompanham, portanto, espaço dos "habitantes", dos "usuários", mas também de certos artistas e talvez dos que descrevem e acreditam somente descrever: os escritores, os filósofos. Trata-se do espaço dominado, portanto, suportado, que a imaginação tenta modificar e apropriar. De modo que esses espaços de representação tenderiam (feitas as mesmas reservas precedentes) para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais (LEFEBVRE, 2000. p. 145).

Ao analisar o espaço vivido, toma-se como base também o a vivência do sujeito, a forma como ele entende o espaço e os aspectos que foram construídos ao longo dos anos. São essencialmente os moradores e os modos de vida construídos nessa escala que na maioria das vezes não são considerados no processo de divisão oficial do bairro, além de serem excluídos em grande parte da tomada de decisões que afetam diretamente a dinâmica local.

Com base nesse fundamento, adotou-se essa dimensão como a mais apropriada para reflexões acerca do sentido de bairro nessa pesquisa, considerando que a divisão oficial de bairro em relação ao fragmento socioespacial de Zumbi pouco diz da realidade socioespacial e que é também no plano do vivido que os bairros são percebidos, concebidos e vivenciados pelos moradores e demais agentes sociais e históricos na apropriação do espaço.

Em sua obra, Carlos é categórica quando afirma que a existência do homem no espaço deixa as suas marcas. Segundo a autora “o espaço é condição, meio e produto da realização humana em toda sua multiplicidade” (2001. p.11). O espaço é o lugar da experiência, onde de tempos em tempos as gerações deixam seus registros. Sendo assim, o fenômeno que leva a cidade à metrópole postula como uma série de eventos capazes de transformar a realidade, ou seja, não se trata simplesmente do surgimento de algo novo, mas de um constante processo de mudanças no espaço urbano.

Ao considerar todos esses fatores, Carlos (2011) ainda se refere ao espaço enquanto dupla dimensão, concebendo por um lado o fator locacional, enquanto do outro há o conteúdo social. Essa análise aplicada ao estudo de bairro parece retratar justamente as contradições intrínsecas ao reconhecimento dos limites não só dos bairros de Madalena e Zumbi, mas de muitos outros na cidade do Recife.

Ao estudar o espaço urbano tomando como base a formação da metrópole, é importante ter em mente que esse processo não está apoiado em grandes interrupções absolutas que dividem regularmente os eventos históricos. Não existe ruptura absoluta entre o antes e o agora, assim como não existe também continuidades e descontinuidades absolutas. É nas entranhas da cidade que vai ser formando a metrópole num processo marcado por continuidades e descontinuidades relativas (SEABRA, 2011, p.53). Desse modo, não há como compreender a metrópole sem considerar os inúmeros aspectos atrelados a cidade e suas peculiaridades.

As distintas formas de apropriação do espaço revelam um processo de construção da cidade bastante contraditório, onde os valores do mercado atrelados a modernidade parecem estimular a padronização de determinadas práticas, dissipando e frequentemente se impondo as tradições e hábitos antigos característicos das populações locais. Isso ocorre porque os

interesses econômicos e políticos da acumulação do capital se sobrepõem em relação as necessidades da realidade social promovendo a homogeneização das relações na vida moderna, impondo mudanças e dissolvendo antigos modos de vida.

Na prática essas transformações podem ser observadas sob muitos aspectos, seja por meio das senhoras que deixam de sentar na calçada para conversar no fim da tarde, das crianças que trocam as brincadeiras de rua pelo computador e os games ou até mesmo pela caderneta do fiado no mercadinho substituídas pelas grandes redes de supermercados e pelo cartão de crédito. Por isso, Seabra (2011) destaca que a cidade em seu sentido histórico é espaço de convivência, do encontro, da festa, da reunião, enquanto por outro lado é também o lugar do negócio.

Esses hábitos não mostram apenas as antigas práticas dando lugar as novas, mas revelam um processo relacional capaz de promover encontros e estreitar as relações de vizinhança. Quando um antigo hábito se dissipa não leva com ele só o que é material e concreto, não se trata apenas do jogar bola na rua que deixa de ser comum, mas a criação de laços de amizade na infância impulsionados por essa prática, por exemplo. Esse processo é resultante do modo de vida frenético das pessoas, à mercantilização das coisas e consequentemente as alterações no cotidiano daqueles que habitam a cidade.

Fala-se aqui de uma produção espacial embasada na apropriação privada e consequentemente seguindo uma lógica capitalista onde o espaço é produzido e reproduzido como mercadoria e pautado sob o valor de troca em função das necessidades políticas e econômicas. Essa compreensão segue a lógica do mundo moderno, extremamente contraditório naquilo que Carlos (2001 p. 18) chama de reprodução da vida na metrópole, dialogando com o uso e troca, necessidade e desejo, identidade e não-identidade, estranhamento e reconhecimento.

A cidade sob a perspectiva do valor de troca é muito disputada pelos agentes hegemônicos sociais e econômicos, passando a ser vista como uma mercadoria que perde o valor de uso e serve a fins muito específicos e predominantemente voltados para a reprodução do capital. Se por um lado nela foi gestada a sociabilidade, por outro ela se expressa por valores econômicos, assim “a metrópole move-se sob o primado do valor de troca. Tudo tem preço. Tudo se compra e tudo se vende e tempo é dinheiro” (SEABRA, 2011, p. 71).

Assim, as práticas sociais são homogeneizadas induzindo comportamentos voltados para o consumo e ditando o desenrolar da vida cotidiana. Carlos (2001) se refere às relações desenvolvidas nesse contexto como coisificadas e mediadas pelo dinheiro. A relação espaço e tempo na metrópole revela o ritmo acelerado que permeia a vida das pessoas “o tempo passa a mediar a vida das pessoas, do seu relacionamento com o outro” (CARLOS, 2001,

p.18), esse processo desencadeia transformações em diversos segmentos, mas, sobretudo nos modos de vida, perdendo a cidade enquanto lugar da festa, do encontro, das brincadeiras infantis e do comércio de bairro.

Não se quer dizer com isso que as práticas ligadas ao valor de uso e aos modos de vida, ligados aos hábitos tradicionais dos bairros tenham deixado de existir de forma radical. Pois, é bem verdade que ainda existem resquícios dessa “vida de bairro” através de pessoas que apresentam resistência a essas mudanças, seja no que diz respeito as formas quanto as relações, mas isso não anula a forma como esses hábitos, tem se dissipado cada vez mais em função dessas novas práticas da vida moderna.

Por isso, a cidade também é reflexo da heterogeneidade das formas e dos modos de vida, pois, construção é desigual e carregada de contradições. As diferenças são aparentes tanto nas formas como também nos comportamentos. Os contrates sociais urbanos revelam bairros pobres e ricos na realidade recifense onde é possível identificar diferenças desde as edificações, até o ordenamento das ruas, os equipamentos públicos de lazer, entre outros. Se por um lado o poder aquisitivo é menor e a autoconstrução se tornou uma marca registrada, por outro, nos bairros nobres é comum a presença de muitos edifícios sustentando o processo de verticalização e desenhando diferentes paisagens.

Outra vez é preciso considerar que uma análise baseada simplesmente nas formas da cidade são seriam suficientes para esclarecer a problemática desta pesquisa. Ao pensar a dimensão do bairro muitos elementos estão atrelados, neste sentido, tal como defende Carlos a leitura da paisagem para além das formas é fundamental.

> Enquanto forma de manifestação do urbano, a paisagem urbana tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica ir além da aparência; essa perspectiva da análise já introduziria os elementos da discussão do urbano entendido enquanto processo e não apenas como forma (2001, p. 36).

Logo, embora as formas sejam importantes e ofereçam informações indispensáveis para desvendar as contradições urbanas, por trás das formas estão as relações. Se tratando da leitura do bairro, as relações terminam por revelar muito mais que as formas, já que a vida de bairro está ligada ao cotidiano, aos modos de vida e a vizinhança, por isso, através dessas relações se espera alcançar respostas satisfatórias a essa pesquisa.

Seguindo esse raciocínio, Carlos (2001) defende que as desigualdades reveladas na paisagem podem ser percebidas por inúmeras diferenciações, chamando atenção para três segmentos: *as cores* refletidas pelas árvores nos bairros arborizados, pelas construções inacabadas ou mesmo pelos altos muros de concreto; *o arranjo dos bairros* por meio de seus

traçados e tipos de ocupação e *os modos de vida* percebidos na movimentação das pessoas e ditados pelo ritmo da vida urbana.

É por meio das formas de ocupação que a cidade enquanto produto social se materializa. De modo que não há como compreender essas diferenças sem considerar a produção da cidade. Assim, o uso do solo está diretamente ligado ao uso específico de um determinado lugar em um dado momento da história. No caso de Zumbi e do Sítio do Berardo, deve-se considerar a forte influência da indústria do ramo têxtil e da atividade produtiva capaz de modificar um espaço que a priori servia a fins rurais, já que boa parte da cidade do Recife era composta por engenhos e sítios. Mas, é fundamental esclarecer que apesar do forte domínio no processo de expansão da cidade, não se pode destinar aos grandes industriais uma função social direta, pois, ainda que promovam a geração de empregos seus objetivos não estão assegurados no bem-estar social, mas na própria lucratividade.

O processo de valorização espacial tem muitas causas, mas o sustentáculo que permeia a discussão do uso do solo é o valor de uso e no valor de troca, assegurando a ideia de espaço enquanto mercadoria. Assim, o solo pode ser utilizado tanto com o valor de uso, por quem o consome, como suporte físico para a construção da casa onde mora, quanto o valor de troca, neste caso explorado como mercadoria pelos agentes imobiliários, especialmente os proprietários fundiários.

Mas o espaço enquanto propriedade não só atribui valor, como também exclui uma parcela da sociedade alavancando os processos de segregação. Por essa razão, a localização é um fator determinante no preço final e na distribuição espacial, reservando a quem tem maior poder aquisitivo as partes mais privilegiadas da cidade, próximas a escolas, shoppings, hospitais, restaurantes, entre outros. Por outro lado, resta a população mais pobre os locais periféricos, distantes do centro e carentes de infraestrutura.

Além da atribuição de valor ligada ao fator locacional, a valorização e desvalorização do terreno é influenciada pelas externalidades urbanas que tanto podem ser positivas quanto negativas. Esses efeitos externos podem acarretar mudanças diretas no preço final do terreno ou do imóvel. Sendo assim, além do fator locacional, os fatores naturais, econômicos e sociais também exercerão influência direta. Por exemplo, a instalação de um shopping center pode valorizar os terrenos do entorno, assim como a instalação de um lixão pode causar desvalorização. Deve-se considerar então a poluição ambiental, o acesso a vias de transportes, a existência de áreas verdes, entre tantos outros fatores.

A ocupação do solo geralmente considera os instrumentos urbanísticos municipais, a exemplo do plano diretor urbano – ambiental e a lei de uso e ocupação do solo. Fala-se geralmente, porque embora esses documentos existam, nem sempre há fiscalização efetiva

que os coloquem em prática, principalmente quando se trata de áreas pobres onde a autoconstrução é um elemento marcante na paisagem. Esses documentos são responsáveis por definir quais tipos de ocupação são permitidos, desde a residencial, a comercial e a industrial.

4.1 O bairro sob a ótica do espaço vivido

Os estudos iniciais acerca do conceito de bairro apontam para o século XX, quando a discussão ainda permeava o rural. Entre as décadas de 80 e 90 surgiram uma série de estudos embasados geograficamente e apoiado nas vertentes humanista – cultural e marxista – lefebvriana (HALLEY, 2014). De maneira geral, embora esses estudos possibilitassem diferentes formas de interpretação, associar o bairro a um lugar de vivências parecia ser um ponto em comum, tal como apresenta o autor anunciado:

> Embora essas vertentes do bairro tenham diferentes matizes de interpretação, há que ressaltar que, de modo geral, ambas consideram o bairro um lugar de vivência imbuído de características marcantes herdadas de sua trama particular, sendo eleito e demarcado territorialmente pelo sentimento coletivo dos seus moradores. (HALLEY, 2014. p. 578)

Assim, tanto no que diz respeito aos geógrafos, quanto aos sociólogos, a ideia de bairro estava diretamente ligada ao sentimento de pertencimento dos seus moradores a partir do espaço vivido e do cotidiano. Tal leitura corrobora com Carlos (1996) a respeito da perspectiva de lugar como espaço de produção do homem através das relações de vizinhança e do campo da vivência que dão ao lugar, significado e sentido, através de uma construção histórica coletiva.

No contexto da cidade do Recife, o processo histórico deixou muitas marcas na formação da cidade, seja através dos engenhos ou dos sítios que em muitos casos deram nomes aos bairros, por exemplo, a Madalena que corresponde ao antigo Engenho Madalena ou até mesmo o Zumbi e o Sítio do Berardo eu se tratavam de sítios que faziam parte do referido engenho. Para além da delimitação desses territórios, também existem alguns geossímbolos capazes de revisitar a história desses recortes, como o próprio Textifício Santa Maria que se tornou símbolo de luta e identidade dos moradores.

Na análise de Souza (2013) o bairro é apresentado sob três perspectivas conceituais: composicional, interacional e simbólica, sendo a última adotada nessa pesquisa por compreender que essa abordagem dialoga melhor com as discussões propostas. O bairro no sentido simbólico não está associado a um mero recorte territorial e aos procedimentos técnicos adotados na maioria das vezes de forma padronizada pelo poder público para

delimitação desses espaços. Trata-se de uma construção que ultrapassa esses critérios adentrando a um conteúdo simbólico expressivo, que na maioria das vezes não correspondem aos limites estabelecidos formalmente.

Na prática a identificação de um bairro pela maioria dos moradores está pouco ligada aos limites formais. Na verdade, no imaginário popular a extensão dessas linhas pouco significa. Não quer se dizer com isso que os limites administrativos não são importantes para organização da cidade. Ora, sem esses limites seria muito difícil identificar, planejar e gerir esses recortes. Além disso, tais traçados possibilitam e facilitam, por exemplo, a logística atribuída aos serviços de entrega postal, IPTU, água, energia, entre outros. Assim, o que se defende é que tanto os limites administrativos, quanto os subjetivos deveriam coexistirem.

Sendo assim, se por um lado os planejadores impõem barreiras rígidas aos limites dos bairros, por outro, os moradores parecem ser mais flexíveis nesse sentido. Essa flexibilidade é muito notada no caso do bairro de Zumbi. Vejam, pois, que tratasse de um bairro circundado por outros grandes bairros como Madalena, Cordeiro, Prado e Torre. O pequeno bairro que possui 44 ruas e parece ficar à sombra desses recortes maiores, sendo consequentemente invisibilizado, seja por esse fator ou até mesmo pela perca de identidade ao longo dos anos. Por isso, é comum que os moradores de Zumbi se apresentem como moradores de algum desses bairros vizinhos, seja por status ou simplesmente pela sensação de que os moradores da cidade de modo geral desconhecem o recorte de Zumbi, tal como será visto adiante.

A título de conhecimento, ao recorrer aos dicionários, a maioria deles definem o bairro como uma subdivisão da cidade. Para Barros (2004), do ponto de vista morfológico, o bairro apresenta antes de tudo uma forma física, abrangendo diferentes eixos e direções seguindo uma lógica espaço-social. Na perspectiva de Teixeira e Machado (1986) um bairro é definido a partir de três elementos, são eles a paisagem urbana, o conteúdo social e a função. A paisagem urbana consiste nas construções e traçados, o conteúdo social está atrelado ao modo de vida e a função refere-se as atividades desempenhadas na conjuntura da cidade, seja ela administrativa, residencial ou comercial. Assim, a cidade é composta por um conjunto de bairros que a partir dessas categorias possuem suas próprias particularidades.

Sob essa ótica, Teixeira e Machado (1986) defendem ainda que o reconhecimento o bairro e a concepção dos seus limites se dão através do sentimento de pertencimento, mas essa percepção sofre alterações ao longo dos anos. Seabra (1999) corrobora com esse raciocínio ao defender que o reconhecimento territorial no âmbito do bairro está diretamente ligado as vivências dos moradores, tal como relatado a seguir:

> É essencial assegurar que o bairro como espacialização do processo social guarda e corresponde a um âmbito da vida imediata, uma dimensão sociológica tão intensa

> e extensa que é capaz de definir uma vida de bairro. Na mesma medida que a família era a menor unidade dos grandes grupos, o bairro sempre foi a maior territorialidade desse pequeno grupo que é a família (SEABRA, 1999, p. 3).

O conteúdo socioespacial do bairro, inclusive sob o ponto de vista simbólico, varia ao longo do tempo, pois faz parte da dinâmica que afeta a cidade, seja relacionada a macroprocessos que se manifestam na escala interurbana, seja no âmbito da própria dinâmica e diferenciação interna da cidade. Além disso, no contexto das grandes cidades, o conteúdo do vivido de um bairro pode estar ainda sob o efeito das transformações que abarcam a vida de metrópole. Diante disso, as relações de vizinhança e os laços entre os moradores têm se perdido cada vez mais. É o que aponta Souza (1988) ao tratar a dimensão política do bairro, defendendo que nos bairros ricos das grandes cidades, as pessoas vivem juntas, mas pouco ou nada se conhecem. Diferente dos bairros mais pobres, onde a rua acaba se tornando uma extensão das casas para diferentes práticas. Para ele, essas contradições sociais manifestadas no urbano estão longe de ter fim e são ainda mais intensificadas com o passar do tempo.

Normalmente, costuma-se associar a vida digna aos espaços mais bem estruturados da cidade. Sendo assim, os bairros “modelos” seriam aqueles onde há uma infraestrutura urbana com praças, parques, grandes escolas, melhores moradias, entre outros. Essa ideia pressupões que bairros planejados são como um modelo ideal para a cidade. Por isso, Jacobs (2011), defende que essa busca por um ideal chega a ser nociva, pois, todo modelo que apresente o bairro como uma unidade autossuficiente deve ser refutado. Sobre isso, Seabra enfatiza:

> Decididamente, o conjunto habitacional, o edifício de apartamento, o condomínio fechado não são bairros. Nestes âmbitos as imediaticidades da vida tendem também para ser tecnificadas. As técnicas de uso cotidiano erigem-se como um conjunto de mediações de tal forma que se reduz substancialmente o âmbito da prática concreta (1999, p. 5).

A ideia de um bairro que vive por si só, tende a gerar a destruição da cidade, atribuindo a esses espaços a condição de cidadezinhas, gerando assim pequenos territórios de estranhamento. Para isso, basta observar que as relações desenvolvidas em cidades com até 5 mil habitantes, por exemplo, são diferentes das relações em um bairro com uma população de mesmo número em uma grande cidade. Na pequena cidade “todos” se conhecem, seja porque estudaram na mesma escola, frequentam a mesma igreja, estão presentes nas mesmas festividades, etc. Na grande cidade, é difícil imaginar que esses encontros ocorram na mesma proporção. Por isso, “A falta de autonomia tanto econômica quanto social nos bairros é natural e necessária a eles, simplesmente porque eles são integrantes das cidades (JACOBS, 2011, p. 87).

Jacobs (2011), relata também que alguns urbanistas questionam o conceito de bairro na cidade, já que seus moradores têm a liberdade de escolher serviços e até mesmo os relacionamentos desenvolvidos para além desse recorte. No entanto, um dos benefícios de morar nas grandes cidades está justamente na variedade de serviços que elas dispõem. Por isso, mais uma vez ela defende que de fato não há sentido no conceito de bairro na metrópole, mas isso quando se projetam esses bairros como unidades autônomas.

A definição de bairro por Mayol (1996, p. 42) de forma semelhante a Lefebvre, trabalha com base no cotidiano, apresentando o bairro como “uma noção dinâmica, que necessita de uma progressiva aprendizagem, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer aí uma apropriação.” O conforto dessa apropriação se percebe, por exemplo, na forma como o morador identifica zonas de perigo dentro do bairro, fazendo com que ele adapte sua rota de modo que não atravesse ruas onde os episódios de violência ocorrem com mais frequência. É também o que faz com que ele saiba que tipo de público frequenta a pracinha em determinados dias e horários, características que alguém que não tem vivência com esse espaço dificilmente saberá decifrar de forma imediata. Reiterando esse raciocínio, Mayol (1996) se apoia em Michel de Certeau, que se refere como uma tática que considera “o lugar do outro”, ou seja:

> Aquilo que o usuário ganha quando sabe "possuir" direito o seu bairro não é contabilizável, nem se pode jogar numa troca necessitante de uma relação de forças: o adquirido trazido pelo costume não é senão a melhoria da "maneira de fazer", de passear, de fazer compras, pela qual o usuário pode verificar sem cessar a intensidade de sua inserção no ambiente social (MAYOL, 1996, p. 45).

Pode até parecer banal mencionar a forma como a industrialização intensificou o crescimento da cidade, mas, se faz necessário, uma vez que esse processo influenciou também na configuração dos bairros, seja daqueles considerados mais nobres como dos que cresceram ao redor das fábricas. Conforme Seabra (1999), a acumulação de riquezas nas cidades, fortaleceu uma sociedade hierárquica e a clara existência de uma elite, que no caso da cidade do Recife ocupava principalmente as margens do Rio Capibaribe.

De outro modo, bairros operários se formavam de forma muito espontânea no entorno das fábricas ditando o ritmo de vida dos moradores, promovendo vivências e fortalecendo as estruturas das práticas cotidianas. Além disso, o sentido dessa vida de bairro se fortaleceu também através da igreja como componente, capaz de propiciar o momento do encontro sob esse âmbito da reprodução da vida.

> Pensar este processo no seu conjunto ajuda compreender a urbanização que vai se configurando na metamorfose da cidade histórica, que engloba os bairros, metamorfoseia a vida de bairro e que recriando as formas (vila operária e o bairro operário) re-introduz o sagrado num processo que é essencialmente de profanar o

> tempo funcionalizando-o, no limite do impossível, em favor da industrialização. E isto era possível porque a religião, já operada como atributo da cultura, era vivida como necessidade (SEABRA, 1999, p. 6).

Sendo o bairro o lugar do encontro, é preciso destacar que não se trata apenas do encontro premeditado, mas daqueles encontros que acontecem de forma involuntária, seja na ida ao mercadinho, no passeio na praça ou mesmo na caminhada pela rua.

> Passando pelo bairro é impossível não encontrar algum "conhecido" (vizinho ou comerciante), mas nada permite dizer de antemão quem e onde (na escadaria, na calçada). Essa relação entre a necessidade formal do encontro e o aspecto aleatório do seu conteúdo leva o usuário a se manter como que "na defesa", no interior de códigos sociais precisos, todos centrados em torno do fato do *reconhecimento,* nesta espécie de coletividade indecisa - e portanto indecidida e indecidível - que é o bairro (MAYOL, 1996, p. 46).

Desse modo, mesmo que as pessoas não façam parte de um círculo estreito de relacionamentos, tais como familiares e amigos, ainda assim não são totalmente anônimas pelo simples fato da proximidade. Por isso não há como estar inserido em um bairro do sentido simbólico sem considerar o meio social, já que ideia de bairro está sempre apontando para a coletividade expressada por meio dos comportamentos. É também nesse contexto que o sentido de bairro na metrópole tende a se esvair, principalmente nas atividades corriqueiras, como as que foram citadas e que estão perdendo espaço para outras facilidades advindas do mundo moderno.

A ida ao mercadinho já pode ser substituída pelas compras através de um aplicativo e chegam a sua casa por meio de um serviço de entrega rápida. Do mesmo modo, os edifícios oferecem áreas de convivência e lazer que acabam sendo substituídas pelas praças públicas. As conversas na calçada no fim da tarde são trocadas pela troca instantânea de mensagens pela internet, seja pela praticidade, ou mesmo pela violência que faz com que as pessoas fiquem recolhidas em suas casas. Assim, pouco a pouco, práticas simples e aparentemente inofensivas vão ressignificando a “vida de bairro” nas grandes cidades.

No bairro, o ato de comprar vai muito além da visão capitalista da troca, fala-se aqui de relacionamentos que são construídos ao longo do tempo entre o dono do ponto comércio e o consumidor. Esse vínculo de fidelidade pode ser expresso, por exemplo, através da “caderneta do fiado”, que atualmente vem sendo substituída pela máquina do cartão de crédito. Essa característica é comum no bairro do Zumbi, mas não necessariamente ocorre em todos os bairros populares.

> Esse algo mais, não contabilizável na lógica estrita da troca de bens e serviços, é diretamente simbólico: é o efeito de um consenso, de um acordo tácito entre o freguês e o seu comerciante que transparece certamente no nível dos gestos e das palavras, mas que jamais se torna explícito por si mesmo. E o fruto de um longo *costume* recíproco pelo qual cada um sabe o que pode pedir ou darão outro, em vista de melhorar a relação com os objetos da troca (MAYOL, 1996, p. 52).

É certo que a praticidade atribuída a certos mecanismos inerentes a vida moderna vai trazer impactos diretos em relação ao uso do tempo, já que se gasta muito mais tempo indo ao mercadinho fazer suas compras, que as pedindo por meio de um aplicativo. Mas na contramão do tempo obtivo, muito se perde nas relações. A economia do tempo tem um preço e o preço a ser pago está no aprofundamento desses relacionamentos.

> A relação ligando um freguês a seu comerciante (e reciprocamente) é feita da inserção progressiva de um discurso implícito sob as palavras explícitas da conversa, que tece entre um e outro parceiros da troca uma rede de sinais, tênues, mas eficazes, favorecendo o processo do reconhecimento. Os fatos e gestos da conveniência são o estilo indireto – a máscara - do benefício perseguido através das relações do bairro. Assim, muito longe de esgotar aos poucos as possibilidades do espaço social, ela vai favorecer ao contrário uma inserção pessoal indefinida no tecido coletivo do ambiente (MAYOL, 1996, p. 53).

Fica evidentes que existem inúmeras possibilidades de se pensar o bairro na perspectiva da cidade e que essa é uma questão emergente na academia como na sociedade de um modo geral. Ainda mais urgente é a necessidade de que os estudos e pesquisas tenham uma aplicabilidade prática nos bairros, pois, o poder público e os planejadores urbanos parecem dar pouca atenção a importância de compreender o bairro na perspectiva do espaço vivido considerando as experiências dos seus moradores. Sabe-se que os processos na cidade são demasiadamente complexos, mas, tal como relata Jacobs:

> As cidades são um imenso laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano. É nesse laboratório que o planejamento urbano deveria aprender, elaborar e testar suas teorias. Ao contrário, os especialistas e os professores dessa disciplina (se é que ela pode ser assim chamada) têm ignorado o estudo do sucesso e do fracasso na vida real, não têm tido curiosidade a respeito das razões do sucesso inesperado e pautam-se por princípios derivados do comportamento e da aparência de cidades, subúrbios, sanatórios de tuberculose, feiras e cidades imaginárias perfeitas – qualquer coisa que não as cidades reais (2011, p. 16).

Em contrapartida, cidades como o Recife se apresentam de forma heterogênea, capazes de revelar aos quatro cantos as suas desigualdades. O altíssimo preço do solo obriga famílias a procurarem habitações em locais mais afastados do centro ou mesmo em áreas de risco. Atrelado a isso o mercado imobiliário cresce de forma expressiva, reorganizando e modificando não apenas as formas da cidade, mas o conteúdo da vida de bairro. Diante desse crescimento e com locais limitados para a construção, algumas problemáticas foram colocadas em debate, como é o caso da Lei dos 12 bairros denotada no item a seguir.

4.2 A Lei dos 12 Bairros e seus impactos sobre a Madalena

Na condição de uma das cidades mais antigas do país, o Recife passou por diversas modificações ao longo dos anos, o que tornou os desafios ainda maiores. Nesse contexto, além dos muitos contrates sociais e econômicos, o Recife possui uma elevada densidade demográfica que impacta diretamente nas formas de ocupação da cidade até os dias de hoje.

Por se tratar de uma cidade marcada por muitas disputas e tensões no que se refere a esse processo de ocupação, a verticalização apresentou um grande crescimento, tornando-se um forte elemento da paisagem em um movimento cada vez mais acelerado. Diante disso, alguns padrões foram redefinidos por meio de um conjunto de normas legislativas que ficou conhecido como a Lei dos 12 Bairros (Lei nº 16.719 – 2001). A referida lei foi responsável pelo redirecionamento de muitos padrões urbanísticos, sobretudo, em áreas que se tornaram muito atrativas para o mercado imobiliário.

As mudanças impostas pelo mercado imobiliário, além de promoverem alterações nas formas de moradia, na maioria das vezes não dialogavam com as particularidades históricas, culturais e ambientais da localidade, tal como relata Araújo em contribuição com a obra da Lei dos 12 Bairros (2018). Atrelado a esse fator, entre as décadas de 80 e 90 o Recife vivenciava um período em que a participação popular era manifesto e consequentemente havia o desejo de envolvimento dos moradores nos projetos de construção da cidade.

As transformações urbanas em determinados bairros, em especial aqueles mais tradicionais, tendem a causar questionamentos por parte dos moradores, seja pelas mudanças nas formas, como também pelas alterações que podem trazer ao cotidiano. Mas, se por um lado há uma preocupação com aquilo que é tradicional ao bairro, por outro as operações imobiliárias estão direcionadas ao investimento financeiro em busca de maiores rendimentos. Tal condição é muito conflituosa, considerando a cidade do Recife em que determinadas áreas têm terrenos limitados e consequentemente um alto preço do solo.

A Lei dos 12 Bairros contempla os bairros do Derby, Graças, Espinheiro, Aflitos, Jaqueira, parte da Tamarineira, Parnamirim, Santana, Casa Forte, Poço da Panela, Monteiro e Apipucos. Num primeiro instante é natural para o leitor questionar os motivos que levam esta pesquisa uma lei que não abrange Madalena e Zumbi. No entanto, sendo o espaço urbano articulado em suas formas e funções, deve-se considerar as implicações proveniente dessa lei para os bairros do entorno.

O acelerado crescimento da cidade do Recife provocou um excessivo adensamento até o final do ano 2000 no bairro de Boa Viagem, e naqueles que posteriormente viviam a compor os 12 Bairros. No entanto, as referidas construções não acompanhadas de melhorias

na infraestrutura desencadearam diversos problemas ligados ao esgotamento sanitário, meio ambiente, mobilidade urbana, entre outros.

Diante das restrições dispostas através da aprovação da Lei dos 12 Bairros, a tendência do mercado imobiliário foi avançar sobre algumas áreas do entorno, entre elas os bairros da Torre e da Madalena. A imposição de um padrão construtivo e do processo de verticalização foram fatores contribuintes para o enfraquecimento da identidade territorial de muitos bairros do Recife. Mas se por um lado os bairros da Torre, Madalena e mais recentemente do Prado, se tornaram atrativos ao mercado imobiliários, por outro, o bairro de Zumbi limitado por esses recortes foi pouco alcançado pelo processo de verticalização. Ainda assim, tal fato não sugere que não houve modificações atreladas ao adensamento populacional no referido recorte.

A exposição dos dados a seguir possibilita uma análise acerca do adensamento populacional no que diz respeito ao número de pavimentos dos edifícios nos bairros da Torre e Madalena. Tal análise foi viabilizada através de um minucioso estudo disponibilizado na obra Lei dos 12 bairros e contribuem diretamente para a compreensão da dinâmica urbana na área de estudo dessa pesquisa. O estudo em questão apresenta o avanço das áreas construídas por conjunto urbano e número de pavimentos nos anos de 1982, 2000 e 2014 em diversos bairros do Recife. Para tal, foram reproduzidos os dados referentes aos bairros da Torre e Madalena, considerando que Zumbi não foi contemplado na área do entorno apontada como estratégica para a expansão do mercado imobiliário.

O processo de verticalização é um dos grandes modificadores da paisagem na cidade do Recife, promovendo inúmeros impactos nos modos de vida da sociedade. Muito além das mudanças nas formas, tal processo é capaz de promover mudanças não só de ordem econômica, mas também ambiental, social e até cultural. Por isso, os expressivos números apresentados nas tabelas a seguir, propõem algumas reflexões a respeito do grande crescimento de edifícios no referido período.

A tabela 6 revela um considerável número de edifícios até 4 pavimentos, apresentando redução à medida que os pavimentos crescem. Mas, certamente o dado mais expressivo revela a ausência de edifícios com mais de 16 pavimentos nesse período de 1982. Vale salientar que é justamente a partir da década de 80 que a cidade do Recife começa a registrar intensificação no processo de verticalização, que redefiniu a paisagem, tal como descreve Lacerda et. al (2018) Sendo assim, em 1982 o bairro da Torre registrava um total de 208.251 edifícios, enquanto o bairro da Madalena registrava mais que o dobro 488.086. O maior número de edifícios nesse período estava concentrado em até 4 pavimentos, apresentando 56,7% na Torre e 78,8% na Madalena.

Tabela 6 - Área construída por bairro e número de pavimentos – 1982

Bairros	Número de pavimentos										Total geral	
	Até 4		5 a 8		9 a 16		17 a 20		>20			
	V. abs	%	V. abs	%	V. abs	%	V. abs	%	V. abs	%	V. abs	%
Torre	118.028	56,7	82.833	39,8	7.390	3,5	**0**	**0**	**0**	**0**	**208.251**	**100**
Madalena	384.658	78,8	60.696	12,4	42.732	8,8	**0**	**0**	**0**	**0**	**488.086**	**100**

Fonte: Lacerda et. al., 2018. (Adaptado)

A tabela 7 mostra um crescimento expressivo dos números entre o período de 1982 e 2000. O número de edifícios em ambos os bairros mais que dobrou e o bairro da Torre passou a apresentar 208.251 edifícios, enquanto a Madalena possuía 488.086 no mesmo período. A concentração de edifícios até 4 pavimentos continuou sobrepondo os demais, mas outra mudança significativa diz respeito ao surgimento de prédios de 17 a 20 pavimentos, onde o bairro da Torre apresentou 17,6% e a Madalena 6,5%. Os prédios com mais de 20 pavimentos também passaram a ocupar os bairros registrando 1,9% na Torre e 5,0 na Madalena, revelando assim o aumento do processo de verticalização.

Tabela 7 - Área construída por bairro e número de pavimentos – 2000

Bairros	Número de pavimentos										Total geral	
	Até 4		5 a 8		9 a 16		17 a 20		>20			
	V. abs	%	V. abs	%	V. abs	%	V. abs	%	V. abs	%	V. abs	%
Torre	200.119	42,8	123.649	26,4	53.196	11,4	**82.186**	**17,6**	**8.692**	**1,9**	**467.842**	**100**
Madalena	537.719	59,6	103.223	11,4	157.158	17,4	**58.841**	**6,5**	**44.690**	**5**	**901.633**	**100**

Fonte: Lacerda et. al., 2018. (Adaptado)

A tabela 8 revela como em 14 anos os bairros da Torre e Madalena foram tomados por muitos edifícios. Se por um lado não houve registros de números tão altos em relação aos edifícios de até 16 pavimentos, por outro, o aumento entre 17 e até mais de 20 pavimentos mostra um avanço expressivo da verticalização. Os referidos dados apontam para um contexto de muitas transformações, considerando que se trata de um crescimento vertical que

do ponto de vista urbano desencadeia muitas problemáticas que vão desde as questões econômicas até as sociais.

Tabela 8 - Área construída por bairro e número de pavimentos – 2014

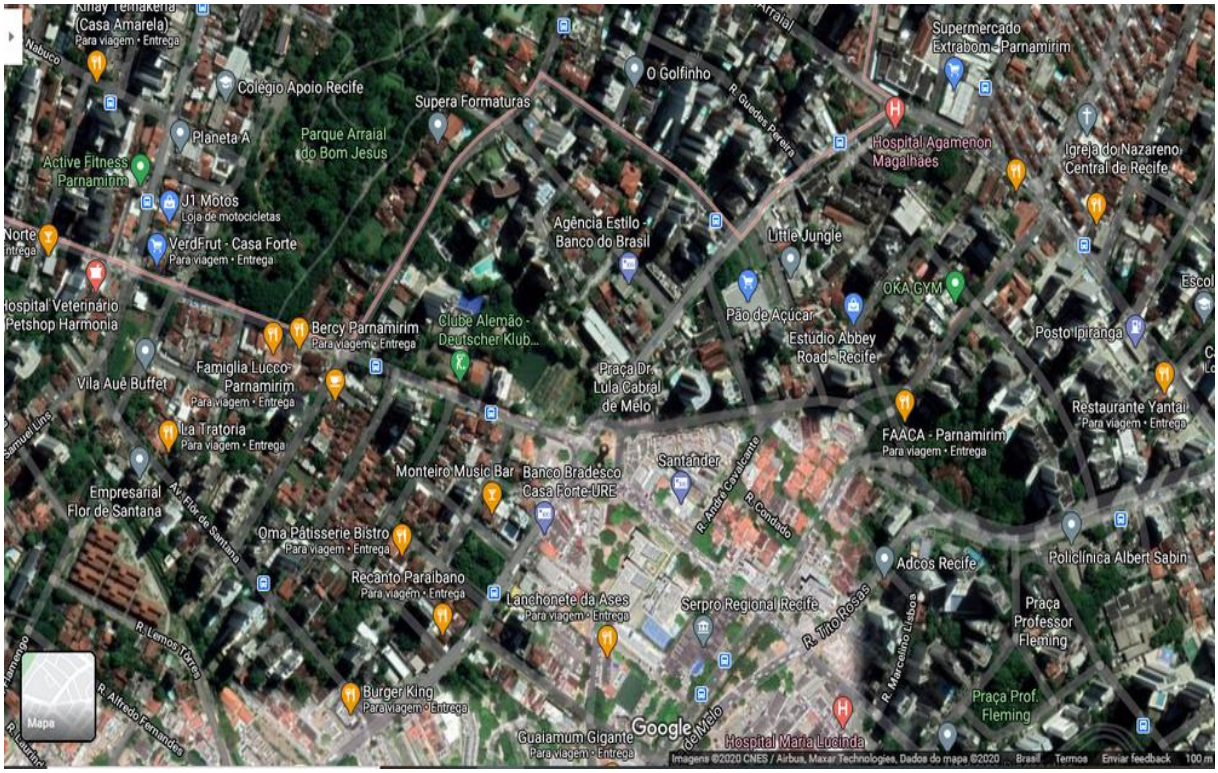
Bairros	Número de pavimentos										Total geral	
	Até 4		5 a 8		9 a 16		17 a 20		>20			
	V. abs	%	V. abs	%	V. abs	%	V. abs	%	V. abs	%	V. abs	%
Torre	226.074	27,7	128.080	15,7	91.649	11,2	162.209	19,9	206.797	25,4	**814.809**	**100**
Madalena	593.902	42,6	111.169	8	190.785	13,7	199.836	14,3	297.199	21,3	**1.392.890**	**100**

Fonte: Lacerda et. al., 2018. (Adaptado)

Sendo assim, conforme observado no comparativo das tabelas 6, 7 e 8, com a aplicação da Lei dos 12 Bairros, os bairros da Torre e Madalena ficaram na zona de interesse do setor imobiliário. Isso contribuiu para que o adensamento urbano e processo de verticalização avançasse para os bairros do entorno promovendo muitos impactos e intensas transformações na paisagem urbana e nos modos de vida da população.

Em geral, a Lei dos 12 Bairros foi responsável por intensificar o processo de homogeneização da cidade que crescia, principalmente na margem esquerda do Rio Capibaribe ao criar obstáculos à verticalização desses espaços. A implantação dessa lei, além dos benefícios trazidos pela própria aplicação, serve também como exemplo de mobilização protagonizada por muitos atores dos bairros envolvidos. A figura 66 representa a visualização por satélite de uma área da Zona Norte que compreende os bairros de Parnamirim, Casa Amarela e Casa Forte. Conforme se observa, há uma relativa presença do verde, característica pouco comum em áreas mais verticalizadas.

Figura 66 - Imagem aérea da Zona Norte do Recife compreendendo parte dos bairros de Parnamirim, Casa Amarela e Casa Forte em 2020



Fonte: Googlemaps, 2020.[7]

Outro traço marcante em áreas da Zona Norte é a presença do casario antigo (Figura 67). Esse tipo de casario, ou em muitos casos, as ruínas dele, expressam o frágil contexto de permanências no espaço urbano do Recife. Resquícios como esses são capazes de revelar parte da história dos bairros através do antigo e do moderno, marcado pelo processo de verticalização.

[7]Disponível em: www.google.com.br/maps/place/Parnamirim,+Recife+-+PE/@-8.0333053,-4.9117439,202m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab19aa3b1cc0c1:0x32d50130564f4376!8m2!3d-8.0334239!4d-34.9103805 Acesso: 04/09/2020 às 14h36m

Figura 67 - Imagem de um casario antigo no bairro de Casa Amarela

Fonte: Thalita Cavalcanti, jun/2020.

Em contraposição, as figuras 68, 69, 70 e 71 mostram a transformação paisagística gerada pela verticalização, considerando que, indiretamente a Lei dos 12 Bairros contribuiu para o aumento da dinâmica imobiliária na margem direita do Capibaribe, particularmente na Madalena e Torre, avançando pelo Prado e Ilha do Retiro. Nas imagens é possível identificar não só os novos edifícios, mas uma relativa melhora na infraestrutura e no comércio no entorno.

Figura 68 - Trecho da Rua Real da Torre na Madalena em 2011

Fonte: Googlemaps, set/2020.

Figura 69 - Trecho da Rua Real da Torre na Madalena em 2020

Fonte: Googlemaps, set/2020.

Figura 70 - Visão de trecho da Av. Beira Rio a partir da Ponte Cabugá em 2012

Fonte: Googlemaps, set/2020.

Figura 71 - Visão de trecho da Av. Beira Rio a partir da Ponte Cabugá em 2020

Fonte: Googlemaps, set/2020.

A tabela 9 apresenta alguns imóveis localizados no bairro da Madalena, Zumbi e em alguns dos bairros incluídos na Lei dos 12 Bairros (Parnamirim, Poço da Panela, Espinheiro, Casa Forte, Apipucos e Aflitos), considerando o tipo de imóvel, a área, o valor do condomínio e do imóvel. Os dados referentes ao ano de 2020 revelam como a Madalena está inserida em um contexto de valorização imobiliária face à verticalização direcionada para a clientela de classe média e que há uma elevação do preço do solo, principalmente na Avenida Beira Rio.

Tabela 9 – Classificação de imóveis quanto ao tipo, área e valores, localizados nos bairros Madalena, Zumbi Parnamirim, Poço da Panela, Espinheiro, Casa Forte, Apipucos e Aflitos em 2020.

Localização	Tipo de Imóvel	Área (m²)	Valor do (R$/m²)	Valor do condomínio (R$)	Valor do imóvel (R$)
Rua Pessoa de Melo - Madalena, Recife/PE, 50610-220	Venda – Apartamento	67	~ 5.059	645	339.000
Rua Antônio Camilo Dias, Madalena, Recife/PE, 50720-585	Venda - Apartamento	500	~ 3.200	1.900	1.600.000
Rua Heitor Maia Filho, Madalena, Recife/PE, 50720-525	Venda - Apartamento	208	~ 10.731	1.163	2.200.000
Rua Galvão Raposo, Madalena, Recife/PE, 50610-330	Venda – Casa em rua pública	298	~ 4.865	-	1.450.000
Rua Dom João de Souza – Madalena, Recife/PE, 50610-070	Venda - Apartamento	128	~ 4.609	970	590.000
Avenida Beira Rio - Madalena, Recife/PE, 50610-100	Venda - Apartamento	200	~ 7.250	2.750	1.450.000
Rua Monsenhor Júlio Maria - Madalena, Recife/PE, 50720-090	Venda – Casa em rua pública	350	~ 1.600	-	560.000
Praça Doutor José Vilela, Parnamirim, Recife/PE, 52060-240	Venda – Casa em rua pública	320	~ 5.468	-	1.750.000
Rua Luiz Guimarães – Poço da Panela, Recife/PE, 52061-160	Venda - Apartamento	184	~ 6.793	1.350	1.250.000
Rua José Luiz da Silveira Barros - Espinheiro, Recife/PE, 52020-160	Venda - Apartamento	210	~ 4.238	1.157	890.000
Av. Dezessete de Agosto, Casa Forte, Recife/PE, 52060-335	Venda - Apartamento	216	~ 6.250	R$ 2.300	1.350.000
Rua Apipucos - Apipucos, Recife/PE, 52071-640	Venda - Apartamento	455	~ 5.494	R$ 4.000	2.500.000
Rua Sebastião Alves - Parnamirim, Recife/PE, 52060100	Venda - Apartamento	255	~ 3.411	R$ 1.750	R$ 870.000
Rua Manuel de Carvalho – Aflitos, Recife/PE, 52050-370	Venda Apartamento	105	~ 3.333	R$ 760	350.000
Rua Conselheiro Theodoro – Zumbi, Recife/PE, 50711030	Venda Apartamento	74	~ 3.378	R$ 603	250.000
Rua Fidélis Moliterno - Zumbi, Recife/PE, 50720590.	Venda – Casa em rua pública	360	~ 1.930	-	695.000

Fonte: OLX e ZAPMóveis[8]

[8]Lista de Anúncio dos imóveis:

Conforme se observa, em alguns casos o valor do m² no bairro da Madalena até extrapola aqueles que são praticados em outros bairros inseridos na Lei dos 12 Bairros e que são considerados nobres. Há registros em que o preço do m² chega a aproximadamente 10 mil reais. Os valores dos condomínios também mostram que as pessoas que ocupam esses imóveis possuem maior poder aquisitivo, valores esses justificados pelos serviços fornecidos pelo condomínio que vendem o lazer e a segurança de estar protegido atrás dos altos muros.

Os dados da tabela 8 a respeito do bairro de Zumbi também revelam que os preços praticados nesse fragmento estão muito abaixo dos demais. Tal fato está atrelado ao pouco interesse do mercado imobiliário por esse recorte, seja pela condição de bairro pobre próximo a comunidades e com uma população de baixo poder aquisitivo, ou mesmo pelo investimento em bairros adjacentes como Prado, Torre, a própria Madalena e mais recentemente o Cordeiro. Os construtores e incorporadores não ofertam imóveis, ao menos por enquanto em Zumbi, por conta da disponibilidade de outras localizações consideradas mais aprazíveis em

---

Imóvel 1 - Disponível em https://pe.olx.com.br/grande-recife/imoveis/ap3728-madalena-774838656 Acesso: 07/10/2020 às 10h01m.

Imóvel 2 - Disponível em https://pe.olx.com.br/grande-recife/imoveis/1748-apartamento-a-venda-cobertura-alto-padrao-500m-04qtos-01suite-master-798271052 Acesso: 07/10/2020 às 10h07m.

Imóvel 3 - Disponível em https://pe.olx.com.br/grande-recife/imoveis/apartamento-de-luxo-na-beira-rio-madalena-4-suites-e-varanda-gourmet-san-gerard-761022193 Acesso: 10/10/2020 às 12h0m.

Imóvel 4 - Disponível em https://pe.olx.com.br/grande-recife/imoveis/casa-3-suites-na-madalena-recife-ref-bo-797778261 Acesso: 07/10/2020 às 10h17m.

Imóvel 5 - Disponível em https://www.zapimoveis.com.br/imovel/venda-apartamento-3-quartos-com-playground-madalena-recife-pe-128m2-id-2441902418/ Acesso: 07/10/2020 às 10h25m.

Imóvel 6 - Disponível em https://www.zapimoveis.com.br/imovel/venda-apartamento-4-quartos-com-piscina-madalena-recife-pe-200m2-id-2429137398/ Acesso: 07/10/2020 às 10h31m.

Imóvel 7 - Disponível em https://pe.olx.com.br/grande-recife/imoveis/vc001-vendo-casa-na-madalena-5qrtos-3-salas-4banheiros-jardim-nascente-3-garagens-730289041 Acesso: 07/10/2020 às 10h40m.

Imóvel 8 - Disponível em https://pe.olx.com.br/grande-recife/imoveis/casa-residencial-a-venda-parnamirim-recife-540222981 Acesso: 07/10/2020 às 10h46m.

Imóvel 9 - Disponível em https://www.zapimoveis.com.br/imovel/venda-apartamento-4-quartos-mobiliado-poco-recife-pe-184m2-id-2487448752/ Acesso: 07/10/2020 às 10h50m.

Imóvel 10 - Disponível em https://www.zapimoveis.com.br/imovel/venda-apartamento-4-quartos-com-piscina-espinheiro-recife-pe-210m2-id-2493183254/ Acesso: 07/10/2020 às 10h58m.

Imóvel 11 - Disponível em https://www.zapimoveis.com.br/imovel/venda-apartamento-4-quartos-mobiliado-casa-forte-recife-pe-216m2-id-2491812396/ Acesso: 07/10/2020 às 11h01m.

Imóvel 12 - Disponível em https://www.zapimoveis.com.br/imovel/venda-apartamento-4-quartos-com-cozinha-pequena-apipucos-recife-pe-455m2-id-2481267795/ Acesso: 07/10/2020 às 11h014m.

Imóvel 13 - Disponível em https://www.zapimoveis.com.br/imovel/venda-apartamento-4-quartos-parnamirim-recife-pe-255m2-id-74270998/ Acesso: 07/10/2020 às 11h18m.

Imóvel 14 - Disponível em https://www.zapimoveis.com.br/imovel/venda-apartamento-3-quartos-com-armario-de-cozinha-aflitos-recife-pe-105m2-id-2434848677/ Acesso: 07/10/2020 às 11h37m.

Imóvel 15 - Disponível em https://pe.olx.com.br/grande-recife/imoveis/apartamento-na-madalena-780340985 Acesso: 07/10/2020 às 11h46m.

Imóvel 16 - Disponível em https://pe.olx.com.br/grande-recife/imoveis/casa-4-quart-cordeiro-prox-ao-bradesco-da-caxanga-714395788 Acesso: 07/10/2020 às 12h02m.

termos de infraestrutura e de externalidade de vizinhança do que esse bairro. Tal é o caso da Madalena, sobretudo no eixo mais próximo do Rio Capibaribe, ou mesmo de outros bairros do entorno, como Prado e Cordeiro, ainda que, no que tange aos imóveis residenciais, este último ainda se apresente majoritariamente constituído por casas e pequenos edifícios.

Além disso, houve maior dificuldade em encontrar anúncios de imóveis no Zumbi, principalmente porque as negociações normalmente são feitas diretamente com o proprietário do imóvel sem o intermédio de uma corretora. Significa dizer que ainda é um hábito muito comum no bairro de Zumbi, os moradores colocarem placas de venda e aluguel na frente do imóvel disponibilizando o seu número de telefone pessoal como forma de contato. Dependendo da relação do morador com o proprietário do imóvel os contratos podem ser inclusive flexibilizados ou feitos de maneira informal.

Embora os anúncios nos sites de imóveis sejam normalmente publicados tomando o CEP como referência, outro fato que chamou a atenção foi a forma como os imóveis no Zumbi são anunciados. Ainda que o CEP aponte o local como Zumbi, os anunciantes normalmente usam o enunciado para informar que o imóvel fica localizado em bairros adjacentes como Cordeiro, Torre, Madalena e Prado, conforme retrata a figura 72. Essa prática revela o esforço de valorização do imóvel o associando aos bairros mais conhecidos no contexto da cidade e onde o preço do solo é maior. Aqui compreende-se a instância do espaço percebido, ao mesmo tempo em que os agentes imobiliários criam um artifício discursivo para simular a ideia de que o imóvel estaria em outro lugar. Dessa forma, se o vivido é reconhecidamente identificado com um lugar popular, cujo valor médio do solo é mais baixo no mercado, os agentes imobiliários, deliberadamente, atribuem ao imóvel uma localização com a intencionalidade de majorar os preços e sua margem de lucro. Por isso, não por acaso Lefebvre (2008) diz que o espaço é político, pois é intencionalmente produzido para atender os interesses de determinados agentes sociais.

Figura 72 - Anúncio de venda de imóvel na Rua Fidélis Moliterno no bairro do Zumbi

Fonte: OLX, 2020.[9]

Cabe destacar, mais uma vez, que embora o bairro do Zumbi seja vizinho a esses e outros bairros onde há claro interesse do mercado imobiliário, ainda assim não é possível identificar a presença de muitos edifícios, pois, a produção imobiliária de alto padrão em geral ocorre onde a demanda solvável está disposta a pagar mais caro pelo metro quadrado. Isso não se aplica a Zumbi, tendo em vista que outros bairros do entorno oferecem melhor infraestrutura e acessibilidade a equipamentos de consumo da classe média, como restaurantes, academias de ginástica, hipermercado, dentre outros. Em geral, a implantação de um novo padrão habitacional vem acompanhado de equipamentos de comércio e serviços que lhe deem suporte, fato que igualmente ocorre na Madalena e não se verifica até o momento em Zumbi. Ao contrário disso, o que se observa *in loco* é que as maiores transformações na paisagem urbana em Zumbi, são provenientes de iniciativas dos próprios moradores que promovem autoconstruções de mais pavimentos em seus terrenos com o intuito de aproveitar melhor esses espaços, conforme foi mostrado no capítulo 3 desse trabalho.

A tabela 8 também mostra como os valores dos imóveis são mais elevados na Avenida Beira Rio, sobretudo por se tratar de uma avenida às margens do Rio Capibaribe. Neste caso,

[9] Disponível em https://pe.olx.com.br/grande-recife/imoveis/casa-4-quart-cordeiro-prox-ao-bradesco-da-caxanga-714395788 Acesso: 07/10/2020 às 12h02.

essa condição contribui como um tipo de externalidade positiva que é vendida pelo mercado imobiliário como um benefício para aqueles que escolhem morar nesse espaço (Figura 73). Isto porque, no espaço urbano a natureza se torna escassa, mesmo que os resíduos dela sejam intensamente alterados. No caso, o Rio Capibaribe torna-se um objeto de ressignificação do espaço, funcionando como um atributo de valorização imobiliária.

Figura 73 – Anúncio de venda de imóvel na Avenida Beira Rio no bairro da Madalena

Fonte: OLX, 2020.[10]

Essa é uma contradição da produção do espaço atual sob a égide das relações capitalistas. Ao mesmo tempo em que a natureza tem sido profundamente alterada e por vezes até eliminada, ela se torna elemento de valorização acompanhada do discurso dos próprios agendes do mercado imobiliário que a evocam como raro e vital para a vida urbana. A disputa pelas frentes d'água no Recife tornou-se uma realidade bastante recorrente no mercado imobiliário. Seja nas margens dos rios ou oceanos, os empreendimentos imobiliários de alto padrão têm sido concebidos e edificados e esse fator é crucial para a atração de uma demanda solvente, isto é, com alto poder de consumo e que está disposta a pagar pela raridade de adquirir um imóvel situado em frente d'água no Recife.

[10]Disponível em: https://pe.olx.com.br/grande-recife/imoveis/h-oportunidade-as-margens-do-rio-capibaribe-200m2-765161755 Acesso: 07/10/2020 às 12h35.

A reportagem ilustrada na figura 74, retrata como o bairro da Madalena passou a figurar como uma das localidades mais valorizadas e disputadas da cidade do Recife. De acordo com os dados do Índice de Velocidade de Vendas (IVV) medido pela Federação das Indústrias do Estado (Fiepe), a Madalena que em janeiro de 2018 possuía um IVV de 0%, passou a 4,2% no mês seguinte em um contexto em que o país e a construção civil atravessavam um momento de crise.

Figura 74 – Reportagem sobre a valorização do preço do solo do Recife

DIARIO de PERNAMBUCO

// CONFIRA O JORNAL DIGITAL D

NOTÍCIA DE ECONOMIA

Diario nos Bairros

Metros quadrados bem disputados

Pelo crescente aumento na procura, preço médio do m² de novos apartamentos na Madalena e Torre gira em torno de R$ 7 mil, podendo chegar a R$ 8 mil

Publicado em: 05/06/2018 09:49
Atualizado em: 05/06/2018 09:58

Antes fora da lista dos bairros mais procurados pelos recifenses, Madalena e Torre passaram a integrar o ranking das localidades mais disputadas, aumentando assim a atividade imobiliária na região. De acordo com especialistas do setor, o preço médio do metro quadrado de apartamentos novos na área gira em torno de R$ 7 mil, podendo ultrapassar os R$ 8 mil na Avenida Beira Rio, que margeia o Rio Capibaribe e cruza os dois bairros.

Fonte: MONTEIRO, Patrícia. Metros quadrados bem disputados. Diário de Pernambuco. Recife, 05 de junho de 2018. Diário dos bairros.[11]

[11]Disponível em: https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/economia/2018/06/metros-quadrados-bem-disputados.html Acesso em 08/10/2020 às 15h01m.

É importante destacar que apesar da intensificação do processo de verticalização na Madalena e bairros adjacentes, partes desses bairros ainda apresentam um baixo índice de edifícios. Tal fato está ligado a presença de áreas vulneráveis e precárias em infraestrutura que não são de interesse do mercado imobiliário, mas também as normativas atreladas a presença das Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS, que abrangem parte dos bairros da Torre, Madalena e também Zumbi e que serão tratadas de maneira mais específica no item a seguir.

4.3 Enquanto isso, as Zona Especial de Interesse Social (ZEIS)

O processo de urbanização no Brasil é historicamente marcado pela desigualdade e a forte presença de assentamentos precários como soluções habitacionais de moradia popular para atender a população de baixa renda. Neste contexto, poucas foram as propostas apresentadas pelo Poder Público, restringindo-se a medidas paliativas ou a erradicação desses espaços. É inerente que existam conflitos atrelados a todo esse sistema, seja para com o Poder Público ou nas relações de vizinhança, uma vez que na ótica do mercado imobiliário e das áreas consideradas mais nobres, esses assentamentos estimulam a desvalorização dos bairros adjacentes. Diante disso, as Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS, representam um importante marco para a regulamentação de áreas populares.

Até chegar à conjuntura das ZEIS, tal como se conhece hoje, houve um longo ciclo de transformações. O processo foi marcado, sobretudo, pela ineficiência e o caráter excludente da política habitacional, movimentos de luta por moradia e posse da terra e debates a respeito da pobreza urbana. O pontapé inicial muito importante para o redirecionamento da política habitacional foi a Lei Federal de Parcelamento nº 6.766 em 1979, apresentando regras específicas para o parcelamento do solo em áreas de interesse social.

A década de 80 foi um período marcado pela redemocratização e pela articulação dos movimentos atrelados a moradia. Em 1983 as Áreas Especiais foram reconhecidas pela nova Lei de uso e ocupação do solo. Nesta conjuntura, ainda de forma pioneira, foram criados zoneamentos especiais nas cidades de Recife/PE e Belo Horizonte/MG, amparados pela Lei nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979. Mas só em 1983 o termo ZEIS surge em Recife na lei municipal de uso do solo. No âmbito federal a difusão das ZEIS tomou forma a partir da lei nº 9.785/99 que alterou a lei anteriormente citada. Nesta condição, foram estabelecidos requisitos para o parcelamento do solo em Zonas Habitacionais de Interesse Social – ZHIS. (MIRANDA; MORAIS, 2007)

Apesar da atenção voltada as ZEIS nesse período, pouca foi a efetividade na regulamentação, sendo esse quadro atenuado apenas em 1987 quando foi aprovada a Lei dos Planos de Regularização das ZEIS – PREZEIS. Conforme consta no Ministério das Cidades (2009, p. 10) essa articulação se deu por Dom Helder Câmara, através da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife, e à posteriori serviu como referência para todo o país, apresentando medidas que visavam a implantação de políticas de urbanização e a participação popular nesses processos.

Em 1997, criou-se o Programa de Erradicação dos Aglomerados de Sub-habitações – PROMORAR, através de uma iniciativa do Banco Nacional da Habitação – BNH (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2009, p. 9). Seu objetivo era disponibilizar recursos para projetos que visavam manter a população já localizada nas “favelas”, fazendo rever a ideia prematura de que a solução seria a remoção das comunidades.

De modo geral, o principal benefício trazido pela institucionalização das ZEIS, refere-se à implementação de parâmetros urbanísticos que inibem os interesses dos grandes agentes – empreendedores imobiliários e comerciais –, ao estabelecer limites quanto às dimensões das áreas dos terrenos para novos parcelamentos ou remembramentos. Deste modo, o efeito imediato é a diminuição da pressão que estes agentes poderiam exercer sobre os moradores das ZEIS. Contudo, estes setores vêm, em administrações mais conservadoras, tentando influenciar tanto o Executivo como o Legislativo para modificar estes parâmetros na direção de uma flexibilização das normas das áreas mais urbanizadas, com a argumentação de que as ZEIS impediriam o desenvolvimento da cidade.

A difusão das ZEIS se deu de fato por volta de 1999 em âmbito federal através da Lei nº 9.785/99 alterando a Lei nº 6.766/79 (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2009, p. 11), estabelecendo requisitos básicos de infraestrutura em Zonas Habitacionais de Interesse Social - ZHIS e amparando legalmente essas áreas. Em contrapartida, esse processo esbarrava no baixo investimento em políticas habitacionais, devido à crise instaurada no Brasil desde o início da década de 80 restringindo os gastos com programas sociais. Sendo assim, o reconhecimento das ZEIS foi formulado no âmbito dos conflitos com o poder público e da luta dos assentamentos irregulares. Apesar da literatura apresentar dois tipos de ZEIS, sendo a primeira atrelada a regularização de áreas já ocupadas pela população de baixa renda e a segunda focando nas ZEIS de vazios que correspondem aos terrenos e imóveis subutilizados ou não-utilizados. A pesquisa em questão se atém a ZEIS do tipo 1 que corresponde as características do recorte territorial estudado, a ZEIS Sítio do Berardo.

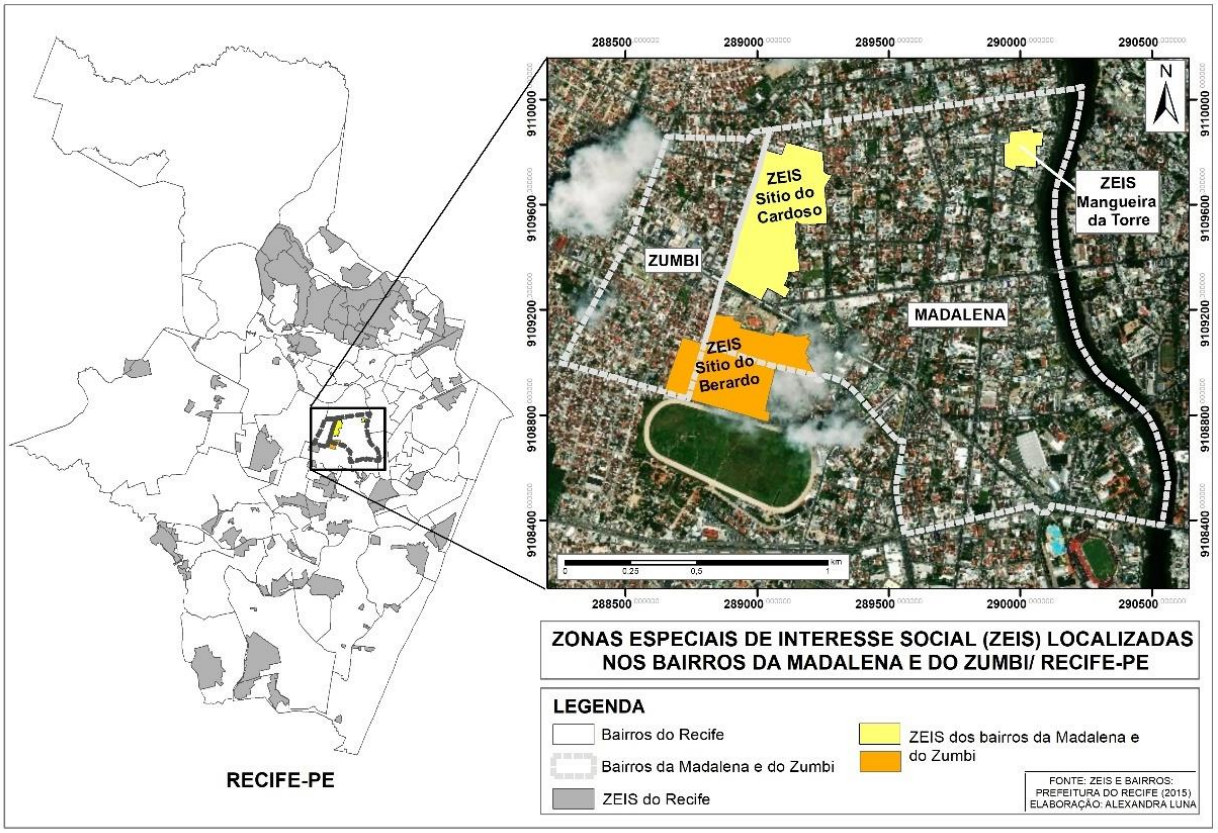
Diante de toda essa problemática, são muitos os critérios e ações para a regularização de uma ZEIS. Os desafios são inúmeros e se iniciam na participação social, uma vez que se

tratam de áreas predominantemente destinadas a habitação de interesse social que requer a participação da sociedade civil e de medidas objetivas que cumpram sua função social. Desse modo, a população deve ter envolvimento direto durante todo o processo, buscando articular os diferentes atores sociais envolvidos tanto por parte do poder público como da população.

Do ponto de vista do poder público, isso envolve principalmente os técnicos dos setores de habitação e do desenvolvimento urbano. No caso da sociedade civil, são os representantes dos movimentos sociais, associações, cooperativas que atuam sem fins lucrativos, construtoras envolvidas com Habitação de Interesse Social – HIS e por fim, exercendo um papel fundamental na formulação do pensamento crítico, estão as universidades. Alguns levantamentos básicos também devem ser considerados no processo de regulamentação de uma ZEIS. Entre os documentos importantes estão o Plano Diretor da cidade, a Legislação de uso e ocupação do solo, a Legislação edilícia e de parcelamento do solo e o Plano Local de Habitação de Interesse Social. Não há nada que obrigue a vinculação das ZEIS ao Plano Diretor, mas vale salientar que essa inclusão ressalta ainda mais o seu caráter participativo.

Conforme retrata a figura 75, a cidade do Recife possui atualmente 68 (sessenta e oito) ZEIS e conforme já mencionado, 3 (três) delas estão inseridas nos bairros da Madalena e Zumbi. As ZEIS Mangueira da Torre e Sítio do Cardoso que estão integralmente introduzidas no bairro da Madalena, e a ZEIS Sítio do Berardo que está dividida entre o bairro da Madalena, Zumbi e Prado. A ZEIS Mangueira da Torre está situada bem próxima a Av. Beira Rio, uma importante área de valorização do mercado imobiliário com intenso processo de verticalização. As ZEIS Sítio do Berardo e Sítio do Cardoso ficam as margens da Av. Caxangá, importante via de comércio, serviços e transportes.

Figura 75 - Mapa de localização das ZEIS do Recife



Fonte: ZEIS e bairros, Prefeitura do Recife (2015). Elaboração: Alexandra Luna.

A figura 75 também revela a ligação que a ZEIS Sítio do Berardo promove entre os bairros da Madalena e Zumbi abrangendo partes dos dois. Essa é uma das razões pela qual dá-se maior atenção a essa ZEIS. Além disso, o tamanho do território e a densidade populacional atrelado ao curto tempo de desenvolvimento da pesquisa também foram fatores que influenciaram na escolha por uma das três ZEIS, sem descartar a importância das demais áreas para esse estudo e a possibilidade de aprofundamento em pesquisas futuras.

A tabela 10 a seguir representa alguns dados aproximados a respeito desses recortes. Observa-se que área correspondente a ZEIS Mangueira da Torre é bem menor se comparada as outras ZEIS inseridas na área de estudo. Percebe-se também que há um número maior de habitantes no Sítio do Cardoso, que pode ser justificado pela configuração das estreitas ruas e a presença de muitos becos, fazendo com que o número de domicílios nesse espaço também seja mais elevado.

Tabela 10 - Dados socioeconômicos das ZEIS Mangueira da Torre, Sítio do Cardoso e Sítio do Berardo

ZEIS	Área territorial (há)	Área territorial %	População residente	Domicílios permanentes
Mangueira da Torre	1,70	0,04	1.325	460
Sítio do Cardoso	13,50	0,32	5.631	1.855
Sítio do Berardo	14,57	0,35	4.936	1.605

Fonte: Setores censitários IBGE, 2010.

Avaliando o cenário socioeconômico, a realidade dessas ZEIS é bem semelhante. Algumas características também são comuns a outras áreas pobres da cidade do Recife, por exemplo, a constante presença de moradias mistas, que além de servirem como habitação, possuem também a função comercial, ainda que seja de pequeno porte e abasteça a população local. Além disso, a ocupação irregular de terrenos por meio da autoconstrução, há muito tempo vem sendo uma alternativa de moradia para a população de baixa renda no Recife, que na verdade representa a maior parte.

Estando em áreas consideradas privilegiadas da cidade, essas ZEIS desempenham um papel muito importante, principalmente por acabarem impedindo o avanço do mercado imobiliário. Além disso, as práticas comuns a vida de bairro parecem ocorrer de forma mais intensa nesses recortes, assim como a articulação entre os moradores. É possível que isso se deva ao fato de as próprias moradias conjugadas facilitarem as relações, ou até mesmo por ser uma parcela da população que por não dispor de tantas formas de lazer, acabam ocupando de forma mais efetiva os espaços públicos disponíveis.

No contexto desse trabalho, as ZEIS Sítio do Berardo e Sítio do Cardoso possuem um papel muito importante, pois, além de fazerem parte dos bairros estudados, elas possuem um histórico que as ligam de alguma forma, seja por meio da Fábrica de Estopas que empregava moradores dos dois lados, como também pelos conflitos e trocas que se desenvolveram ao longo dos anos. Obviamente essa questão geraria conteúdo para muitos outros estudos, mas além das limitações que o tempo impõe, analisar o Sítio do Cardoso é um processo muito complexo. Trata-se de um recorte territorial onde o adensamento populacional é grande se comparado ao tamanho territorial, além do número de domicílios e a própria distribuição das ruas que possuem traçados muito irregulares e a presença de muitos becos, devido ao seu crescimento espontâneo.

Por essa razão e pelo fato da ZEIS Sítio do Berardo integrar os bairros de Zumbi e Madalena simultaneamente, compreendeu-se que o conteúdo analisado nessa ZEIS traria mais contribuições a proposta dessa pesquisa. Nessas circunstâncias, os resultados apresentam de forma mais explícita, informações a respeito do Sítio do Berardo, sem desconsiderar a possibilidade de estudos futuros envolvendo também as ZEIS Mangueira da Torre e Sítio do Cardoso.

4.4 O cotidiano e os modos de vida

A análise do cotidiano atrelada as diferentes ordenações do tempo permitem a percepção de pequenas e grandes mudanças no espaço vivido. Tais alterações podem ser observadas não só através do conteúdo das relações como também na paisagem urbana. Por isso, analisar as formas da cidade e como elas interferem no cotidiano urbano é um caminho importante na compreensão da ressignificação da vida de bairro.

A (re)produção socioespacial e as implicações na ressignificação da vida de bairro em Zumbi e Madalena, apontam para uma realidade que tem evidenciado casa vez mais as permanências e transformações na cidade do Recife. As mudanças que a vida na metrópole impõe à cidade são capazes de modificar muitas práticas e ainda que algumas persistam, são cada vez menos perceptíveis. Acredita-se ainda que essas características não estão restritas a cidade do Recife, ao contrário disso, possivelmente tais mudanças são caracerísticas das grandes cidades brasileiras, sobretudo aquelas que figuram nessa condição de metrópole.

Ao realizar uma breve análise histórica das cidades, Arrais (2017) destaca a cidade pelo viés do cotidiano, descrevendo a relação das formas da cidade com os modos de vida e ocupação dos espaços. Isso consiste em dizer que as formas da cidade influenciavam na organização da sociedade. Um exemplo disso eram as muralhas que cercavam a cidade fechada da Idade Média, limitando a entrada e a saída das pessoas e consequentemente promovendo a circulação e o encontro em áreas internas.

No caso da cidade do Recife, a organização do tempo e do espaço estiveram por muitos anos submetidos ao funcionamento das fábricas. Se tratando dos bairros de Zumbi e Madalena, havia grande atuação do Textifício Santa Maria. Por essa razão, é comum ouvir relatos dos moradores mais antigos, sobre como os apitos da Fábrica popularmente chamada de Fábrica de Estopas do Zumbi ordenava os horários do acordar, dormir e até mesmo das refeições. O som da fábrica maestrava as relações, os hábitos e as experiências não só daqueles dos trabalhadores, mas também dos moradores do entorno.

O processo de modernização das cidades criou modelos que também podem ser identificados por suas formas. As ruas de barro pisado se transformaram em largas avenidas, as casas deram lugar aos edifícios evidenciando um intenso processo de verticalização, os mercadinhos de bairro foram substituídos por grandes redes de supermercados, entre outras características. Mas, assim como toda transformação urbana, esses processos não acontecem de forma homogênea. Tais alterações dependem diretamente de diversos fatores que consideram a localização, as leis urbanas, o poder aquisitivo, entre outros.

Muitas dessas transformações podem ser observadas nos bairros de Madalena e Zumbi, mas, ao aprofundar os estudos também é possível observar certas permanências. Ambos apresentam realidades socioeconômicas muito distintas, evidenciando assim características peculiares a determinados fragmentos dentro desses bairros. Por isso, embora a Madalena retrate áreas onde estão presentes muitos edifícios e o poder aquisitivo da população é evidentemente mais elevado, também se identificam muitas áreas onde há carência de infraestrutura. O mesmo ocorre em Zumbi, ainda que se trate de um bairro de menor dimensões territoriais e menos atrativo ao mercado imobiliário.

Nesse contexto, o reconhecimento das formas de uso e a ocupação do solo são muito significativos na investigação da cidade e seus bairros. Por isso, a construção de mapas permitiu a leitura mais aprofundada da Madalena e do Zumbi, no que diz respeito à disposição e as formas de moradia, os tipos de comércio, os serviços, os equipamentos públicos, áreas verdes, importante vias de trânsito, entre outros. Esse estudo permitiu ainda durante o mapeamento, o reconhecimento de muitas ruas e a constatação de muitos traços de “espontaneidade” no processo de ocupação de algumas áreas, seja pelas ruas tortuosas e estreitas, ou mesmo pela presença marcante de muitos becos e ruas sem saída.

Esses processos são ainda mais evidentes quando analisados a partir da fala dos moradores, por essa a razão a pesquisa se inclinou no esforço de trazer a percepção deles como um dos elementos fundamentais na elucidação das inquietações que estimularam a produção dessa pesquisa. Por isso, esse capítulo apresenta alguns relatos orais acerca dos bairros de Zumbi e Madalena, bem como a análise do cotidiano e dos modos de vida desses moradores. Realizou-se ainda análise da paisagem e pesquisas de campo com o intuído de capturar imagens e situações que permitissem uma melhor percepção do objeto empírico atrelado as reflexões teóricas.

Pensar a cidade a partir do cotidiano é considerar os aspectos atenuantes à dimensão da reprodução da vida. Se por um lado a percepção geral da cidade exerce influência nas formas de apropriação dos espaços, por outro, as características particulares de cada

indivíduo, bem como as suas experiências, revelam particularidades na construção das relações com os fragmentos da cidade.

Diante dessas peculiaridades referentes aos aspectos econômicos e sociais, é comum que a forma de se relacionar entre os vizinhos e os laços identitários com o lugar em que vivem também apresentem variações quanto ao desenvolvimento. Isso consiste em dizer que em áreas mais populares e relativamente antigas no contexto da cidade, é comum que os moradores ainda mantenham certos hábitos antigos, tais como: sentar-se na calçada, brincar na rua, o uso da caderneta do fiado nos pequenos comércios de bairro, entre outros. Não que isso seja uma regra, mas tornaram-se práticas comuns a áreas onde há a construção de relacionamentos de confiança. Afinal, em muitos casos a única garantia de pagamento na venda a prazo que o vendedor possuía era a confiança na palavra do comprador. Isso não quer dizer que bairros populares como Zumbi não estejam passando pelas transformações do cotidiano ensejadas pelas novas marcas do período atual, como o uso recorrente de redes sociais e a perda crescente das relações mais pessoais entre vizinhos.

Cabe destacar que nesse processo de desenvolvimento das relações, as formas da cidade são capazes de influenciar no conteúdo dessas relações. Um exemplo disso é como o poder público faz uso de determinados mecanismos de reurbanização com o intuito de refuncionalizar e atribuir novos significados a determinados espaços. Tratando-se da cidade moderna, a busca pela circulação rápida tanto das pessoas quanto das mercadorias está intrínseca em seu crescimento. Tal fato não garante a fluidez dos fluxos, mas, ainda assim é capaz de promover mudanças no cotidiano tal como afirma Arrais (2-17, p.112): “Parece ponto de consenso que o cotidiano é afetado pelas transformações de ordem econômica.”

Diante disso, a análise das condições de vida sob a ótica da habitação e do trabalho é fundamental na compreensão do cotidiano nas cidades. Não é fruto do acaso que as famílias mais pobres ocupem as áreas periféricas[12] da cidade, enquanto as áreas mais privilegiadas são destinadas aqueles que possuem maior poder aquisitivo. Se tratando dos bairros da Madalena e Zumbi no que diz respeito a habitação, desde o processo de ocupação as condições eram muito precárias, pois, conforme já explanado essas áreas faziam parte do Engenho Madalena que era integrado por sítios. Na maioria dos casos essas áreas não foram repartidas respeitando um padrão urbanístico e o reflexo dessa ausência de planejamento pode ser observado nos dias de hoje através da forma espontânea apresentada pelas ruas,

[12] Entenda-se aqui áreas periféricas não propriamente em relação à localização supostamente nas bordas da cidade, mas sim carente em infraestrutura urbana e com baixo padrão de habitabilidade.

além da presença de becos e muitas em muitos casos a inexistência das calçadas (Figuras 76 e 77) que são invadidas pelos moradores em projetos próprios de expansão de suas casas.

Figura 76 – Ausência de calçadas no Sítio do Berardo, Madalena

Fonte: Googlemaps, fev/2020. Acesso em set/2020

Figura 77 – Ausência de calçadas no Sítio do Berardo, Madalena

Fonte: Googlemaps, fev/2020. Acesso em set/2020

A ausência de calçadas torna-se um grande problema, ainda mais quando se tratam de vias com um relativo fluxo de carros como é o caso da rua Caratinga que liga a Av. Caxangá a Rua Gomes Taborda e por isso acaba sendo uma alternativa de retorno para os motoristas. A Rua Antônio de Sá na Madalena é a principal rua do Sítio de Berardo, e por isso além do fluxo de carros há também uma atividade comercial de bairro mais intensa, fazendo com que os moradores optem as margens do canal para se locomoverem. O Entrevistado A relata que um dia já chegou a cair no canal e foi socorrido por moradores e pessoas que passavam pelo local, mas que não gostaria de se alongar nesse assunto.

Além disso, a mudança nas formas dos bairros e das próprias habitações também são percebidas pelos moradores, é o que mostra a seguinte fala: “As reformas das casas antigas estão sendo muito comum, tem muitos becos com casa com primeiro e segundo andar, hoje tem lojas, muitos apartamentos em volta da comunidade, encontra poucas casas em estilo antigo como a minha” (Entrevistada D). Esse relato reforça o que já foi aqui explanado a respeito da crescendo construção de mais pavimentos por parte dos moradores.

Um fator também presente na fala dos moradores entrevistados se refere a verticalização. Embora acreditem ser benéfico para o bairro, a uma questão que diferencia os relatos. Veja o que diz um morador de uma área nobre na Madalena: “Acho este tipo de expansão benéfica para o bairro, contando que se respeite o meio ambiente e o impacto destas construções. Que elas sigam corretamente as diretrizes e normas de construção”

(Entrevistado E). Por outro lado, outra moradora também da Madalena, mas em parte inserida no Sítio do Berardo relata:

> Acho positivo porque valoriza a comunidade, mas em outro lado perde porque as casas que tem uma relação maior de comunidade, amizade de vizinhança mesmo não vai mais existir, e outro lado também as casas, o aluguel aumenta muito com esta valorização dos imóveis ficando difícil o morador antigo pagar (Entrevistada D).

Esses relatos refletem de certo modo a realidade dos moradores da comunidade do Sítio do Berardo. Há uma preocupação não só com a valorização do solo que leva ao aumento dos aluguéis, mas também com a perda das relações de vizinhança, que não por coincidência parecem ser mais comuns nesses espaços mais carentes. Essa é possivelmente uma percepção que se repete em outros fragmentos da cidade do Recife que passam por esse processo.

Outro aspecto capaz de revelar características da sociabilidade é o comércio de pequeno e médio porte a exemplo dos mercadinhos, padarias, bombonieres, mercearias, quitandas, entre outros. É comum que os proprietários também sejam moradores do bairro, para facilitar o acesso ao local de trabalho ou até mesmo por aproveitar o espaço da sua residência para implantação de um pequeno comércio, desenvolvendo assim uma relação mais direta com os seus clientes por serem seus vizinhos. Essa prática, tal como expressada por Lefebvre (2000) como característica de um espaço socialmente produzido, atribui a esse mesmo espaço o sentido de sustento desenvolvido por meio das relações comerciais locais, capazes de estreitar ainda mais os relacionamentos já desenvolvidos no contexto do bairro e da vizinhança.

Tal noção corrobora também com as ideias de Mayol (1996) ao tratar tais práticas que facilitam o cotidiano como algo que não pode ser contabilizado. A exemplo disso, está a antiga prática do uso da “caderneta do fiado” que consiste na venda estabelecida por um laço de confiança entre o vendedor e o comprador, afinal, não há nada que legalmente assegure o pagamento além da própria palavra. Essa prática é reforçada na seguinte fala: “olha o fiado a gente ainda faz pro cliente antigo que a gente já conhece, né? Mas hoje em dia o povo usa mais o cartão de crédito e aqui a gente tem essa maquininha, fica até melhor.” (entrevistada I). De outro modo, o proprietário de um comércio um pouco maior relata: “Olha, aqui já não temos mais essa prática. Preferimos o uso do cartão, pois tivemos muitas situações de inadimplência e por isso evitamos” (Entrevistado J).

Mesmo que atualmente a disseminação do uso da máquina de cartão de crédito tenha sido intensificada, alguns estabelecimentos de bairro ainda recorrem ao método informal aos clientes que eles julgam serem de confiança. Outros, porém, talvez também pelo maior porte

do comércio, já não consigam administrar essa questão e preferem padronizar o uso do cartão. O modelo de varejo, por exemplo, também foi uma realidade por muitos anos, tal como relata Arrais “Em qualquer que fosse, o ambiente era propício ao pequeno varejo e a venda a granel. De um modo ou de outro, as relações comerciais figuram por muito tempo como algo essencial para a vida diária nas cidades. Essa também era uma atividade comum nos bairros de Zumbi e Madalena e que ainda ocorrem nos Mercados Públicos, mas que em campo foram pouco identificadas nos mercadinhos de bairro.

Além disso, a chegada e a ampliação de muitas redes comerciais de grande porte como os exemplos das figuras 78 e 79, principalmente na Madalena trouxeram consigo algumas alterações no espaço urbano, tanto no que diz respeito as formas, como nos aspectos da sociabilidade, conforme relatado a seguir:

> Houve um grande crescimento imobiliário na Madalena, também com a chegada de empresas de fast food, como: Habbibs, Mcdonalds, entre outros, grandes supermercados como: Extra, Bompreço, que pela pouca distância proporcionaram maior comodidade, porém, houve também um aumento de insegurança, pois, o fluxo de 'pessoas' mal intencionadas aumentou através de pequenos e grandes furtos, dentre outros, não houve por parte do poder público a preocupação com a manutenção da segurança dos moradores da Madalena, mas, no geral não deixa de ser um bairro bom de morar (Entrevistado E).

Figura 78 – MC Donald’s localizada no bairro da Madalena

Fonte: Googlemaps, fev,2020. Acesso em jun/2020.

Figura 79 – Supermercado Bompreço localizado no bairro da Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti, set, 2020.

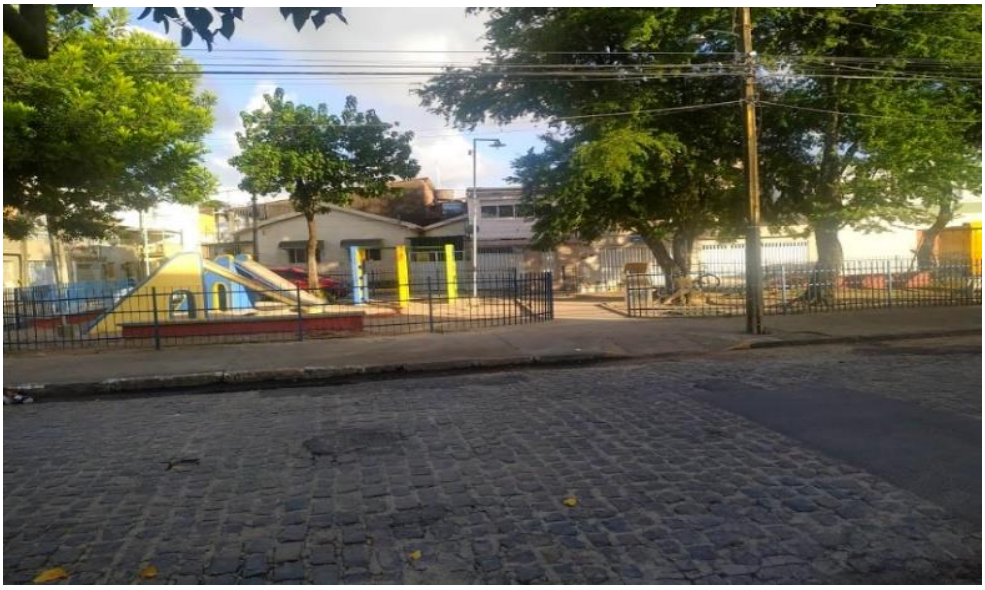
Esses e outros aspectos demonstram a relevância do estudo do cotidiano no contexto de uma pesquisa que toma como base o urbano. “A análise do cotidiano ajuda a compreender as tensões da vida. O ritmo frenético da cidade é traduzido em um repertório de conflitos individuais e coletivos. O encontro nem sempre é festa. (ARRAIS, 2017, p.134). Assim, o espaço público aparece como uma importante dimensão na criação e manutenção da vida de bairro, tanto por se tornarem pontos de encontros, como também permitirem identificar distintas formas de apropriação por diferentes grupos. Por isso, tais espaços podem revelar múltiplos sujeitos e percepções na produção e reprodução do espaço urbano.

A priori, Gomes (2012) sinaliza que no campo teórico há dualidade na forma de conceber o conceito de espaço público. Se por um lado há quem considere as ruas, praças, equipamentos, etc., por outro há quem qualifique esse tipo de espaço como algo abstrato, imaterial e passível de discussão política. Dificilmente essas duas linhas de raciocínio se integram em um mesmo contexto, mas para o referido autor a ciência geográfica é capaz de possibilitar o diálogo entre essas duas esferas considerando a dimensão física e abstrata.

No caso do bairro de Zumbi, a carência de infraestrutura fez com que os moradores atribuíssem a única praça do bairro, a Praça Esperança (figura 80) diferentes formas de uso. O estudo de campo levou a percepção de que diferentes tipos de público frequentam a praça em variadas horas do dia. Por exemplo, durante a manhã é comum ver a presença de idosos, enquanto a tarde a presença das crianças se torna mais intensa. No início da noite os idosos voltam a ocupar a praça para conversar e jogar jogos de tabuleiro, enquanto no final da noite a presença mais observada é a dos jovens. Essa não é uma regra geral e não quer dizer que esses públicos não se misturem ao longo do dia, mas são as atividades predominantemente observadas. Já um morador da Madalena ao se referir aos espaços públicos descreve:

> Eu mesmo não utilizo nenhum 'serviço' destinado ao lazer próximos ao bairro, até porque não é de meu conhecimento a existência destes espaços. Acho que a Madalena necessita de áreas de lazer, porém, como falei anteriormente, investindo na segurança, pois, lazer e o sentimento de segurança precisam caminhar juntos (Entrevistado E).

Figura 80 – Praça Esperança no bairro do Zumbi



Fonte: Thalita Cavalcanti, out, 2019.

Diante disso, tais investigações levam a percepção da precarização da sociabilidade urbana nesse espaço em virtude das novas condições que marcam o cotidiano da vida urbana. Na ausência de espaços públicos de qualidade, a tendência é que os moradores façam ainda mais o uso de recursos tecnológicos e espaços fechados para a prática do lazer. No caso da população mais carente, esses recursos muitas vezes não estão disponíveis, privando muitas pessoas de qualquer tipo de lazer. Em contrapartida, outras práticas surgem a partir do esforço de propiciar algumas atividades de lazer. Algumas dessas experiências são de iniciativa da liderança comunitária, enquanto outras partem dos próprios moradores. Tal como mostra a figura 81 em que foi organizada uma feira livre de artesanato na Praça Esperança.

Figura 81 – Feira do empreendedor realizada na Praça Esperança, Zumbi

Fonte: Angelo Felipe, dez/2019.

O espaço público é antes de tudo um espaço de ação política, mas ao analisar a concepção desses espaços na cidade é preciso considerar também a percepção dos sujeitos, a questão simbólica e a reprodução de diferentes ideias por distintos grupos. Assim, a Geografia desempenha um papel fundamental na busca por esclarecimentos, tanto no que diz respeito às questões filosóficas, quanto a concretude desses espaços. Ainda que essas duas linhas de raciocínio dificilmente figurem em discursos comuns, uma análise geográfica não só estimula o diálogo como considera a ligação do estudo das formas, atrelado as práticas nele desenvolvidas. Afinal, tal como afirma Santos (2003), o espaço é formado por um sistema de ações e objetos indissociáveis. Ou seja, a disposição dos espaços não é realizada de forma indiscriminada e aleatória, mas fundamentalmente ligada a uma lógica.

Sob essa perspectiva, alguns espaços são formalmente constituídos como públicos, são eles: a rua, a praça e o parque. Embora seja mais comum referir-se aos espaços formais como objetos de estudo urbano, não foram descartados ou tratados como impróprios as formas de apropriação alternativas, considerando que nem sempre se trata de efeitos negativos. Na verdade, são essas formas de apropriação que estão para além dos modelos impostos pelos planejadores, que se revelam, muitas vezes, as reais necessidades e desejos dos grupos que a utilizam. Por isso, embora a análise das construções formais caracterizadas como equipamentos públicos seja imprescindível, a análise do conjunto empírico fornece

também importantes elementos não só para a compreensão da realidade, mas, permitem também um melhor diagnóstico acerca de futuros projetos de infraestrutura.

Nesse caso, convêm falar a respeito do uso das margens do canal do Sítio do Berardo pelos moradores (Figura 82). Ao longo dos anos o canal tornou-se ponto de encontro e isso fica muito nítido ao caminhar por esse espaço todos os dias às 18h, por exemplo. Embora as margens do canal sejam frequentadas por todo tipo de público, também se observou que mesmo de forma limitada, há uma clara territorialização de certas áreas. Em uma conversa informal com um morador do Sítio do Berardo que preferiu não conceder entrevista na íntegra, mas concordou em dar esse depoimento, ele relata que as margens do canal não só são frequentadas, como as pontes que ligam as duas ruas paralelas ao canal servem de limite para diferentes perfis de pessoas: “Ali sempre foi ponto de encontro dos moradores, independente do que fazem ali, sempre foi determinado pelas pontes.” (Depoimento cedido informalmente em conversa com morador). Ao falar “independente do que fazem ali”, o morador passa a ideia de que atividades ilícitas também são praticadas. Nesse sentido, outra moradora corrobora: “o canal infelizmente não é usado com espaço de convivência saudável e sim para as drogas” (Entrevistada D).

Figura 82: Uso das margens do canal do Sítio do Berardo para o encontro em diferentes trechos

Fonte: Googlemaps, fev,2020. Acesso em jun/2020.

Capaz de revelar diferentes características do cotidiano, a rua, sendo a designadora do traçado que ordena as formas, é capaz de evidenciar, em muitos casos, os aspectos dos processos de formação, ocupação e crescimento da cidade. Tal fato pode ser observado tanto no ordenamento dos bairros mais nobres em que as ruas possuem um desenho mais padronizado, quanto nos bairros mais populares em que se apresentam de forma mais tortuosa e espontânea. Por isso, é muito comum em áreas mais carentes da cidade, a formação de ruas estreitas, becos e vielas.

A rua também pode se tornar uma extensão das casas, seja por não respeitarem os limites das calçadas avançando nas construções, ou mesmo no sentido mais antropológico em que dão lugar ao encontro, as festas, as brincadeiras infantis, entre outros. Algumas ruas também podem se tornar meras vias de transportes ou passagem rápida de pedestres, sobretudo em áreas comerciais ou muito verticalizadas onde os altos muros dos condomínios e edifícios (Figuras 83 e 84) sugerem a rua como um elemento de passagem e não de permanência.

Figura 83 – Muro de condomínio na Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti, set, 2020.

Figura 84 – Muro de condomínio na Madalena

Fonte: Thalita Cavalcanti, set, 2020.

Sob essa perspectiva, Lefebvre (1990) refuta a ideia da rua como o lugar do encontro e se esses ocorrem são predominantemente superficiais. Para ele a rua é a vitrine, o lugar da mercadoria atribuída como espetáculo, onde o valor de troca sobrepõe o valor de uso. A organização da cidade do Recife revela que nas ruas onde há um intenso fluxo de transportes a prioridade é dos automóveis, enquanto o indivíduo perde cada vez mais espaço, “se a rua pôde ter esse sentido de encontro, ela o perdeu e não pôde senão perdê-lo, convertendo-se numa redução indispensável a passagem solitária, cindindo-se em lugar de passagem de pedestres (encurralados) e de automóveis (privilegiados)” (LEFEBVRE, 1990, p. 31).

Mas, se a rua na leitura da vida moderna está muito mais ligada a um espaço de circulação, a praça seria o lugar da permanência, onde o encontro e as práticas sociais são

intencionais. A ausência de um espaço público dessa natureza pode não só privar os moradores de determinadas atividades, como também estimular o uso e a adaptação de outros espaços para fins de convivência e lazer. No caso da Madalena, conforme já apresentado, há alguns espaços públicos próximo as áreas mais valorizadas, mas que não atendem a todo o bairro, enquanto o bairro de Zumbi também é carente de equipamentos mais estruturados. Por isso, é comum que os moradores acabem se apropriando de forma mais efetiva da rua, sobretudo no Sítio do Berardo.

As figuras 85 e 86 ilustram uma feira de roupas que funciona periodicamente nas ruas do Sítio do Berardo, principalmente nas ruas principais paralelas ao canal. Dificilmente se nota iniciativas dessa natureza em áreas mais nobres da cidade do Recife, considerando que atividades desse tipo normalmente envolvem uma intensa participação dos moradores, tanto nas formas de empreender como no consumo dos produtos exposto na feira. Por isso não foram observadas exposições desse tipo nos bairros da Madalena e Zumbi fora dos limites que compreender o Sítio do Berardo.

Figura 85 – Feira da Sulanca no Sítio do Berardo

Fonte: Angelo Felipe, jun/2017.

Figura 86 – Feira da Sulanca no Sítio do Berardo

Fonte: Angelo Felipe, jun/2017.

Em muitas ocasiões a rua também é o lugar do encontro e da festa, no Sítio do Berardo estruturas são montadas para oferecerem entretenimento aos moradores, conforme a figura 87. Tais eventos são organizados pelos moradores e pelas lideranças comunitárias que junto aos representantes políticos buscam recursos para a realização desses eventos. Esse tipo de costume também é pouco observado em áreas mais nobres da cidade. No bairro da Madalena não há relatos desse tipo, na ótica dos moradores tais atividades podem até se manter, mas

em espaços públicos formais ou fechados: “o uso de algumas praças, mercados e espaços de lazer em geral se mantem, porém com muito trânsito e mais violência” (Entrevistada F).

Figura 87 – Palco instalado para festividade no Sítio do Berardo

Fonte: Angelo Felipe, mar/2018.

Um público específico que ao longo dos anos cultivou o hábito de utilizar a rua, são as crianças. É de conhecimento histórico a existência das brincadeiras infantis que possuem a rua como palco principal. Esse é um costume que tem se perdido em função de vários fatores, um deles é o crescimento populacional das cidades que normalmente vem acompanhado do aumento da violência e a disseminação do medo. As famílias já não se sentem seguras em permitir que suas crianças brinquem na rua. Além disso, o acesso aos recursos tecnológicos como o smartphone, o computador e mesmo a televisão, também têm contribuído para a permanência das crianças dentro de casa. Os serviços de streaming oferecem uma variedade de programação infantil que na década de 90, por exemplo, não existiam, limitando o expectador a consumir o que estava disponível na TV aberta. Sem acesso a esses recursos, consequentemente o público infantil tinha mais tempo ocioso que também era direcionado a essas brincadeiras.

Como alternativa a essas problemáticas, as famílias têm buscado espaços que possam oferecer mais segurança as crianças. Por isso, passam a frequentar mais os

shoppings centers e os parques fechados. Os condomínios fechados também oferecem esse atrativo como estratégia de venda, fazendo com que o valor do imóvel se torne mais alto devido a existência dos espaços infantis e dos playgrounds. Na contramão dessas práticas e com praças carentes de infraestrutura, o uso da rua é estimulado nas áreas populares. A figura 88 indica um projeto realizado no Sítio do Berardo por iniciativa da CCB – Social, com o intuito de estimular as crianças a brincarem na rua com segurança. O projeto promove o fechamento de algumas ruas durante os fins de semana para que sejam desenvolvidas atividades dessa natureza.

Figura 88 – Banner produzido para o Projeto Brincando na Rua no Sítio do Berardo

Fonte: Angelo Felipe, jan/2015.

Essa iniciativa também já foi implantada pela Prefeitura do Recife em outras áreas da cidade. O projeto intitulado “Lazer na rua” foi criado em outubro de 2013[13] contemplando 47 ruas espalhadas por todas as Regiões RPAs do Recife, visando resgatar o uso das ruas pela população para atividades de lazer. Todos os domingos e feriados o trânsito de veículos era interrompido nas vias que recebiam um kit da Secretaria de Turismo e Lazer com bola, rede de vôlei e outras alternativas de lazer para a vizinhança. Atualmente não foi verificado o

[13]Fonte: Prefeitura do Recife. Disponível em: http://www2.recife.pe.gov.br/servico/lazer-na-rua-0 Acesso: 15/08/2020.

funcionamento desse projeto e o site disponibilizado pela Prefeitura do Recife para que a população tenha acesso às informações, está desativado.

Ficou claro que muitas iniciativas que estimulam o uso da rua partem da iniciativa das representações comunitárias. Muitas benfeitorias que são trazidas para os bairros são provenientes da articulação dessas lideranças sociais que mobilizam a população na busca por melhorias. Ao questionar os moradores sobre a existência desse tipo de representação no bairro em que residem, as informações se contrapõem quando comparadas a visão daqueles que moram em áreas mais nobres e em áreas mais carentes.

Durante as entrevistas, apenas uma moradora da Madalena residente em área mais valorizada pelo mercado imobiliário, informou ter conhecimento de alguma liderança comunitária: “sei que existe porque tem uma comunidade aqui pertinho do Colégio Equipe e escuto algumas reuniões e eventos” (Entrevistada F). A comunidade a qual a moradora se refere é a ZEIS Mangueira da Torre, próxima a Av. Beira Rio. Ou seja, para além do que ela ouve por morar próxima à comunidade, não há nenhum tipo de envolvimento com essas lideranças.

Por outro lado, uma também moradora da Madalena em área inserida no Sítio do Berardo relata: “atuam realizando cursos de maquiagem, costura, informática, futebol, limpeza das ruas, mas infelizmente está muito ligado a política essas ações das lideranças.” Isso reflete a forma como essas organizações comunitárias estão mais interligadas e conseguem ter acesso, dialogando de forma mais efetiva com os moradores em áreas de maior vulnerabilidade social onde as políticas públicas e os recursos de infraestrutura têm menor alcance. Um outro morador da Madalena, também de uma área economicamente valorizada, é ainda mais pontual: “o poder público faz muitas benfeitorias, mas porque o prefeito mora aqui”.

Nesse contexto a CCB – Social exerce um papel fundamental não só para os moradores do Sítio do Berardo, mas também dos bairros adjacentes. A organização surgiu a partir da iniciativa de alguns moradores em uma atividade de lazer, proveniente do costume de realizar festas comemorativa na comunidade e que levou a realização de alguns trabalhos sociais, conforme o relato:

> A CCB - Social surge como um braço social do bloco de carnaval. O bloco Os Diskarados realizava eventos nas datas comemorativas, São João, Páscoa, Natal, Dia das Crianças, dos Pais e das mães. Há seis anos resolvemos alugar um espaço para fazer um trabalho social, com o fim do bloco o trabalho intensificou. Não somos uma Associação de bairro. Somos uma ONG e qualquer pessoal de qualquer lugar pode ser atendido, participar das nossas ações, programas e projetos (Entrevistado D, jun/2020).

A sede da ONG está situada no Sítio do Berardo, na área que compreende o bairro do Prado, tal como consta no relato a seguir, mas também a outros bairros do entorno.

> Localizada na zona oeste do Recife, a Casa da Comunidade do Berardo - CCB SOCIAL atua há cinco anos na Comunidade do Sítio do Berardo, bairro do Prado. Somos uma Organização Não-governamental atuante na defesa dos direitos sociais, na luta por melhores condições de vida e no enfrentamento das desigualdades, promovendo ações e projetos que possam empoderar o cidadão contribuindo para mudança positiva sob os mais diversos aspectos (Entrevistado D, jun/2020).

A CCB – Social se tornou referência no desenvolvimento de atividades protagonizadas por crianças e adolescentes, mas a organização atende ao público de todas as idades. Atualmente alguns projetos são desenvolvidos abrangendo diferentes esferas sociais. O *Projeto Don'arte* oferece cursos de artesanato para donas de casa. O *Projeto Rede* acontece engloba qualificação profissional e empregabilidade, *O Projeto Involve* oferece curso de informática e atividades socio pedagógicas, atendendo atualmente a 40 adolescentes da comunidade do Berardo. O *Projeto Livro na Mão* incentiva à leitura, distribuição de livros e a contação de histórias. O *Projeto Justiça Cidadã* fornece assessoria e consultoria jurídica aos moradores.

O *Projeto Meu Bairro Meu Lugar* desenvolve ações ambientais e de cidadania, contribuindo para a revitalização de muitas áreas da comunidade com participação direta dos moradores, por exemplo, na plantação de árvores. O *Projeto Vivendo a Boa Idade* trabalha o envelhecimento saudável por meio de atividades diversas e o *Projeto Acolher* fornece assistência emergencial às famílias em situação de vulnerabilidade social. A organização sem fins lucrativos que se mantém a partir de doações e conta com a contribuição dos moradores em projetos que estimulam, por exemplo, a transferência do troco (figura 89) depositado nos estabelecimentos comerciais do Sítio do Berardo, mas também dos bairros do entorno.

Figura 89 – Urna produzida para receber contribuições para a festividade das crianças no Sítio do Berardo

Fonte: Angelo Felipe, out/2018.

Diante disso, percebe-se que os hábitos que um dia também eram comuns ao bairro da Madalena, permanecem predominantemente nas áreas mais populares. Muito disso se deve ao estímulo das representações sociais e comunitárias e dos moradores mais antigos. No contexto de um bairro popular, algumas práticas ainda permanecem em Zumbi em função do estilo de vida mais pacato dos moradores ou mesmo pela pouca intensidade do processo de verticalização, capaz de promover muitas mudanças nesse sentido. No entanto, se muitos hábitos e costumes estão ligados aos moradores mais antigos, a tendência é que a falta de manutenção dos mesmos, atrelado ao pouco interesse das novas gerações, dissipem essas práticas ao longo dos anos.

Em contrapartida, a comunidade do Sítio do Berardo revela traços identitários mais evidentes com o lugar, além de manter viva certas práticas. Por isso, se muitos hábitos ainda se mantém, isso muito se deve também as ações desenvolvidas por iniciativa dessa comunidade, que por abranger ambos os bairros, acaba estimulando muitos desses costumes entre os moradores desses espaços, ainda que muitos olhem para a comunidade de forma pejorativa e preconceituosa por se tratar de uma área mais pobre. Normalmente esse olhar

parte de moradores que não residem na área que compreende o canal do Berardo, já que esse é um importante símbolo de representação.

Diante dos aspectos apresentados, os apontamentos indicam variações acerca do bairro e do não-bairro. No caso da Madalena a realidade social é revelada de forma bastante heterogênea, variando entre áreas muito pobres e outras onde o preço do solo é um dos mais valorizados da cidade do Recife. Sob essa mesma ótica, as formas de apropriação e uso dos espaços também são representadas por diferentes práticas. Determinados espaços preservam aquilo que há se mais tradicional tanto nas formas quanto nos hábitos, enquanto em outros a memória, as histórias e os velhos costumes adquiridos ao longo dos anos se dissipam ou se ressignificam em face da vida moderna.

Assim o recorte socioespacial da Madalena revela aspectos do novo e do velho, do tradicional e do moderno, mas até que pode denominar-se como bairro no sentido sociológico? Sobretudo na sociedade atual que é marcada por práticas cada vez mais individualistas e o consequentemente esvaziamento das relações sociais. A convivência e a relação com o vizinho são modificadas e quase sempre desprendidas da ideia de identificação e confiança no outro, passando a ser uma mera aproximação espacial. Nesse sentido, sobretudo nas áreas nobres da Madalena, pouco se mantém dessa perspectiva sociológica do bairro

Por outro lado, o bairro de Zumbi com caráter predominantemente popular, não possui as mesmas características do bairro da Madalena. Apesar da privilegiada localização, o bairro não desperta o interesse do mercado imobiliário, tão pouco foi contemplado por grandes obras de infraestrutura que pudessem atrair esse setor. Mas ainda assim, a ausência do processo de verticalização acentuado não isenta o bairro da diluição dos velhos costumes.

Como em outros tantos bairros do Recife, a violência, o acesso aos bens de consumo e o avanço da tecnologia são alguns dos aspectos que têm modificado a dinâmica da vida de bairro. Apesar disso, práticas cotidianas e gestos corriqueiros ainda se mantem no dia a dia do bairro. Hábitos como festividades em datas comemorativas, brincadeiras na rua, feiras populares, entre outros, são aspectos que ainda podem ser vistos em Zumbi, ainda que tenha se reduzido ao longo dos anos. Diante disso, o bairro de Zumbi com seu pequeno recorte territorial, possui uma identidade bem definida pelos moradores mais antigos, ainda que isso não venha se perpetuando para as gerações seguintes. Há ainda uma aparente homogeneidade social, mesmo que isso não o dispense de toda complexidade e estratificação do espaço urbano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações provenientes do crescimento da cidade do Recife e do modelo de vida moderno certamente têm promovido muitas alterações tanto no que diz respeito às formas de ocupação dos bairros da Madalena e Zumbi, como também no cotidiano e no conteúdo das relações de vizinhança. Hábitos e costumes antes comuns nesses dois fragmentos socioespaciais têm se dissipado e ressignificado a vida de bairro.

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou esclarecimentos a respeito do processo de formação dos bairros da Madalena e Zumbi, bem como as conexões existentes com a Comunidade do Sítio do Berardo. A análise desses bairros revelou que embora possuam um contexto histórico semelhante e estejam localizados lado a lado, há muitas particularidades em cada um.

A dinâmica urbana da Madalena expressa pelo intenso processo de verticalização foi intensificada refletindo no aquecimento do mercado imobiliário nos últimos anos que impulsionou o bairro a um dos preços do solo mais altos da cidade. O bairro de Zumbi como um pacato bairro popular, é sufocado pelos bairros valorizados do entorno e pouco conhecido para além dos seus moradores. Em meio a isso, a ZEIS Sítio do Berardo abrangendo partes dos dois bairros, possui uma participação popular efetiva dos moradores tanto no que se refere as decisões políticas como a manutenção dos costumes tradicionais a essa comunidade.

Ainda assim, é nítido que esses efeitos não têm atingido aos bairros da Madalena e Zumbi de forma padronizada e homogênea. Com a Lei dos 12 Bairros o processo de verticalização avançou de forma expressiva pelo bairro da Madalena, se estendendo pelos bairros da Torre, Prado e Ilha do Retiro. Esse processo não chegou a Zumbi na mesma proporção pela sua característica de bairro popular e pelo interesse do mercado imobiliário por outros bairros do entorno que são considerados mais valorizados.

Em contrapartida, a paisagem urbana de Zumbi também tem sido modificada. Em iniciativas realizadas pelos moradores, pavimentos são levantados acima de suas casas já construídas, na maioria das vezes sem a devida vistoria técnica. Além do casario antigo, capaz de preservar a memória desses bairros. Por outro lado, a crescente valorização do solo fez com que o preço dos imóveis aumentasse não apenas na Madalena, mas também no Zumbi e isso tem sido uma dificuldade para os moradores antigos que vivem de aluguel, uma vez que mesmo as áreas mais carentes registraram crescimento nesses valores.

O crescimento é perceptível do mesmo modo na área comercial, tendo em vista que os moradores também relatam que muitos estabelecimentos como supermercados e redes

de fast-food se instalaram, sobretudo no bairro da Madalena. O bairro de Zumbi ainda mantém predominantemente o pequeno comércio como mercearias, quitandas e mercadinhos onde os proprietários são, na maioria dos casos, moradores do bairro. Isso não quer dizer que não existam pequenos estabelecimentos comerciais dessa natureza, mas na essência do bairro essa é uma característica mais predominante em Zumbi e nas áreas mais carentes da Madalena.

No que se refere aos equipamentos públicos, há bastante limitação em ambos os bairros e os que existem estão próximos as áreas mais nobres. No bairro do Zumbi é atendido pelos equipamentos de educação e saúde do bairro da Madalena. Quanto aos espaços públicos de lazer, o bairro da Madalena dispõe de algumas praças e áreas para a prática de exercício físico. De outro modo, o bairro de Zumbi conta apenas com uma pequena praça pouco estruturada. Diante da ausência ou precariedade dos espaços de lazer, os moradores das áreas mais carentes recorrem a outros espaços para a realização do encontro e do lazer. Além do uso da rua, os moradores do Sítio do Berardo, por exemplo, fazem uso também das margens do canal. Diante disso, COMPAZ Miguel Arraes surge como uma alternativa de equipamento público que certamente trará mais qualidade de vida aos moradores do Zumbi e da Madalena.

As transformações em curso na Madalena, na conjuntura da verticalização e da implantação de equipamentos de comércio e serviços nesse bairro, acentuam ainda mais as desigualdades no contexto do bairro, tendo em vista que, a despeito de não terem sido analisadas neste estudo, não tem sido realizadas melhorias em termos urbanísticos nas comunidades pobres no interior do bairro e mesmo com as mudanças na Comunidade do Sítio do Berardo, é claramente destoante a desigualdade do conteúdo socioespacial dessa comunidade em relação ao das áreas verticalizadas da Madalena.

Neste sentido, pode-se dizer que as transformações socioespaciais que se verificam no contexto dos bairros aqui analisados traduzem em grande medida a realidade da metrópole recifense como um todo, marcada historicamente, como já mencionado, pelas enormes desigualdades socioespaciais, reunindo fragmentos nobres e muito pobres lado a lado, numa versão atualizada da mucambópolis mencionada por Josué de Castro, que teima em conviver com a suposta cidade rica, verticalizada e um pouco mais bem equipada em termos urbanísticos. Em ambas as realidades, vê-se que o recorte territorial pesquisado é revelador do que o Recife tem sido com muita força: uma cidade bastante desigual.

Além do conteúdo das formas concretas, a análise do espaço vivido foi investigada a partir de diferentes noções de bairro. Diante disso, constatou-se que o cotidiano é outra dimensão muito afetada em todo esse contexto de transformações. Além dos modos de uso,

as relações também são muito afetadas e por isso os tradicionais costumes vão se perdendo ao longo dos anos, dando lugar a outras práticas. As brincadeiras na rua, as reuniões na calçada, as festas comemorativas organizadas pelos moradores já não acontecem com tanta frequência. A crescente onda de violência ligada ao crescimento da cidade faz com que os familiares não se sintam à vontade para deixar suas crianças fazerem uso da rua para essas atividades.

Por sua vez, os recursos tecnológicos também são capazes de influenciar diretamente nessa mudança de hábitos. A variedade de conteúdo disponível para ser consumido na internet e nos serviços de streaming acaba atraindo mais a atenção não só das crianças, mas também dos demais perfis de pessoas. Atrelado a isso a oferta de locais fechados de lazer como parques e shoppings centers são uma opção mais tentadora para fugir da vulnerabilidade da rua. Nessa mesma linha de raciocínio os condomínios fechados investem em áreas de lazer e playgrounds valorizando seus imóveis e atraindo mais compradores.

Todo esse processo faz com que as pessoas se isolem cada vez mais por trás dos altos muros dos prédios e condomínios. Muros esses que sugerem a rua uma mera ideia de passagem. Em contrapartida, o uso da rua ainda é estimulado nas áreas mais carentes desses bairros, considerando as poucas alternativas de lazer dessa população mais pobre. Para isso a representação comunitária aparece exercendo um papel importante na organização e mobilização dos moradores e no incentivo a prática e manutenção desses costumes que estão se perdendo. Nesse contexto, a comunidade do Sítio do Berardo tendo uma identidade bem definida com o lugar, exerce um importante papel na manutenção desses hábitos. As atividades desenvolvidas nessa ZEIS abrangendo parte dos dois bairros, acaba promovendo uma ligação entre ambos os recortes, estimulado o relacionamento entre os moradores.

Não há como negar que a ressignificação desses bairros é uma constante e que sofre variações a partir de diferentes processos. Mas, se por um lado o crescimento econômico que nem sempre vem acompanhado de desenvolvimento, tem mobilizado intensas mudanças no mercado imobiliário e no comércio, promovendo alterações na dinâmica da cidade, mas sobretudo de alguns bairros que estão na mira do interesse dos agentes produtores dominantes. Por outro, certas permanências ainda são identificadas no cotidiano dos moradores. Nos bairros populares e nas áreas onde o processo de verticalização ainda não é tão intenso, o sentimento de identidade e comunidade, ainda sobrevivem de certo modo.

Diante desses novos aspectos da vida moderna e a transformação acelerada que permeiam os bairros da Madalena e Zumbi e a tendência de que essa problemática se intensifique cada vez mais, gerando incertezas sobre até quando e como irão se manter os aspectos da origem, da história e dos costumes cultivados nos bairros ao longo de tantos

anos. Ainda mais, considerando que essa não é uma realidade restrita aos referidos bairros, mas um processo que, possivelmente, é reproduzido em outros tantos bairros da cidade do Recife ou mesmo em outras cidades com características semelhantes.

Mesmo que o bairro de Zumbi apresente uma realidade social mais linear do ponto de vista econômico, diante de tantas mudanças não há como evitar o questionamento sobre como estará a vida de bairro nesse pequeno recorte com o decorrer dos anos e o quanto ainda será mantido nos aspectos da sociabilidade. O bairro da Madalena sendo marcado pela contradição pela estratificação social também desperta outra importante indagação, capaz de impulsionar pesquisas futuras. Afinal, considerando todas essas variáveis dentro de um mesmo bairro que revela diferentes aspectos sociais. Quantas Madalenas podem existir dentro do bairro da Madalena? Essa é certamente uma projeção a ser desenvolvida em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo Reynaldo Maia. **Valores do Recife.** O valor do solo na evolução da cidade. Recife: Luci Artes Gráficas Ltda, 2009.

ARRAIS, Tadeu Alencar. **Seis modos de ver a cidade**. Goiânia: Cânone Editorial, 2017.

BEZERRA, Angelo Felipe do Nascimento. **O Textifício Santa Maria e o contexto da ocupação do Sítio do Berardo.** 2009 Monografia (Licenciatura em História). Universidade Salgado de Oliveira, Recife, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)Produção do Espaço Urbano.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole:** a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos.** Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2003.

_____. **Um ensaio da Geografia Urbana: A Cidade do Recife.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2015.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e seus bairros.** 7 ed. Revisada. Recife: Ed. do autor, 2014.

CAVALCANTI, Helenilda; BRITTO Lyra; Maria Rejane; AVELINO, Emília (Orgs). **Mosaico Urbano do Recife:** Inclusão/exclusão socioambiental. Recife: Editora Massangana, 2008.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar.** Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (orgs.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011, p. 41-51.

COSTA, F. A. Pereira. **Arredores do Recife.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2015.

GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. **Recorte de Paisagens na cidade do Recife:** uma abordagem geográfica. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2007.

JACOBS, Jane**. Morte e vida de grandes cidades.** tradução Carlos S. Mendes Rosa; revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. – 3 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LACERDA, Norma; ARAÚJO, Luiz H. de S; ALVES, Paulo R. M.; CUNHA, Francisco. **Lei dos 12 bairros: contribuição para o debate sobre a produção do espaço urbano do Recife.** Recife: Cepe, 2018.

LEÃO BARROS, Sandra A. **Que Recorte Territorial Podemos Chamar de Bairro?: O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife.** En: Revista de Urbanismo, N°9, Santiago de Chile, publicación electrónica editada por el Departamento de Urbanismo, F.A.U. de la Universidad de Chile, enero de 2004, I.S.S.N. 0717-5051 Disponível em: https://web.uchile.cl/vignette/revistaurbanismo/CDA/urb_completa/0,1313,ISID%253D315%2526IDG%253D2%2526ACT%253D0%2526PRT%253D6651,00.html Acesso em 08/06/2019

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política.** Belo Horizonte: UFMG, 2008, 190p. (El espacio. In LEFEBVRE, Henri. Espacio y política: El derecho a la ciudad II. Barcelona: Península, 1976, 190p.).
_____. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.
_____. **A Revolução Urbana.** Tradução: Sergio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002

LIMA, Rosa Maria Cortês de. **A cidade autoconstruída**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

MARTINS, J.S. **A sociedade vista do abismo:** novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (Orgs.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 28. Ed. Petrópoles: Vozes, 2009.

MIRANDA, Lívia e Moraes, Demóstenes. **Ainda há lugar para o PREZEIS do Recife?** Disponível em <portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento =download...pdf > acesso em 15/01/20.

MIRANDA, Lívia; MORAES, Demóstenes. **O Plano de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social (Prezeis)**, in CARDOSO, Adauto L. (coord.). Habitação Social nas Metrópoles Brasileiras. Programa Habitare, FINEP, ANTAC. Porto Alegre, 2007, p. 414-435.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção.** 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.

_____. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica.** 6.ed. São Paulo: Ed. USP, 2004a.
Santos, Otávio Augusto Alves dos **A urdidura da fragmentação do espaço no Recife**. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **A Insurreição do uso.** In: MARTINS, José de Souza. Henri Lefebvre e o retorno à dialética. São Paulo: Hucitec. 1996.

_____. **Urbanização e Fragmentação: apontamentos para estudo do Bairro e da memória urbana**. In: IV Encontro Nacional de Geografia Urbana, 1999, Presidente Prudente. Anais do IV Encontro Nacional de Geografia Urbana. Presidente Prudente: UNESP, 1999.

_____. **Territórios do uso: cotidiano e modo de vida.** CIDADES. V. 1, 2004, p. 181-206.

_____. **De cidade à Metrópole.** Revista Geografares, n°9, p. 49-79, jul./dez., 2011.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Maria Ângela Almeida Souza; BITOUN, Jan. (Orgs**). Recife: transformações na ordem urbana.** 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

FONTES ORAIS:

Entrevistado A: Aposentado, 68 anos, morador do bairro do **Zumbi** há 40 anos. Depoimento concedido presencialmente, nov/2019.

Entrevistada B: Dona de casa, 51 anos, moradora do bairro do **Zumbi** há 24 anos. Depoimento concedido presencialmente, dez/2019.

Entrevistada C: Dona de casa, 27 anos, moradora do bairro do **Zumbi** há 7 anos. Depoimento concedido presencialmente, março/2020.

Entrevistada D: Funcionária de uma creche no Sítio do Berardo, 48 anos, moradora do bairro da **Madalena** na área que compreende o Sítio do Berardo há 29 anos. Depoimento concedido via mensagens de áudio, março/2020.

Entrevistado E: Professor, 52 anos, morador do bairro da **Madalena** há 30 anos. Depoimento concedido via formulário Google[14], abril/2020.

Entrevistada F: Empresária 45 anos, moradora do bairro da **Madalena** há 5 anos. Depoimento concedido via formulário Google, abril/2020.

Entrevistado G: Empreendedor/Líder social **Casa da Comunidade do Berardo – CCB Social**, Depoimento concedido via mensagens de texto e áudio, jun/2020.

Entrevistada H: Gerente geral do **COMPAZ Miguel Arraes**, Depoimento concedido via e-mail, jul/2020.

Entrevistada I: Proprietária de pequeno comércio alimentício no bairro do **Zumbi** há 22 anos, tem 51 anos de idade, moradora do bairro do Zumbi há 40 anos.

Entrevistado J: Proprietário de uma padaria no bairro da **Madalena** há 35 anos, tem 60 anos de idade, morador do bairro da Madalena há 45 anos.

[14]Os formulários aplicados via Google seguiram o mesmo roteiro e foram realizados dessa maneira a pedido dos entrevistados, em função da Pandemia da COVID-19.

APENDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM MORADORES

I. IDENTIFICAÇÃO:

Idade: _____ Sexo: _____ Profissão/ocupação: _____

Morador do bairro: _____

II. PERGUNTAS:

1. Há quanto tempo mora aqui? Os seus parentes mais próximos também residem neste local?

2. Gostaria que falasse sobre as características dessa área quando o(a) senhor(a) veio morar aqui.

3. Caso tenha informação de como era esta área antes da formação inicial do bairro, gostaria que falasse sobre a quem pertenciam as terras e como os primeiros moradores aqui se instalaram, bem como era o modo de vida desses primeiros moradores.

4. Gostaria que falasse sobre as transformações nas formas de moradia aqui no bairro. (Por exemplo, a construção e/ou reforma de casas e apartamentos).

5. Qual o preço médio de aluguel de imóveis por aqui? (Para área do mercado imobiliário informal).

6. Em termos de valores, costumes, comportamentos, o que se mantém ainda hoje na rotina das pessoas que vivem aqui neste bairro? (Uso de espaços públicos, atividades culturais e esportivas, feiras, bazares etc.)

7. Que tipos de ações a Prefeitura e outros órgãos públicos têm desenvolvido aqui no bairro? (Serviços de saúde, segurança, limpeza urbana, educação, infraestrutura, atividades culturais etc.)

8. Como vê a instalação de grandes edifícios nas áreas próximas aqui do bairro ou no próprio bairro?

9. Como ocorre a atuação das lideranças comunitárias aqui no bairro? (Mais aplicável às áreas pobres).

10. Como avalia a situação deste bairro em relação à disponibilidade de equipamentos públicos de lazer, saúde e educação? (Diante das carências a serem apontadas pelos entrevistados, lembrar de trazer à tona o uso das margens do canal como espaço público).

APENDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM COMERCIANTES

I. IDENTIFICAÇÃO:

Ramo e porte do comércio: _____

II. PERGUNTAS:

1. É morador do bairro? Se sim, há quanto tempo?

2. Há quanto tempo atua como comerciante no bairro?

3. Gostaria que falasse um pouco sobre a história do seu ponto de comércio aqui no bairro e até que ponto ele vem se transformando à medida que o cotidiano do bairro também tem mudado. (Quais os desafios de ontem e hoje, o que melhorou e o que piorou).

4. Este estabelecimento de comércio constitui a sua principal fonte de rendimento? (Aplicável apenas ao comércio das áreas pobres).

5. Em relação à sua clientela, as compras a prazo funcionam mais de forma tradicional (como o caderno de fiado) ou com o uso de meios modernos (cartão de crédito e débito)? Caso haja ainda o caderno de fiado, qual o perfil dos clientes que o senhor aceita vender sob tais condições? (Aplicável apenas ao comércio das áreas pobres).

APENDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EMPREENDEDOR SOCIAL/ LÍDER SOCIAL

I. PERGUNTAS:

1. Gostaria que fizesse um breve histórico da fundação e os objetivos da Associação que o senhor representa.

2. Qual é a área de abrangência da atuação da Associação? Como são definidos os limites territoriais do Sítio do Berardo, Zumbi e Madalena por parte dos moradores e da própria Associação Comunitária?

3. Qual é a relação entre a formação da comunidade do Berardo com a antiga fábrica de estopas?

4. Que desafios são mais enfrentados pela associação Casa da Comunidade do Berardo em sua atuação no cotidiano local?

5. Do ponto de vista da Associação, considerando que ela é voltada para o Berardo, há alguma relação com o bairro do Zumbi e com o da Madalena? Por quê?

6. Na sua percepção, o que tem se mantido e o que tem mudado no cotidiano da Comunidade do Berardo? (Uso de espaços públicos, atividades culturais e educativas, festividades de datas comemorativas).

6. Quais ações e projetos são desenvolvidos pela associação e como se dá o envolvimento da população?

APENDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM DIREÇÃO COMPAZ

I. PERGUNTAS:

1. Que função exerce no COMPAZ Miguel Arraes?

2. Saberia informar quais critérios foram considerados para a instalação do COMPAZ nessa localidade?

3. Quais os objetivos dessa organização? A que ela se propõe?

4. Quais serviços são oferecidos e a que público esses serviços são destinados?

5. O que o cidadão precisa fazer para ter acesso aos serviços e as dependências do COMPAZ? Existe algum critério quanto a localização da moradia ou o acesso é livre?

6. Foi realizado algum estudo junto a população a respeito dos serviços que seriam ofertados?

7. Como tem avaliado a participação e a interação das comunidades no entorno do COMPAZ?

8. Saberia identificar o tipo de público que frequenta o COMPAZ Miguel Arraes, considerando aspectos como a idade, localidade, condição econômica e social?

9. Existe algum tipo de ligação do COMPAZ Miguel Arraes com as organizações comunitárias dos bairros e comunidades do entorno? Se sim, como funciona esse diálogo?

10. Como avalia as formas de uso do COMPAZ? Há dificuldades em relação a segurança e as normas implantadas nesse espaço?

APENDICE E – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu, ANGELO FELIPE DO NASCIMENTO BEZERRA, portador(a) do CPF 032.059.234-05, e do RG 4.827.880 – SDS/PE, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Thalita Natália Cavalcanti**, sob a orientação do **Prof. Dr. Alcindo José de Sá** do projeto de pesquisa intitulado **"A (RE)PRODUÇÃO SOCIOESPACIAL E AS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA "VIDA DE BAIRRO" NOS BAIRROS DA MADALENA E ZUMBI, RECIFE – PE."** a realizar as fotos/filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos/imagens (seus respectivos negativos), das fotos fornecidas por mim e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos Idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.° 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Recife , em 22 de Setembro de 2020.

Entrevistado

Thalita Natália Cavalcanti

Pesquisador responsável pela entrevista

Scanned with

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu Thays Fernanda da Silva,
portador(a) do CPF 069.332.044-30, e do RG 7.310.405,
depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Thalita Natália Cavalcanti**, sob a orientação do **Prof. Dr. Alcindo José de Sá** do projeto de pesquisa intitulado **"A (RE)PRODUÇÃO SOCIOESPACIAL E AS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA "VIDA DE BAIRRO" NOS BAIRROS DA MADALENA E ZUMBI, RECIFE – PE."** a realizar as fotos/filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos/imagens (seus respectivos negativos), das fotos fornecidas por mim e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.° 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Recife, em 22 / 09 / 2020.

Thays Fernanda da Silva
Entrevistado

Thalita Natália Cavalcanti
Pesquisador responsável pela entrevista

Scanned with CamScanner